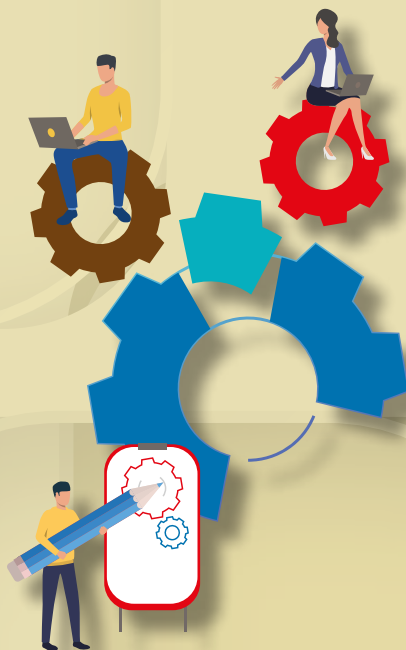


Maria Gerlaine Belchior Amaral
Maria José Camelo Maciel
Antonio Marcone de Oliveira
O R G A N I Z A D O R E S

PEDAGOGIA DO TRABALHO

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR

José Jackson Coelho Sampaio

VICE-REITOR

Hidelbrando dos Santos Soares

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Erasmus Miessa Ruiz

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes	Lucili Grangeiro Cortez
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes	Luiz Cruz Lima
Emanuel Angelo da Rocha Fragoso	Manfredo Ramos
Francisco Horacio da Silva Frota	Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Francisco José Camelo Parente	Marcony Silva Cunha
Gisafran Nazareno Mota Jucá	Maria do Socorro Ferreira Osterne
José Ferreira Nunes	Maria Salete Bessa Jorge
Liduína Farias Almeida da Costa	Sílvia Maria Nóbrega-Therrien

CONSELHO CONSULTIVO

Antonio Torres Montenegro UFPE	Maria do Socorro Silva de Aragão UFC
Eliane P. Zamith Brito FGV	Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça UNIFOR
Homero Santiago USP	Pierre Salama Universidade de Paris VIII
Ieda Maria Alves USP	Romeu Gomes FIOCRUZ
Manuel Domingos Neto UFF	Túlio Batista Franco UFF

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

COMITÊ EDITORIAL

Lia Machado Fiúza Fialho | Editora-Chefe

José Albio Moreira Sales

José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL

Antonio Germano Magalhães Junior UECE	Isabel Maria Sabino de Farias UECE
Antônio José Mendes Rodrigues FMHU/Lisboa	Jean Mac Cole Tavares Santos UERN
Cellina Rodrigues Muniz UFRN	José Rogério Santana UFC
Charlton José dos Santos Machado UFPB	Maria Lúcia da Silva Nunes UFPB
Elizeu Clementino de Souza UNEB	Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior UECE
Emanoel Luiz Roque Soares UFRB	Robson Carlos da Silva UESPI
Ercília Maria Braga de Olinda UFC	Rui Martinho Rodrigues UFC
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento UNIT	Samara Mendes Araújo Silva UESPI

Maria Gerlaine Belchior Amaral
Maria José Camelo Maciel
Antonio Marcone de Oliveira
O R G A N I Z A D O R E S

PEDAGOGIA DO TRABALHO

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

A U T O R E S

ANDRÉIA MENDES DOS SANTOS

ANTONIO MARCONE DE OLIVEIRA

EDUARDA MARIA DE ANDRADE

GLAÉ CORRÊA MACHADO

JACQUES THERRIEN

MARIA GERLAINE BELCHIOR AMARAL

MARIA JAKLINE DUARTE DE MACÊDO

MARIA JOSÉ CAMELO MACIEL

ROSALIANE LUSTOSA CARNEIRO TELES

STELLA MARTINS ESTRELA BATISTA

TATIANA RODRIGUES DAITX



Fortaleza | Ceará
2020

**PEDAGOGIA DO TRABALHO: A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL**

© 2020 Copyright by Maria Gerlaine Belchior Amaral,
Maria José Camelo Maciel e Antonio Marcone de Oliveira (Orgs.)

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL
EFETUADO DEPÓSITO LEGAL NA BIBLIOTECA NACIONAL

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – *Campus* do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



COORDENAÇÃO EDITORIAL
Erasmio Miessa Ruiz

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

REVISÃO DE TEXTO E NORMALIZAÇÃO
Felipe Aragão de Freitas Carneiro
felipearagaofc@hotmail.com

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA: *Regina Célia Paiva da Silva – CRB – 1051*

P371 Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação
profissional / Maria Gerlaine Belchior Amaral, Maria José Camelo
Maciel, Antônio Marcone de Oliveira (orgs.). – Fortaleza: EdUECE,
2020.

214p. (Coleção Práticas Educativas, 107)

ISBN: 978-85-7826-775-9

E-book

1. Prática de Ensino. 2. Ensino Profissional. 3. Qualificação
Profissional. 4. Educação. 5. Ensino – Orientação Profissional. 6.
Amaral, Maria Gerlaine Belchior. 7. Maciel, Maria José Camelo. 8.
Oliveira, Antônio Marcone de. I. Título.

CDD: 379.2981

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO | 7

Maria Gerlaine Belchior Amaral

Maria José Camelo Maciel

Antonio Marcone de Oliveira

PREFÁCIO | 11

Jacques Therrien

PRIMEIRA PARTE

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E PEDAGOGIA DO TRABALHO | 23

Maria José Camelo Maciel

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO* NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:

A TAREFA DA PEDAGOGIA E AS IDENTIDADES EMERGENTES | 42

Maria José Camelo Maciel

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO DESENVOLVIMENTO DAS PESSOAS NO MUNDO CORPORATIVO | 81

Antonio Marcone de Oliveira

SEGUNDA PARTE

PEDAGOGIA EMPRESARIAL: A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO SENAC EM FORTALEZA-CE | 109

Maria Jakline Duarte de Macêdo

Maria Gerlaine Belchior Amaral

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO SETOR DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NO SINE/IDT EM FORTALEZA-CE | 132

Rosaliane Lustosa Carneiro Teles

Maria Gerlaine Belchior Amaral

**PEDAGOGIA EMPRESARIAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO NO SENAC
E NO SENAI | 151**

Glaé Corrêa Machado

Andréia Mendes dos Santos

Tatiana Rodrigues Daitx

**PEDAGOGIA EMPRESARIAL: A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO SERVIÇO NACIONAL DE
APRENDIZAGEM DO TRANSPORTE (SENAT) EM FORTALEZA-CE | 169**

Eduarda Maria de Andrade

Maria Gerlaine Belchior Amaral

**A INTERFACE DA PEDAGOGIA COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: O TRABALHO
DO PEDAGOGO NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA | 187**

Stella Martins Estrela Batista

Maria Gerlaine Belchior Amaral

APRESENTAÇÃO

MARIA GERLAINE BELCHIOR AMARAL

Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), doutora e mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e licenciada em Pedagogia pela UECE. Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É membro integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (Educus). Em 2019 está realizando Formação em Psicanálise Clínica no Instituto Acadêmico de Psicanálise do Brasil (IAPB). Pesquisa a atuação do pedagogo em espaços escolares e não escolares. Esteve à frente do processo de organização dos seguintes livros: *Pedagogia hospitalar: múltiplos olhares e práticas* (2017) e *Pedagogia social: um horizonte educativo para contextos diversos* (2018).

E-mail: gerlaine.ufcg@yahoo.com.br.

MARIA JOSÉ CAMELO MACIEL

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestra em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e graduada em Pedagogia também pela UECE, com habilitação e especialização em Gestão Escolar. Desenvolveu entre 1996 e 2014 diversas atividades relacionadas à gestão no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Ceará (Senac/CE) e no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Paulo Freire, tendo sido diretora de ambas as instituições. Atuou como docente do ensino superior na Universidade de Fortaleza (Unifor) e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Atualmente é professora adjunta da UECE, onde coordena a Célula de Assessoria Pedagógica da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) e o Programa de Residência Pedagógica. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Profissional, Formação de Professores e Currículo.

E-mail: mazza.maciell@uece.br.

ANTONIO MARCONE DE OLIVEIRA

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Kurios (FAK), especializando em Pedagogia Empresarial pela Verbo Educa e graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professor das Faculdades Integradas do Ceará (Unific), na graduação e habilitação. Supervisor pedagógico do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Ceará (Senac/CE). Coordenador pedagógico do curso de Técnico em Nutrição e Dietética do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Iguatu, pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), no período de 2012 a 2013. Analista assistencial na função de coordenador dos Programas Educação em Saúde e Trabalho Social com Idosos do Serviço Social do Comércio do Ceará (SESC/CE) de 2010 a 2013. Entre o período de 2000 e 2008, atuou no ensino público municipal na cidade de Cariús/CE nas funções de professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e ensino fundamental e de diretor escolar; entre 2003 e 2009, atuou como professor de ensino médio das disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc/CE) no município de Jucás/CE. De 2000 a 2003, ingressou na educação como alfabetizador e coordenador pedagógico do Programa de Alfabetização Solidária (PAS) no município de Cariús/CE.

E-mail: antoniooliveira@ce.senac.br.



Pedagogia do Trabalho é um campo de estudo sobre o desenvolvimento dos indivíduos num processo histórico e social do trabalho, a qual se configura assumindo significados diferenciados conforme os estágios e características do grau de desenvolvimento alcançado pela sociedade num determinado tempo.

Nessas primeiras décadas do século XXI, assiste-se a um intenso processo de transformação na base técnica e econômica do modelo capitalista de produção que tem impactado fortemente a escola, principalmente a escola de educação profissional, devido à proximidade que esta mantém com o mundo produtivo, demandando, assim, uma nova Pedagogia do Trabalho, diferente daquela vigente no fordismo, que foi hegemônica até meados da década de 1980-1990 no Brasil.

Essa nova Pedagogia do Trabalho é definida por Kuenzer (2005) como uma resultante das mudanças ocorridas no mundo do trabalho sobre a educação, que passou a estabelecer uma nova mediação entre homem e trabalho, na qual o conhecimento é o elemento central.

No lastro dessas mudanças operadas no mundo produtivo, em que o conhecimento assume centralidade nos processos produtivos, emergem novos discursos no âmbito empresarial e novas categorias passam a disputar papel de destaque nos processos de formação dos trabalhadores. Categorias como capital intelectual, educação corporativa,

pedagogia empresarial, competências socioemocionais e empreendedoras, entre outras, expressam o protagonismo do empresariado sobre as políticas de educação nas últimas três décadas no Brasil, apontando para a necessidade de se analisar criticamente o papel que a educação assume frente à propalada valorização do ser humano nas organizações empresariais e, ao mesmo tempo, o que subjaz a estratégias como essas das empresas, que passam a assumir um papel educacional que até então cabia ao Estado através das instituições educativas.

Tal contexto reverbera no curso de Pedagogia, que tem a incumbência de formar profissionais aptos a promover o desenvolvimento da pessoa humana nas diferentes fases da vida e em contextos diversos, incluindo, desse modo, a formação do trabalhador, o qual precisa desenvolver um novo perfil de acordo com as demandas do tempo presente. Outrossim, a vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9.394/1996, estabelece como finalidades para a educação básica desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

A nosso ver, existe uma lacuna na formação do pedagogo no que concerne à compreensão dos conhecimentos inerentes ao mundo do trabalho. Cientes de tal realidade, propusemo-nos a sistematizar saberes neste campo, com vistas a subsidiar a formação dos estudantes de Pedagogia acerca da atuação do pedagogo na educação profissional. Trata-se de um esforço interinstitucional que envolve docentes da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Paraíba; Universidade Estadual do Ceará (UECE),

Ceará; Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Rio Grande do Sul; Universidade La Salle (UniLaSalle), Rio Grande do Sul; Faculdade CNEC, Rio Grande do Sul; e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).

Quanto à sua estrutura, o livro é composto de duas partes, a saber: a primeira traz a fundamentação teórica necessária à compreensão da dimensão conceitual inerente à relação trabalho e educação; a segunda apresenta textos com um caráter mais descritivo, com vistas a possibilitar uma visão panorâmica da atuação do pedagogo em contextos de educação profissional.

Boa leitura!

Referências

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

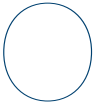
KUENZER, A. Z. Exclusão incluyente e inclusão excluyente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. *In*: SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L.; LOMBARDI, J. C. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 77-96.

PREFÁCIO

JACQUES THERRIEN

Pós-Doutor pela Universidade Laval (UL), Canadá, e pela Universidade de Valência (UV), Espanha, doutor em Educação pela Universidade Cornell, Estados Unidos, mestre em Educação também pela Universidade Cornell e em Filosofia pela Universidade de Montreal, Canadá, e graduado em Pedagogia pela Universidade Santa Úrsula (USU) e em Teologia Pastoral pelo Colégio Máximo Cristo Rei. Pesquisador sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e líder do grupo de pesquisa "Saber e Prática Social do Educador". Professor titular aposentado da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde foi diretor da Faculdade de Educação e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação. É professor pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi pró-reitor de Ensino de Graduação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Participou de comitês de educação no CNPq, na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) e no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Sua experiência na área de Educação predomina no campo do Saber Docente, atuando principalmente nos seguintes temas: pedagogia, formação docente, trabalho docente, epistemologia da prática docente, racionalidade pedagógica, aprendizagem, educação no campo e política educacional. E-mail: jacques@ufc.br.

“



trabalho como princípio educativo!”. Esse pressuposto fundante do desenvolvimento e emancipação do ser humano situado num mundo de relações com outros sujeitos imersos numa natureza ao mesmo tempo determinada e mutável nos leva a mergulhar numa reflexão sobre a obra **Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional**, uma empreitada de múltiplos ângulos nos atuais cenários da produção científica, que nos parece, *a priori*, uma temeridade para um Prefácio, caso não se recorra a um olhar definido frente ao propósito do livro em pauta!

Tanto as compreensões do senso comum como a produção científica qualificada, ambas em expansão acelerada nas últimas décadas, acrescidas a concepções de longas tradições em relação à temática proposta no título da obra, impõem o desafio de tentar delimitar o ângulo sobre o qual situamos nosso discurso. A história do mundo dos humanos permite acessos distintos para abordar o fenômeno *educação e trabalho*.

A temática foco destaca termos de amplos sentidos e significados: *pedagogia, trabalho e educação profissional*. Expõe uma extensa arena para debates, compreensões e esclarecimentos, trazendo o confronto de conhecimentos histórico-conceituais junto a saberes desenvolvidos na experiência cotidiana, de cuja síntese resultam transformações paulatinas e, às vezes, mais radicais.

Tratando-se de uma publicação acadêmica, o livro, como parte de uma coletânea que situa a *pedagogia* como centro de referência, permite uma compreensão que pode ser vista sob uma tríplice dimensão. Os conceitos de *trabalho* e de *educação*, com significados próprios, remetem à dimensão ontológica do ser humano como uma totalidade única e social, tanto pensada como viva e mutante.

No bojo dessa apreensão inicial que situa *trabalho* e *educação*, a *pedagogia* apresenta uma dimensão epistemológica agregando um campo de conhecimentos construídos na diversidade de convergências, contradições e negações que a história nos proporcionou até hoje em prol da transformação intencional do ser humano. Como campo disciplinar, tanto de formação profissional como de ações e práticas situadas, a *pedagogia* é entendida como ciência que efetivamente abarca uma diversidade de concepções epistemológicas e modalidades de ações e/ou práticas em vista tanto dos processos de aprendizagem do ser humano como de ensino explícito.

Dois eixos centrais e intrinsecamente integrados caracterizam o campo da *pedagogia*: o *currículo* e a *didática*, sendo o primeiro marcado por concepções epistemológicas e modulares múltiplas com propósitos definidos; e o segundo caracterizado por uma diversidade de intervenções em modalidades de práticas ou de práxis, algo que perpassa pelos demais campos disciplinares específicos quando esses eixos voltam-se para a formação de educadores e/ou professores.

Considero pertinentes estas breves considerações iniciais por se tratar de um subsídio que pretende contribuir na apresentação de uma obra científica, parte de uma cole-

tânea centrada na *pedagogia*: *pedagogia hospitalar*, *pedagogia social* e *pedagogia do trabalho*. Ao associar *pedagogia* e *trabalho*, constitui-se um “construto” para além dos conceitos isolados de *trabalho* ou de *pedagogia*. O construto, por ser mais abrangente e complexo, propicia compreensões distintas e multifacetadas ao nos referirmos ao trabalho do pedagogo na educação/formação de um profissional! Sem extrapolar a intenção desta publicação, entendo que a *educação profissional* inclui também contextos de ensino sob a responsabilidade de pedagogos, trabalhadores em educação!

Completando as reflexões anteriores, faz-se necessário postular nossa compreensão em relação ao fenômeno da aprendizagem quando relacionada seja aos saberes e conhecimentos em contexto de ensino, seja aos saberes experienciais. Situamos a autoformação e/ou autoeducação como base inegável e inseparável dos contextos de aprendizagem de um sujeito, tanto no trabalho, na experiência profissional e no ensino. Não se trata de excluir a atuação do professor ou do profissional de *pedagogia* ou mesmo de abrir mão da intencionalidade e sistematização das práticas educativas, trata-se sobretudo de reconhecer o ser humano como ser social, um sujeito de interação em permanente transformação e emancipação, como também ser de identidade única e própria que dá um sentido intransferível ao mundo onde vive.

A referida apropriação pelo sujeito aprendiz à vida no mundo é entendida como movimento constituinte de um ser único e social integrado ao mundo no qual ele encontra *outros* seres humanos. Referido movimento, considerado como de transformação de si ou ainda de emancipa-

ção, procede através dos sentidos que ele elabora e procura transmitir e dos significados de que ele se apropria vindos dos encontros com *outros* sujeitos. Devo ressaltar que o sentido é algo que o sujeito, ser único, vai construindo nas interações com os *outros* e o mundo que o circunda, tornando-se parte de sua identidade e modo de ser; o significado, por sua vez, situa-se nos consensos desenvolvidos nos encontros com “outros”, nos quais as partes reconhecem consentimento e concordância. Referimo-nos, portanto, ao ser humano que se constitui em relações eminentemente intersubjetivas, que, portanto, necessita de processos educativos e de formação que propiciam modos de aprendizagem à vida no mundo.

Após afirmar a autoformação e/ou autoeducação como fundantes dos processos educacionais e certamente predominantes em contexto de aprendizagem profissional, importa reconhecer e situar a função eminente e insubstituível do pedagogo na *educação profissional*. Afinal, o objeto central do livro em pauta refere-se à atuação do pedagogo na aprendizagem de um trabalhador!

A referida publicação, nos seus diversos capítulos, põe em destaque a formação e a atuação do pedagogo em ambientes de *educação profissional*. A presença do profissional de *pedagogia* em diversos contextos de trabalho, nesta obra, é permanentemente perpassada pelas particularidades do trabalho deste, algo que a primeira parte do livro fundamenta a contento. Encontramos disponível uma publicação que aborda o trabalho do pedagogo focalizando um educador profissional presente nem tanto como professor em sala de aula, mas na pluralidade de contextos educacionais.

A presente publicação traz um adequado e inovador enfoque sobre *pedagogia* e *trabalho*. Nesta predomina um trabalhador do campo da educação, o pedagogo, responsável pelo desenvolvimento de determinados conteúdos por elaborações didático-metodológicas adequadas a propostas de intervenções através de uma prática/práxis interativa na qual se apresenta como mediador de aprendizagem junto a trabalhadores profissionais.

Importa lembrar, portanto, que esse profissional de *pedagogia* foi sujeito, por sua vez, de um processo de formação desenvolvido em sala de aula, contexto situado de ensino intencional e estruturado envolvendo sujeito formador e sujeito aprendiz. Nesse caso, a educação escolar, abordada pelas ciências pedagógicas, implica um determinado “currículo” que se efetiva na práxis, distinta de uma mera prática, ou seja, de uma didática concebida como “saber ensinar produzindo aprendizagem de outro sujeito”.

Em síntese, a *pedagogia* tem, no seu *status* próprio de ciência da educação, a propriedade de ser voltada para a aprendizagem dos conhecimentos e saberes da vida no mundo de um sujeito em emancipação, tendo forte integração com as demais ciências, entre outras, humanas e sociais. Ela adquire *status* de ciência vinculada a todas as áreas disciplinares quando estas se voltam para a formação/educação de sujeitos aprendizes.

Dado seu princípio de reconhecer que o processo de aprendizagem se completa na autoformação e/ou autoeducação do próprio ser humano, de identidade única e social, a intrínseca relação desse sujeito com o mundo sempre o confronta com “outro” ser humano, social e inerentemente em relações de dependência. A sua aprendizagem passa,

portanto, por essa relação com o outro e o mundo da vida. Sob o ângulo de um profissional pedagogo, portanto, esse outro sujeito ocupa um espaço específico nos processos de aprendizagem.

A característica de uma profissão relacionada aos processos de aprendizagem requer do pedagogo domínio de fatores necessários aos processos de aprendizagem desse “outro” – ser humano aprendiz: intervir por meio de uma racionalidade comunicativa que permite o verdadeiro diálogo com esse “outro” aprendiz; a postura de mediação nas interações de acesso aos conhecimentos e saberes; o reconhecimento desse “outro” diferente dele mesmo, com quem busca o “entendimento” em relações de intersubjetividade; a escuta atenta desse outro aprendiz, de modo a reconhecer suas diferenças e compreensões; enfim, uma racionalidade dialógica que viabiliza o reconhecimento dos limites e diferenças. Em suma, aprendizagem condiz com emancipação do ser humano!

É nesse patamar que se encontra o educador, pedagogo, profissional de acesso aos saberes de sujeitos em processos de aprendizagem/emancipação. Não implica que este domine todos os saberes escolares ou profissionais, mas que tenha formação relacionada aos processos de aprendizagem, seja como profissional de *pedagogia* dedicado a essa ciência, seja como educador-professor de um determinado campo disciplinar de saberes e conhecimentos.

Importa, por fim, reconhecer que a *pedagogia* e o *trabalho* do pedagogo não restringem os processos de aprendizagem apenas a compreensões e intervenções delimitadas pelo “intelecto” da racionalidade instrumental e objetiva. Para além dessa real dimensão do ser humano, o campo

científico desse profissional se situa na totalidade do sujeito aprendiz, buscando agregar os elementos da aprendizagem nas suas múltiplas expressões captadas através dos sentidos e percepções de um ser vivo e situado no tempo e no espaço. A busca de totalidade da realidade na qual se encontra o sujeito aprendiz, seja educador ou educando, gera a complexidade expressa pela racionalidade humana em todas as suas dimensões subjetivas num todo integrado à racionalidade instrumental. Resta ao “intelecto”, sim, elaborar e expressar o entendimento próprio de um ser social e único em permanente transformação e emancipação.

Assim, entendemos o objeto da *pedagogia* como área científica que complementa as demais áreas científicas, quando estas se voltam para a formação de educadores, professores ou não, sempre envolvendo a aprendizagem de sujeitos situados no mundo da vida.

Finalmente, deve ser ressaltada a contribuição da publicação do livro **Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional**, o qual cobre uma lacuna de reflexão sistemática em relação ao paradigma *trabalho* e *educação* quando abordado no prisma da *pedagogia*, particularmente empresarial, em contexto de *educação profissional*.

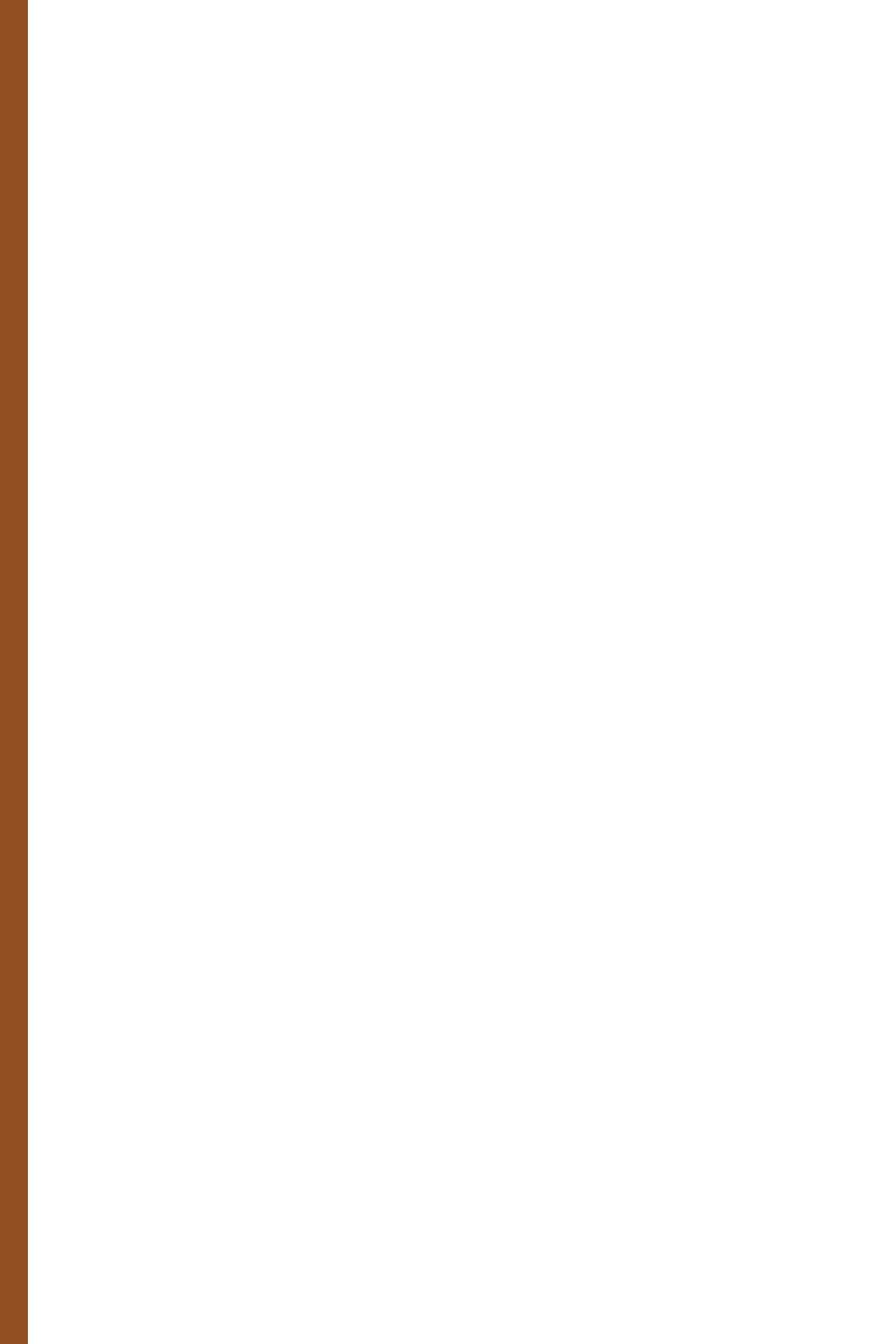
Neste Prefácio de uma importante publicação, referi-me a um debate científico que, quando estipula a complexa relação entre *trabalho* e *educação*, pode ser abordado sob diversos ângulos que a ciência ainda não esgotou, especialmente num mundo no qual o *trabalho* passa por múltiplas e complexas transformações; de qualquer modo, o debate provoca cada vez mais o papel da *pedagogia* e do pedagogo. “*Nihil novi sub sole*”. Basta lembrar os propósitos

dos longínquos diálogos filosóficos entre os mestres Sócrates, Platão e Aristóteles no Partenon de Atenas, na Grécia Antiga!

Meus agradecimentos aos autores pela excelente e inédita contribuição desta obra!



Primeira Parte



EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E PEDAGOGIA DO TRABALHO

MARIA JOSÉ CAMELO MACIEL

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestra em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e graduada em Pedagogia também pela UECE, com habilitação e especialização em Gestão Escolar. Desenvolveu entre 1996 e 2014 diversas atividades relacionadas à gestão no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Ceará (Senac/CE) e no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Paulo Freire, tendo sido diretora de ambas as instituições. Atuou como docente do ensino superior na Universidade de Fortaleza (Unifor) e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Atualmente é professora adjunta da UECE, onde coordena a Célula de Assessoria Pedagógica da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) e o Programa de Residência Pedagógica. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Profissional, Formação de Professores e Currículo.

E-mail: mazza.maciел@uece.br.

Introdução

Educação profissional e formação profissional, mundo do trabalho e mercado de trabalho, essas são expressões que, embora utilizadas como se tivessem o mesmo sentido, guardam diferenças entre si, principalmente em relação aos contextos em que seus usos adquirem significado. O termo “formação profissional” foi largamente utilizado no contexto educacional brasileiro até meados dos anos de 1990, o qual se referia à qualificação para as ocupações do mercado de trabalho.

Nos anos de 1990, no bojo das disputas pelo significado da educação no processo de redemocratização da sociedade brasileira e particularmente da educação para o trabalho, o termo “formação profissional” foi substituído por “educação profissional e tecnológica” e incorporado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9.394/1996, para denominar os processos de educação para o trabalho alinhados a uma perspectiva de educação integral. Nessa concepção, a educação profissional, como prática social, só pode ser compreendida no âmbito das relações entre educação e trabalho através do resgate dos aspectos subjacentes a essas relações.

A categoria pedagogia do trabalho possibilita a apreensão de tais aspectos através de uma abordagem crítica das relações pedagógicas que perpassam pelas relações sociais e produtivas, seja nos espaços escolares, profissionais e sociais. Portanto, permite-nos realizar uma análise crítica das relações entre capital e trabalho sob a égide do modelo produtivo capitalista.

Tomando a referida abordagem como pano de fundo, focalizamos as propostas de educação profissional praticadas na sociedade brasileira apontando que elas, para serem coerentes com o sentido expresso no termo “educação profissional”, precisam levar em consideração a necessidade de proporcionar uma sólida preparação técnico-científica, integrada a uma base humanista e de cultura geral, tendo como perspectiva a luta pela transformação social. A realização de tal abordagem considera a educação profissional orientada pelos conceitos do trabalho como princípio educativo e da politecnia, conceitos estes formulados por Gramsci na primeira metade do século passado e utilizados nos estudos de educadores brasileiros, como nos de Kuenzer (1985, 1998, 1999, 2002a, 2002b), Kuenzer e Grabowski (2006) e Saviani (1989, 2003, 2007), por exemplo.

Ao examinar os requisitos que o modo de produção capitalista faz ao perfil do trabalhador em cada etapa de seu desenvolvimento, apreendemos, sob o viés da pedagogia do trabalho, a existência de uma dimensão pedagógica implícita nas relações capital/trabalho que determina e orienta o tipo de trabalho educativo que a escola deve realizar. A escola de educação profissional, em face dessas demandas, vê-se diante de um dilema: assumir que sua função, como instituição educativa, é formar o ser humano

em sua integralidade; ou se submeter servilmente ao que o mercado requer.

Sabemos que a escola é, ao mesmo tempo, um dos meios privilegiados pela sociedade capitalista para veiculação de seus valores, ideologias e saberes e *locus* em que se estabelecem e se desvelam os nexos entre produção e cultura, entre trabalho e cidadania, tratando-se, portanto, de um projeto cujo sentido e significado são objetos de disputa pelos profissionais que nela atuam. Nesse enfoque, situamos a disputa pelos sentidos dos projetos de educação profissional.

A relação trabalho e educação e a pedagogia do trabalho

A pedagogia do trabalho, de acordo com a definição expressa no *Dicionário interativo da educação brasileira*, é um campo de estudo sobre o desenvolvimento dos indivíduos num processo histórico e social do trabalho (MENEZES; SANTOS, 2002). A realização desse desenvolvimento passa pelo entendimento de que a formação do indivíduo resulta de um duplo processo por ele vivido:

- a) de apropriação das características do gênero humano, as quais resultam de um processo histórico de transformação objetiva da realidade natural e social, mediante a atividade vital do trabalho;
- b) de objetivação, quando também ele participa desse processo de transformação.

Nesse duplo processo, situa-se, conforme Duarte (2004), a dinâmica essencial do trabalho, a qual está cir-

cunscrita na dialética entre *apropriação* e *objetivação* teorizada na obra de Marx como a dinâmica essencial do processo de produção e reprodução da cultura humana:

[...] o processo de apropriação surge, antes de tudo, na relação entre o homem e a natureza. O ser humano, através de sua atividade transformadora, apropria-se da natureza incorporando-a à sua prática social. Ao mesmo tempo, ocorre também o processo de objetivação: o ser humano produz uma realidade objetiva que passa a ser portadora de características humanas, pois adquire características socioculturais, acumulando a atividade de gerações de seres humanos. (DUARTE, 2004, p. 24).

É importante notar, conforme destaca Duarte (2004), que o processo de objetivação da cultura humana não existe sem o seu oposto e, ao mesmo tempo, complemento, que é o processo de apropriação dessa cultura pelos indivíduos. A apropriação da cultura pelos indivíduos, portanto, é o processo de formação do homem, tratando-se, pois, de um processo contextualizado historicamente, repassado de geração a geração no seio das relações sociais concretizadas através da ação humana sobre a natureza, e vice-versa, sendo que tal processo é repassado pelo trabalho.

O trabalho, como destaca Saviani (1989), além de compreender a prática social da educação, é também a base da existência humana, pois os homens se caracterizam como tais na medida em que produzem sua própria existência a partir de suas necessidades. Para o autor:

Através do trabalho, o homem vai produzindo as condições de sua existência e vai transformando a natureza e criando, portanto, a cultura, criando um mundo humano. Esse mundo humano vai se ampliando progressivamente com o passar dos tempos. Na formação dos homens, há que se levar em conta o grau atingido pelo desenvolvimento da humanidade. Conforme se modifica o modo de produção da existência humana, portanto o modo como ele trabalha, produz-se a modificação das formas pelas quais os homens existem. (SAVIANI, 1989, p. 17).

Compreende-se, pois, que a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade, pois a produção da existência humana implica o desenvolvimento de formas e conteúdos cuja validade é estabelecida pela experiência, o que configura um verdadeiro processo de aprendizagem. Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia é corroborada pela experiência necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie (SAVIANI, 2007).

A análise extraída dos estudos dos dois autores anteriormente citados nos possibilita a compreensão dos fundamentos histórico-ontológicos da relação entre trabalho e educação. Fundamentos históricos porque referidos a um processo produzido e desenvolvido ao longo do tempo pela ação dos próprios homens. Fundamentos ontológicos porque o produto dessa ação – o resultado desse processo – é o próprio ser dos homens (SAVIANI, 2007).

De acordo com Manfredi (2003), qualquer trabalho, como ato de produção e/ou construção de bens materiais ou simbólicos, requer o uso de faculdades físicas e mentais existentes no corpo e na personalidade viva do ser humano, resultando, para além de um produto final, na produção de conhecimentos. Durante o ato de trabalho, conforme a autora: “O trabalhador não transforma apenas o material sobre o qual ele opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante de seu modo de operar e ao qual tem que subordinar sua vontade” (MANFREDI, 2003, p. 24-25).

Assim, durante o ato do trabalho, além da produção de bens materiais, há também a produção de habilidades técnicas, saberes sobre o trabalho e sobre as relações em que se produz o trabalho e o trabalhador. “O ato do trabalho constitui em si uma instância de produção-formação, em que o trabalhador articula o que fazer com o pensar, cria sistemas, técnicas, busca fundamentos práticos e teóricos para dar sentido à sua atividade” (MANFREDI, 2003, p. 24-25).

Existe, assim, no trabalho uma dimensão pedagógica, uma pedagogia que perpassa pelas relações no/do trabalho e incorpora elementos materiais e simbólicos do modo de o homem operar sobre a natureza, pois, ao agir, o trabalhador utiliza o repertório de métodos, procedimentos, técnicas e saberes acumulados em sua trajetória profissional. Além desses conhecimentos, conforme demarca Manfredi (2003), há também a aprendizagem e incorporação de valores, atitudes e crenças culturais que compreendem o cotidiano de trabalho e fazem parte da experiência histórica dos trabalhadores, o que inclui também as suas lutas e conquistas históricas.

A partir da compreensão ensejada nesta análise, o trabalho se configura como princípio educativo. Orientar as propostas educativas a partir de tal princípio significa situá-las no âmbito de uma abordagem histórico-social do trabalho educativo e fundamentá-las na análise das especificidades ontológicas do mundo social.

No mesmo lastro teórico também se insere o conceito de “politecnia”, que, como afirma Saviani (2003), toma como pressuposto a possibilidade de que o processo de trabalho se desenvolva de modo a assegurar a indissociabilidade entre atividades manuais e intelectuais. O referido autor apoia-se em Gramsci para apontar o trabalho como princípio educativo e afirma não existir, no trabalho humano, a possibilidade de dissociação entre o trabalho manual e o intelectual, à medida que, mesmo no trabalho físico mais brutal e repetitivo, o pensamento se faz presente.

Ao encaminhar o foco desta análise para as relações entre capital e trabalho, examinando a produção teórica que trata da relação entre trabalho e educação sob a óptica da pedagogia do trabalho, é possível destacar três momentos históricos significativos nessa relação. O primeiro deles emerge da análise da educação nas sociedades primitivas, nas quais o modo coletivo de produção da existência humana era característico e a educação consistia numa ação espontânea, não diferenciada das outras formas de ação desenvolvidas pelo homem, coincidindo inteiramente com o processo de trabalho que era comum a todos os membros da comunidade (SAVIANI, 2007). A partir da divisão dos homens em classes, a educação também foi dividida, sendo possível, nessa divisão, apreender os outros dois momentos em consequência do modo de produção capitalista: um

que se associa à reprodução das formas de alienação e divisão do trabalho do modelo taylorista-fordista de produção; e outro que assume novas formas de alienação sob a égide do modelo de acumulação flexível.

Em face da divisão do trabalho na sociedade capitalista, a pedagogia do trabalho se preocupa com o desenvolvimento das potencialidades humanas, pois entende os limites de sua realização diante de um trabalho alienado. Diante disso, depreende-se a importância da compreensão crítica da configuração das relações entre capital e trabalho por parte daqueles que lidam com a educação, principalmente a educação profissional, a fim de que se possa ter uma consciência crítica diante das propostas que submetem cegamente a prática formativa aos apelos imediatistas do mercado de trabalho, limitando o seu fazer à aprendizagem de técnicas e desenvolvimento de habilidades para execução de tarefas no mercado de trabalho. Ao realizar as práticas de educação profissional, é importante ter em mente que se trata de uma prática vinculada ao mundo laboral, e não simplesmente ao mercado de trabalho.

Vincular as propostas de educação profissional ao mundo profissional significa dotá-las de conteúdos relacionados aos elementos materiais e simbólicos do modo de produção, o que inclui a cultura do trabalho, as lutas dos trabalhadores e uma sólida base científica que fundamenta os fazeres, com vistas a romper com a dissociação entre trabalho manual e intelectual.

Colocam-se, portanto, como fundamentais aos que lidam com tais propostas a compreensão da natureza das exigências feitas à educação profissional na contempora-

neidade e a oposição de tais exigências ao sentido crítico agregado ao termo “educação profissional”.

A pedagogia do trabalho e a educação profissional na contemporaneidade

Os estudos de Kuenzer (1985, 1998, 1999, 2002a, 2002b, 2006) nos proporcionam uma reflexão crítica acerca da relação entre as exigências feitas à educação profissional a cada fase de desenvolvimento das forças produtivas e os processos pedagógicos implementados na escola para a formação do trabalhador em resposta a essas exigências. Os referidos estudos têm enfatizado os processos pedagógicos no âmbito da instituição escolar a partir da utilização dos conceitos de pedagogia do trabalho taylorista-fordista e de nova pedagogia do trabalho para remetê-los aos padrões produtivos predominantes nas duas distintas etapas históricas mais recentes no Brasil. Todo o trabalho da autora está perpassado pela crítica desses processos pedagógicos e pela defesa intransigente de uma proposta pedagógica crítica e emancipatória de formação dos trabalhadores e trabalhadoras.

A proposta pedagógica defendida nessa perspectiva, ao tomar o trabalho como princípio educativo, dá realce a um percurso educativo em que estejam presentes e articuladas as dimensões teórica e prática em todos os momentos da formação, contemplando, ao mesmo tempo, uma sólida formação científica e a formação tecnológica de ponta, ambas sustentadas em um consistente domínio das linguagens e dos conhecimentos sócio-históricos. Isso significa afirmar que a proposta político-pedagógica advogada pela

autora terá como finalidade o domínio intelectual da tecnologia a partir da cultura. Equivale dizer que contemplará no currículo, de forma teórico-prática, os fundamentos, os princípios científicos e as linguagens das diferentes tecnologias que caracterizam o processo de trabalho contemporâneo, tomados em sua historicidade (SAVIANI, 2003).

Na verdade, é esse o embasamento que dá sustentação teórica às propostas de educação profissional que se inscrevem no campo crítico, gerando, assim, um significado social distinto às práticas de formação. Vale dizer que o significado é como algo que se define para os sujeitos em ações coletivas, os significados são aprendidos, apreendidos e socializados.

Todavia, quando se busca o significado assumido nas práticas de formação que se desenvolvem no interior de grande parte das instituições que lidam com a educação profissional, não se pode afirmar o predomínio de propostas tais como concebidas nas vertentes críticas, até porque não se pode desconsiderar que os sujeitos que atuam ali sofrem as determinações e as influências da sociedade em que se inserem; que assimilam, produzem e reproduzem as lógicas da sociedade capitalista e também se contradizem. Muitas vezes, mediante as relações capital/trabalho e sujeito/objeto postas pelo modo de produção capitalista, que vê a escola como mais um aparelho a seu serviço, descortina-se uma série de mediações e determinações que desviam o foco dessas práticas de seus significados emancipatórios e *humanizatórios*.

Ao admitirmos que é na materialidade concreta da realidade, das coisas, dos processos e dos fenômenos que as relações adquirem significado, apreendemos que a pe-

dagogia do trabalho se configura assumindo significados diferenciados, conforme os estágios e características do desenvolvimento das forças produtivas.

Cada sociedade, cada modo de produção e regime de acumulação, em suas etapas históricas, dispõem de formas próprias de educação que correspondem às demandas dos grupos e das funções que lhes cabe desempenhar na divisão social e técnica do trabalho. O exercício dessas funções não se restringe ao caráter produtivo, mas abrange todas as dimensões comportamentais, ideológicas e normativas que lhes são próprias. A escola, mormente a de educação profissional, inspira-se nessas demandas para elaborar as suas propostas pedagógicas.

Nessa relação, os contornos das propostas de educação vão se delineando historicamente a partir das mudanças ocorridas nas formas de produção, dado que em cada etapa histórica o sistema político-econômico-social conforma as demandas de formação às características de seus patamares de desenvolvimento. Assim, nos diferentes momentos históricos e nas diversas modificações ocorridas na base técnica produtiva, comparece um apelo diferenciado aos tipos de comportamentos e de saberes que se fazem necessários aos padrões de vivência estabelecidos. Nesse movimento é possível apreender também diferentes características dos processos pedagógicos implementados nas várias instâncias sociais, o que, no modo de produção capitalista, responde às necessidades decorrentes da valorização do capital.

Gramsci (1978), ao analisar o americanismo e o fordismo, já demonstrava a eficiência dos processos pedagógicos no processo de valorização do capital, à medida que, a

partir das relações de produção e das formas de organização e gestão do trabalho então hegemônicas, eram concebidos e veiculados novos modos de vida, comportamentos, atitudes e valores. O novo tipo de produção racionalizada, conforme o autor citado, demandava um novo tipo de homem, capaz de ajustar-se aos novos métodos da produção, para cuja educação eram insuficientes os mecanismos de coerção social. Tratava-se de articular novas competências a novos modos de viver, pensar e sentir, adequados aos novos métodos de trabalho, caracterizados pela automação de base eletromecânica, que implicava a ausência de mobilização de energias intelectuais e criativas no desempenho do trabalho. É nesse sentido que a hegemonia, além de expressar uma reforma econômica, assume as feições de uma reforma intelectual e moral (GRAMSCI, 1978).

A escola, nessa perspectiva, constituiu-se historicamente como um dos aparelhos das reformas econômicas, a qual passou a se constituir como o espaço por excelência do acesso ao saber teórico, divorciado da práxis, representação abstrata feita pelo pensamento humano e que corresponde a uma forma peculiar de sistematização, elaborada a partir da cultura de uma classe social, a qual, não por coincidência, é a classe que detém o poder material e que possui também os instrumentos materiais para a elaboração do conhecimento. Era assim que a escola, no século passado, fruto da prática fragmentada, expressava e reproduzia a fragmentação através do desenvolvimento de uma pedagogia que expressava seus conteúdos, métodos e formas de organização e gestão. Essa era a marca mais forte da pedagogia tecnicista, cuja inspiração emanava do trabalho sob o paradigma produtivo taylorista-fordista.

No século atual, assiste-se a um intenso processo de transformação na base técnica e econômica do modelo capitalista de produção, que tem impactado fortemente a escola, principalmente a escola de educação profissional, devido à proximidade que esta mantém com o mundo produtivo, demandando, assim, uma nova pedagogia do trabalho, diferente daquela vigente no fordismo, que foi hegemônica até meados da década de 1980 no Brasil.

Essa nova pedagogia do trabalho é definida por Kuenzer (2005) como uma resultante das mudanças ocorridas no mundo do trabalho sobre a educação, que passou a estabelecer uma nova mediação entre homem e trabalho, na qual o conhecimento é o elemento central. Para a autora, o conhecimento é compreendido como produto e processo da práxis humana, síntese entre pensamento e ação, conteúdo e método, individual e coletivo.

Se nos processos de trabalho da fase histórica anterior bastava o domínio de habilidades manuais, agora essa exigência tende a ser diferente. Naquele modelo, as relações entre educação e trabalho, de acordo com a autora supracitada, eram mediadas por atividades operacionais. O trabalhador considerado qualificado era aquele que executava tarefas com habilidade, geralmente adquirida pela combinação entre treinamento e experiência, que se davam através da mediação das atividades laborais. Em decorrência da natureza dos processos técnicos, transparentes, rígidos e estáveis, bastavam habilidades psicofísicas, memorização e repetição de procedimentos para definir a capacidade para executar determinadas tarefas, cujas variações eram pouco significativas ao longo do tempo, permitindo uma adaptação quase “natural” às mudanças. A essa forma de organização do

trabalho correspondiam padrões de vida social igualmente bem definidos e relativamente estáveis (KUENZER, 2005).

Dessa forma, não se exigia do trabalhador mais do que alguns anos de escolaridade, o suficiente para permitir o domínio de alguns conhecimentos básicos de leitura, escrita, cálculo, natureza e sociedade. Todavia, sentencia Kuenzer (2005, p. 33):

Com a progressiva perda de conteúdo do trabalho, que vai se tornando cada vez mais abstrato pela crescente incorporação de ciência e tecnologia ao processo produtivo para atender aos objetivos da acumulação, estas habilidades cognitivas, até então restritas a um número reduzido de funções, passam a ser requeridas para o conjunto dos postos transformados pela reestruturação produtiva. [...] Assim, do homem comum de massa passou-se a exigir um aporte mais ampliado de conhecimentos e habilidades cognitivas superiores para que pudesse participar da vida social e produtiva. Embora os postos de trabalho diminuam de forma acentuada como consequência da acumulação flexível, as mudanças ocorridas no mundo do trabalho passam a exigir realmente uma nova relação com o conhecimento para que se possa viver em sociedade, o que, para a grande maioria da população, só pode ocorrer através da escola.

Derivam dessa realidade as categorias da nova pedagogia do trabalho, que difere da pedagogia taylorista-fordista, cujo fundamento era a nítida separação entre as

atividades intelectuais e manuais, do que decorria, para a maioria, uma relação entre educação e trabalho mediada pelas formas de fazer. Isso não significa que essas formas estejam completamente superadas “[...] ou que esteja superada a divisão entre capital e trabalho: esta, mais fortalecida do que nunca, apenas se realiza de outras formas” (KUENZER, 2005, p. 35).

Admitindo-se que o trabalho é a base da existência humana, será necessário indagar em que medida seria possível considerar o trabalho como princípio balizador de uma proposta emancipatória de educação profissional no seio da sociedade capitalista. Resgatando as concepções de Saviani (1989, 2003, 2007) apresentadas no início deste capítulo sobre o trabalho como princípio educativo da escola unitária, percebemos que essa é uma concepção radicalmente oposta ao que se exercita na maioria das práticas de ensino profissionalizante, nas quais a profissionalização é entendida como um adestramento em uma determinada habilidade sem o conhecimento dos fundamentos dessa habilidade e, menos ainda, da articulação dessa habilidade com o conjunto do processo produtivo.

Considerações finais

A incorporação do trabalho como diretriz orientadora dos projetos de educação profissional conduz a uma proposta pedagógica em que os conhecimentos construídos historicamente e socialmente são encarados como importantes meios para compreender o mundo em que se vive, as relações que nele se estabelecem, inclusive para entender a própria incorporação pelo trabalho dos conhecimentos

científicos no âmbito da vida e da sociedade, tendo como papel preponderante a recuperação da relação entre o conhecimento e a prática do trabalho. Portanto, as propostas que se concretizam por intermédio de mero treinamento de habilidades são vazias e não se caracterizam como educação profissional no seu amplo sentido.

As propostas de formação dos trabalhadores, numa abordagem histórico-social, não podem abarcar somente os aspectos circunscritos à cultura empresarial, mas também os saberes dos trabalhadores e trabalhadoras construídos individual e coletivamente e a cultura no/do trabalho. Contudo, as contradições postas pelo trabalho capitalista, que o configuram como trabalho alienado, promovem rupturas e impedem o desenvolvimento dessa relação, atuando através de uma pedagogia que apenas reproduz as dimensões orgânicas ao processo de valorização do capital.

Assim, reiteramos a defesa de projetos de educação profissional que não apenas reproduzam a especialização que ocorre no processo produtivo. O horizonte que deve nortear a organização do ensino, nessa perspectiva, é o de propiciar aos alunos o domínio dos conhecimentos sócio-históricos e os fundamentos das técnicas diversificadas utilizadas na produção, e não o mero adestramento em técnicas produtivas; não a formação de técnicos especializados, mas de politécnicos. Politecnia aqui entendida conforme Saviani (1989), que significa domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas utilizadas na produção moderna.

Referências

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

DUARTE, N. (Org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. São Paulo: Cortez, 2004.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KUENZER, A. Z. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. *Boletim Técnico do Senac*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 3-11, 2002a.

KUENZER, A. Z. Educação profissional: categorias para uma nova pedagogia do trabalho. *Boletim Técnico do Senac*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 19-29, 1999.

KUENZER, A. Z. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. C. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. São Paulo: Cortez, 2002b. p. 77-95.

KUENZER, A. Z. *Pedagogia da fábrica*. São Paulo: Cortez, 1985.

KUENZER, A. Z. Pedagogia do trabalho na acumulação flexível: os processos de inclusão excludente. *Boletim Técnico do Senac*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 32-38, 2005.

KUENZER, A. Z. *et al.* *A formação dos profissionais da educação*: proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais. Curitiba: Setor de Educação, 1998. Mimeografado.

KUENZER, A. Z.; GRABOWSKI, G. Educação profissional: desafios para a construção de um projeto para os que vivem do trabalho. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, p. 297-318, 2006.

MANFREDI, S. M. *Educação profissional no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003.

MENEZES, E. T.; SANTOS, T. H. *Dicionário interativo da educação brasileira*: EducaBrasil. São Paulo: Midiamix, 2002.

SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez, 1980.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, D. *Sobre a concepção de politecnia*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1989.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12 n. 34, p.152-180, 2007.

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO* NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A TAREFA DA PEDAGOGIA E AS IDENTIDADES EMERGENTES

Com o objetivo de facilitar a leitura do texto, optou-se por utilizar o “masculino neutro”.

MARIA JOSÉ CAMELO MACIEL

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestra em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e graduada em Pedagogia também pela UECE, com habilitação e especialização em Gestão Escolar. Desenvolveu entre 1996 e 2014 diversas atividades relacionadas à gestão no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Ceará (Senac/CE) e no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Paulo Freire, tendo sido diretora de ambas as instituições. Atuou como docente do ensino superior na Universidade de Fortaleza (Unifor) e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Atualmente é professora adjunta da UECE, onde coordena a Célula de Assessoria Pedagógica da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) e o Programa de Residência Pedagógica. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Profissional, Formação de Professores e Currículo.

E-mail: mazza.maciел@uece.br.

Introdução



formação do pedagogo prioriza a preparação para a atuação na docência na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, bem como para a gestão das instituições educativas. Ocorre que vivenciamos atualmente uma fase histórica em que o conhecimento assume a centralidade dos processos socioculturais, ampliando, assim, o conceito de educação e demandando a diversificação das atividades educativas e da ação pedagógica na sociedade (LIBÂNEO, 2001).

A atuação do pedagogo, ante o exposto, também se amplia e seus espaços de atuação passam a ser de vários tipos, trazendo a necessidade de reflexão acerca do seu processo formativo, seu papel social nesses espaços, as identidades e saberes que emergem frente à especificidade desses diversos espaços.

Situada nesse contexto, a presente análise, que se trata de um recorte da minha tese de doutoramento, enfoca a atuação do pedagogo na escola de educação profissional, realçando os impasses, dilemas, saberes e visões de mundo e de educação que emergem no âmbito da ação pedagógica que esse profissional realiza na modalidade educativa de educação profissional e tecnológica.

As propostas de educação profissional, em face das significações sociais que lhes são conferidas na contemporaneidade, situam-se entre duas fronteiras: de um lado, a defesa dos educadores críticos de que sua função é formar o ser humano em sua integralidade, na qual se insere o trabalho como princípio educativo; de outro lado, a existência de práticas subsumidas ao mercado, nas quais a educação profissional é sinônimo de treinamento.

Nessa perspectiva, o trabalho revisita a discussão sobre a função social da escola, com ênfase naquela de educação profissional, realçando a importância do trabalho do pedagogo na concretização dessa função, apresentando uma breve discussão sobre como esse profissional se posiciona considerando a sua identidade, a dimensão ética de sua formação e os reflexos de sua atuação para as práticas e função social da escola de educação profissional.

O presente capítulo, portanto, dedica-se à análise da atuação do pedagogo nas instituições de educação profissional, enfocando a tarefa da Pedagogia e as identidades emergentes da ação pedagógica realizada nas referidas instituições.

O pedagogo: saberes e identidade

Concebe-se pedagogo como o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos projetos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista os objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica. Tal concepção se ancora na

vasta produção teórica existente que analisa a identidade do pedagogo, sua formação e seus saberes, explicitando os aspectos que contribuem na formação de suas convicções e de sua visão de mundo.

Os estudos realizados por Libâneo (2004) e Therrien (2005), por exemplo, apontam que esse profissional utiliza-se de fundamentos de diversas áreas do conhecimento para construir suas referências para a ação e compreensão de diferentes práticas pedagógicas que se desenvolvem em variados contextos e espaços educativos conforme as relações sociais de nossa época; entre os seus fazeres, destacam-se: transformar o conhecimento social e historicamente produzido em saber escolar; selecionar e organizar conteúdos a serem trabalhados através de estratégias metodológicas adequadas; construir formas de organização e gestão dos sistemas de ensino nos vários níveis e modalidades; e finalmente, nos seus fazeres, participar como um dos atores da organização de projetos educativos – escolares e não escolares – que expressem os anseios da sociedade e dos sujeitos sociais. Tais fazeres, conforme expressa Tardif (2003), imersos na dinâmica do cotidiano da instituição escolar, misturam-se e confrontam-se com diversas concepções, valores e saberes que são plurais, pois sua prática integra múltiplos saberes com os quais mantém distintas relações.

Ao analisar a base de conhecimentos do pedagogo, Therrien (2005) destaca que, para o exercício de sua profissão, esse profissional detém três categorias de domínio de saberes. A primeira, proveniente dos diversos campos da ciência, tais como da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia, da Filosofia, da História, da Linguagem, etc.,

proporciona-lhe condições de leitura do mundo nos múltiplos olhares que a ciência desenvolve. A partir de um embasamento nesses diversos campos de conhecimento, o pedagogo realiza “[...] a leitura do mundo onde se situa e atua cotidianamente, construindo um saber situado culturalmente. São os saberes que o iniciam à leitura do mundo” (THERRIEN, 2005, p. 3). A segunda categoria de domínio de saberes próprios ao pedagogo e à profissão que exerce, ainda conforme o autor citado anteriormente, diz respeito às dimensões específicas da Pedagogia, ou da gestão pedagógica propriamente dita. Além daqueles saberes que fundamentam os processos de ensino-aprendizagem do trabalho pedagógico e suas teorias, bem como suas determinações legais, há também, conforme o autor citado:

[...] o conjunto de saberes necessários à gestão educacional compreendida como a organização do trabalho pedagógico em termos de planejamento, coordenação, acompanhamento e avaliação nos sistemas de ensino e processos educativos escolares e não escolares; estudo e formulação de políticas públicas na área da educação. (THERRIEN, 2005, p. 4).

Como terceira categoria, Therrien (2005) dá destaque ao saber experiencial, aquele construído no cotidiano da trajetória pessoal de vida social e cultural, de formação e particularmente de trabalho profissional, que molda a identidade e o repertório de saberes do pedagogo.

As fontes sociais das quais provêm os saberes profissionais dos pedagogos têm origens diversas. Tardif (2003) refere-se ao pluralismo do saber desses profissionais, rela-

cionando-o com os lugares onde atuam/trabalham, com as organizações que os formam, as fontes de aquisição desse saber e seus modos de integração no seu trabalho e no projeto de educação que defendem.

Considerando, conforme destacam os autores acima citados, que o pedagogo é um construtor de saberes e que os lugares onde atua é fonte de construção desses saberes, partimos da premissa de que, ao se inserir na escola de educação profissional, tanto a atuação do pedagogo é informada por referências construídas na sua formação em Pedagogia, nas suas inserções social e laboral, nos seus valores e visões, como também é ampliada através dos saberes que constrói ao se apropriar do significado dessa escola que passa a se vincular com os sentidos que atribui à sua prática. A escola de educação profissional passa, portanto, a ser fonte de construção do saber social do pedagogo.

Assinalamos, consoante Damasceno (2005), o caráter histórico do saber social e seus reflexos sobre os sentidos e significados que os atores sociais têm de sua realidade. A autora demarca que:

É importante deixar claro o caráter histórico deste saber, isto significa que o saber trazido pelos agentes educacionais traduz-se em um saber da prática social, na medida em que é apropriado e incorporado pelo grupo social – em função de sua prática social, dos seus interesses, enquanto grupo específico. (DAMASCENO, 2005, p. 142).

Realçamos também, com base em Therrien (2005), que a concepção do pedagogo, como um produtor de saber

pedagógico, demanda-lhe competência profissional para a compreensão teórica e prática da gestão pedagógica. Tal competência, esclarece o autor, está perpassada pela dimensão ética, a qual o leva a imprimir suas concepções e visões de mundo no trabalho coletivo que desenvolve nas instituições, o que exige compromisso do educador.

Além da compreensão dos saberes do pedagogo como saber social que carrega as marcas de sua trajetória de inserção no mundo social e da sua subjetividade como sujeito que constrói suas convicções e as expressa ao se objetivar neste mundo social, é importante destacar que tais saberes são expressões da identidade do profissional da Pedagogia. Ao integrarem um repertório comum de saberes da categoria profissional a que pertence o conjunto de pedagogos, em função de sua formação, suas atividades e competências comuns lhe conferem uma identidade própria como grupo social ou categoria profissional específica. Entende-se, pois, que esses saberes são indissociáveis do significado atribuído à educação, de seu papel na sociedade, a partir do que estabelecem os limites e possibilidades de sua prática em relação à interpretação dos determinantes sociais, políticos e culturais que transpassam a sua atuação nos espaços de inserção profissional.

Enfocar a atuação do pedagogo na instituição de educação profissional, a partir desse lastro de compreensão brevemente acima traçado, implica o reconhecimento de que nesse espaço ocorre um processo de mútua implicação de projetos. De um lado, o projeto de educação que o pedagogo defende, que é perpassado por sua identidade como profissional da educação, pelos saberes provenientes de diversas fontes que acumula em sua trajetória de

formação, de vida e profissional, e, de outro lado, o sentido do projeto assumido pela escola de educação profissional. O sentido compartilhado permite ao pedagogo se integrar no projeto da escola, projeto que antes era de outros, que já existia, mas que passa também a lhe pertencer. Assim, ao se inserir na escola de educação profissional, pedagogo e escola passam a estabelecer entre si uma integração criativa e criadora, através de umnexo de motivações que vai permitindo a ambos uma contínua identificação mútua. Ocorre, pois, nessa dinâmica, um constante processo de construção e reconstrução, inclusive de identidades, tanto dos profissionais quanto das instituições.

Os projetos estão enraizados na sociedade, que fomenta uma multiplicidade de motivações, criando a sua necessidade, podendo, inclusive, assumir formas contraditórias ou conflitantes. O projeto, conforme Ciavatta (2005, p. 97), é dinâmico e está sendo elaborado permanentemente, reorganizando a memória do indivíduo, dando-lhe novos sentidos e significados, o que repercute em sua identidade: “[...] Com isso, queremos dizer que a identidade que cada escola e seus professores, gestores, funcionários e alunos constroem é um processo dinâmico, sujeito permanentemente à reformulação relativa às novas vivências, às relações que se estabelecem”.

É possível, pois, inferir que a identidade do pedagogo que se revela na dinâmica da escola de educação profissional mescla retalhos da sua história de vida às vivências proporcionadas pela sua inserção em tal espaço num processo de múltiplas interações que ele estabelece com a instituição e a instituição com ele, entendendo que isso se dá num processo dialético no qual o pedagogo, ao mesmo

tempo que transforma a realidade em que atua, também é transformado por essa mesma realidade, redundando, portanto, numa dinâmica contínua de construção e reconstrução de identidades. Tal processo, segundo Burnier (2007), é dinâmico e se constrói basicamente a partir de três projetos: o institucional, o coletivo e o individual, que estão mutuamente interligados.

A tarefa de reconstrução identitária, conforme Pimenta (1997, p. 42), permite e intensifica o processo de mobilização dos saberes da experiência, uma vez que “[...] uma identidade profissional constrói-se, pois, com base na identificação social da profissão”, mas constrói-se também “[...] pelo significado que cada professor, como ator e autor, confere à atividade docente em seu cotidiano com base em seus valores, seu modo de situar-se no mundo, sua história de vida, suas representações, seus saberes, suas angústias e seus anseios [...]”.

A identidade, portanto, vai se compondo da articulação sucessiva de diversos papéis sociais com os quais o sujeito se identifica ou estabelece mecanismos contrários à identificação. Os papéis definem a participação dos sujeitos nos processos de interação social. Esses papéis são institucionalizados e legitimados pela ordem de valores vigentes na sociedade. Dessa forma, a ordem social tipifica o indivíduo, suas ações e suas formas de agir. Na concepção de Heller (1992), os papéis são “complexos de comportamentos cristalizados” e as estereotípias das funções de papel podem, segundo a autora, impedir que o homem alcance sua missão histórica. Nesse caso, quando o indivíduo passa a desempenhar “burocraticamente” um papel, haverá como resultado a atrofia da consciência do indivíduo e a alienação.

A participação dos sujeitos nas interações sociais, a socialização, conforme o sociólogo francês Dubar (2005), é entendida como o processo pelo qual um ser humano desenvolve sua maneira de estar no mundo e de se relacionar com as pessoas e com o meio que o cercam, tornando-se um ser social. A socialização, desse modo, é entendida como processo dinâmico, permitindo a construção, desconstrução e reconstrução de identidades. “[...] a identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições” (DUBAR, 2005, p. 136).

A inserção do pedagogo na instituição de educação profissional, portanto, objetiva-se através da maneira como constrói a sua imagem profissional, do modo como participa na definição de suas ações com os professores, como estabelece suas relações no cotidiano do trabalho e como desenvolve suas atividades pedagógicas. Se o seu trabalho é burocrático e desprovido dos elementos que conectam a prática educativa ao sentido da formação humana, certamente terá reflexos no modo como ele próprio se objetivará nas relações de trabalho e na forma como se dará o processo educativo da instituição. Com isso, queremos afirmar a necessidade de o pedagogo construir sua identidade profissional criando a si mesmo, como ser que pensa, que se posiciona profissionalmente frente aos modos como se materializam os projetos educativos dos espaços em que atua, sem negar, é claro, que assumir tal postura muitas vezes não é algo simples e que pode ocasionar tensões e conflitos na relação entre os projetos institucio-

nal/individual. Todavia, o tensionamento é importante na mediação e na construção de novos rumos aos projetos.

Assim, ao focar a construção da identidade profissional do pedagogo, é importante considerar tanto a sua ação como sujeito construtor de saberes (THERRIEN, 2005) quanto as circunstâncias em que tal construção ocorre (BURNIER, 2007; CIAVATTA, 2005; DUBAR, 2005). O modo como essa identidade emerge e é percebida envolve as suas convicções, saberes, sentidos e significados diante da atividade profissional que desenvolve. O repensar sobre as práticas pedagógicas, sua formação, sua função social e suas experiências constitui-se também em elemento que contribui para a afirmação da sua identidade profissional. Esses elementos da subjetividade do pedagogo, por sua vez, estão marcados por suas experiências ao longo de sua vida, pelos discursos que incorpora, pelas instituições e grupos aos quais teve acesso e pela participação também na construção dos significados que esse profissional irá conferir às suas experiências em geral e ao trabalho pedagógico em particular. Somente a análise atenta dos contextos e das questões concretas em jogo nas situações de interação permite desvendar a lógica que perpassa por seus processos identitários.

As contribuições teóricas brevemente acima tocadas servirão como pano de fundo para a discussão sobre o trabalho do pedagogo na escola de educação profissional, na qual será privilegiada a análise sobre as experiências do pedagogo, seus saberes e identidades, explicitando valores, visões, projetos e concepções subjacentes aos significados conferidos ao trabalho pedagógico que tal profissional realiza nessa instituição.

A instituição de educação profissional: escola ou empresa?

Para iniciar a discussão acerca da institucionalidade da escola de educação profissional, é importante demarcar que é a sua função social e o seu enquadramento no âmbito da esfera política, por ser uma instituição que presta serviços de utilidade pública que a caracterizam como tal. Sua função social é a de concretização de processos formativos para o trabalho através de um projeto pedagógico intencionalmente planejado, sistematizado e institucionalizado com vistas ao desenvolvimento de perfis, competências e habilidades profissionais. Na esfera política, encontra-se submetida ao marco regulatório legal do Brasil para a modalidade da educação denominada educação profissional tecnológica em seus diversos níveis de formação. Tais elementos diferenciam essas instituições daquelas que prestam serviços de treinamento pontuais, de curta duração, popularmente denominados de cursos livres.

Todavia, mesmo havendo diferenças significativas entre esses tipos de instituições, nos últimos anos tem se intensificado no Brasil um movimento de adequação da gestão das instituições de educação profissional aos padrões de eficiência e competitividade empresarial, o que resulta em várias consequências, como o aligeiramento da formação, uma vez que a urgência e a funcionalidade da produção capitalista contrastam com o tempo exigido para a formação humana, que é um tempo de reflexão e amadurecimento sobre seus possíveis encaminhamentos. A submissão do currículo a uma lógica mercantilista re-

sulta na redução da formação a um fazer desprovido de sentidos e fundamentos.

Mesmo que essas determinações no interior das escolas de educação profissional não ocorram de maneira linear, apresentando-se como contraponto, inclusive, à adoção de projetos pedagógicos embasados em conceitos e categorias mais amplos de educação profissional e tecnológica, não podemos ignorar o peso das representações sociais da educação profissional como sinônimo de treinamento e encaminhamento de apelo mercadológico que ocorrem no interior dessas escolas, seja por força do modelo de gestão adotado, que tem como fonte inspiradora a organização empresarial, seja por força da dimensão pedagógica implícita nas relações sociais de produção, que acabam por imprimir suas exigências às referidas escolas.

A compreensão dos contornos que assume esse movimento que atualmente se exercita nas instituições de educação profissional também passa pela compreensão dos efeitos da crise da razão sobre a atuação dos educadores e do desencantamento com a política que daí decorre e de como a política passa a ser, sem resistência, condicionada, ou mesmo determinada, pelas forças econômicas globais, o que certamente traz implicações para a educação do trabalhador.

Compreender, pois, a dinâmica dessa tendência é crucial não só para entender como a política está dirigida para o mercado, mas também para desvelar a sua oposição a propostas educativas comprometidas com a verdadeira formação humana, uma vez que uma política pedagógica submissa aos valores do mercado e uma política pedagógica emancipatória se apoiam em lógicas opostas.

Numa prática pedagógica submissa ao postulado do mercado, como nas empresas de treinamento, os alunos são “clientes” de seus professores, os educadores são os facilitadores dos treinamentos, a educação é o produto educacional, os processos de efetivação da educação são denominados de produção, os administradores escolares passam a ser agentes do mercado e a escola passa a ser a empresa que deve ser regida conforme a lógica da competitividade. Tal dinâmica, ao forçar as relações educacionais a caberem no molde do mercado, desconfigura a identidade das instituições de ensino e distorce o significado da educação.

Essa dinâmica que se exercita nas empresas de treinamento é copiada, em parte, tanto por algumas escolas de educação profissional como modelo ideal para atingir os níveis de eficiência e eficácia almejados pela organização empresarial como muitas vezes se transfere para as políticas públicas de formação dos trabalhadores brasileiros, visto que muitas dessas empresas são contratadas para realizar os cursos de programas, por exemplo: o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec).

Como consequência, vai se conformando a Pedagogia pragmática de inspiração liberal, que defende a necessidade de formação de indivíduos cuja característica subjetiva principal seja a aptidão para a competitividade da vida urbana, do trabalho, da economia e dos demais espaços públicos. Tal Pedagogia é regida pela lógica da prestação de serviços, pela eficácia, pelo culto ao irracionalismo e ao imobilismo em que o aluno recebe, também cada vez mais, reforços de uma educação funcionalista, pois é o mais bem aceito pelo mercado. Portanto, quanto mais

o mercado requer, mais reforço há para que o mercado seja a voz da realidade. Todavia, tal Pedagogia se apresenta anacrônica, inclusive em relação às próprias demandas do novo modelo produtivo, intensivo de conhecimento. Como vamos formar o sujeito polivalente, com visão sistêmica, sem os fundamentos técnico-científicos, sociopolíticos e culturais para traduzir as exigências do mundo produtivo atual, por exemplo? Prepararmos um profissional “de mercado” pode trazer obviamente o erro de um profissional feito unicamente “para o mercado”, para atender à demanda de um funcionalismo que tudo requer menos a razão crítica.

Se a finalidade da educação é de humanização e, portanto, a função da escola é de organizar e transmitir os conhecimentos, habilidades e valores construídos histórica e coletivamente no processo civilizatório, pode-se dizer que a educação profissional é uma instância mediadora da condição humana em sua historicidade que lida com o fenômeno educativo em suas especificidades e se dirige para o trabalho.

Compreende-se que a educação, particularmente a educação profissional, constrói-se a partir de relações sociais historicamente situadas. Assim como em Manfredi (2003, p. 57), considera-se que a educação profissional tem uma dimensão social intrínseca que extrapola a simples preparação para uma ocupação específica no mercado de trabalho e “[...] postula a vinculação entre a formação técnica e uma sólida base científica, numa perspectiva social e histórico-crítica”.

Franco (2002) chama a atenção para o seguinte fato: se a educação é o instrumento por excelência da humani-

zação dos homens em sua convivência social, ocorre que, dadas as condições sociopolíticas e culturais concretas do momento histórico atual, impõem-se limites ao projeto humanizatório, haja vista que nem todas as condições educacionais conduzem a mais humanidade e mais emancipação. Muitas práticas educativas não se concretizam como tal e funcionam, não raro, como instrumentos de desumanização, de opressão e de alienação.

Adorno (2003, p. 21) sabiamente sentencia que “[...] a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica”. Ou seja, cabe à educação, qualquer que seja sua modalidade, formar pessoas capazes de pensar. Destarte, parte-se do pressuposto de que a função da escola é de humanização, de organizar e transmitir os conhecimentos, habilidades e valores construídos histórica e coletivamente no processo civilizatório, sendo a instância mediadora da condição humana em sua historicidade, lidando com o fenômeno educativo em suas especificidades.

A educação intencional, que compreende a educação formal e não formal, surgiu com o desenvolvimento histórico da sociedade, como consequência da complexificação da vida social e cultural. Não obstante, cabe destacar que o processo de desenvolvimento das diversas formas de se realizar a educação sempre esteve em função de um objeto: responder à necessidade de transmissão da cultura socialmente produzida para as novas gerações através da apropriação de conhecimentos, habilidades e atitudes.

Sabe-se que a forma institucionalizada da educação e o surgimento da escola se dão na transição do comunismo primitivo para o escravismo antigo, quando da ruptura do

modo de produção comunal e o conseqüente surgimento da sociedade de classes. Ao longo de todo o período antigo e medieval, a escola existiu como forma restrita de educação, somente ascendendo à condição de forma principal dominante e generalizada de educação na época moderna.

A institucionalização da educação alterou profundamente a forma social de conceber e produzir a educação e o ensino. A escola, como espaço destinado ao ensino, redundou na sistematização do processo educativo como algo deliberado, intencional e sistêmico e na incorporação da importante função social de ensinar conteúdos e habilidades necessários à participação do indivíduo na sociedade.

Assim, mesmo se tratando de uma instituição perpassada pelas diversas clivagens históricas da divisão social do trabalho e da estratificação da sociedade em classes distintas, ela também cumpre um importante papel no processo histórico de constituição da sociabilidade humana. Através de seu trabalho específico, a escola deve levar o aluno a compreender a sua própria realidade, situar-se nela, interpretá-la e contribuir para a sua transformação.

Mesmo reconhecendo que a escola é uma instituição fundamental do sistema capitalista, Saviani (1980) situa a educação como atividade mediadora no seio da prática social global. Para o autor, as transformações sociais ocorrem a partir das contradições geradas pelas relações sociais. A escola, através do trabalho específico que realiza, pode contribuir para desenvolver uma compreensão mais conservadora ou mais crítica da realidade. Nesse sentido, a prática educativa, para ser crítica, não pode se restringir aos meios desvinculados dos fins sociais da educação escolar, uma vez que a escola, como instituição escolar que

transmite uma visão de mundo, está inserida em um contexto social mais amplo que interfere nas práticas humanas. Sendo assim, apesar de não ser a escola o único espaço em que a educação acontece, ela não deixa de ser uma instituição de um tipo muito particular que não pode ser pensada como uma fábrica ou oficina qualquer (NÓVOA, 1992).

Ao realizarem uma reflexão sobre a identidade da escola, Silva Júnior e Ferretti (2004, p. 54) partem do seguinte pressuposto:

[...] uma escola, ainda que privada, é uma instituição escolar. Sua organização, seus conteúdos, etc., são institucionais, por mais flexíveis que sejam. Vale ressaltar, no entanto, que as categorias emergem da e na sociedade civil, e o fazem com um objetivo determinado (lucro, filantropia, assistencialismo, divulgação ideológica, etc.) e, findo seus objetivos, outros são postos e a organização altera sua identidade segundo seus novos objetivos [...].

Trazendo essa reflexão para o objeto desta análise, observa-se uma ausência de clareza acerca da identidade da escola de educação profissional, confirmando-se que, ao contrário do que alguns pensam, a instituição de educação profissional não é uma instituição qualquer, mas antes é uma instituição escolar, dado que sua estrutura e organização têm por finalidade a formalização de processos sistematizados de ensino e aprendizagem. Confirma-se também que a mudança de um foco, por exemplo, humano societal para outro – mercadológico – imprime altera-

ções na identidade da escola, desviando-a do seu objetivo fundamental.

A organização escolar, conforme demarcam os autores citados, é subsumida ao institucional, estando, portanto, no âmbito da esfera política, por ser uma instituição que presta serviços de utilidade pública. Isso significa que a escola – de qualquer natureza – é uma instituição social, e não uma organização empresarial.

Chauí (2003) estabelece uma distinção entre instituição e organização que permite transpor para esta análise e construir argumentos que levam a afirmar que uma organização empresarial se difere de uma instituição escolar. A organização empresarial define-se por uma prática social diferente de uma instituição escolar, sobretudo em razão de sua instrumentalidade: está referida ao conjunto de meios particulares para obtenção de um objetivo particular, no caso, o lucro, por exemplo; está referida a operações definidas como estratégias balizadas pelas ideias de eficácia e de sucesso no emprego de determinados meios para alcançar o objetivo particular que a define; é regida pelas ideias de gestão, planejamento, previsão, controle e êxito; não lhe compete discutir ou questionar sua própria existência, sua função, seu lugar no interior da luta de classes, pois isso, que é crucial para a instituição escolar, é um dado de fato para a organização empresarial. Significa, pois, que a instituição escolar tem a sociedade como seu princípio e sua referência normativa e valorativa, enquanto a organização empresarial tem apenas a si mesma como referência, num processo de competição com outras que fixaram os mesmos objetivos particulares. Em outras palavras, a instituição escolar sabe-se inserida na divisão social

e política e busca definir uma finalidade que lhe permita responder às contradições impostas por essa divisão. Ao contrário, a organização empresarial pretende gerir seu espaço e tempo particulares aceitando como dado bruto sua inserção num dos polos da divisão social, e seu alvo não é responder às contradições, e sim vencer a competição com seus supostos iguais.

Na linha desse raciocínio, concluímos que à escola, dadas a especificidade e a natureza da educação, não cabe uma simplificação do humano (das suas experiências, relações e valores) que a cultura de racionalidade empresarial sempre transporta. Portanto, partimos do posicionamento de que a concepção de escola não se coaduna com a concepção de empresa, mesmo a escola liberal.

Silva Júnior e Ferretti (2004) demarcam que a esfera pública, na qual se localiza a instituição escolar, constitui-se no bojo do processo de criação do pacto social e de criação do poder político, instituídos no âmbito do Estado moderno. Desse modo, é a sociedade que outorga às instituições o direito de desempenharem determinados papéis, o que equivale dizer que o institucional “[...] teria sido produzido pelos e para os seres humanos [...]” e que a produção histórica do Estado moderno e de suas instituições voltam-se para “[...] a construção, regulação e consolidação do pacto social” (SILVA JÚNIOR; FERRETTI, 2004, p. 53). De acordo com os autores citados, “[...] o ordenamento jurídico-burocrático do Estado moderno institui a escola com base no princípio liberal de que a educação é direito de todos e dever do Estado” (SILVA JÚNIOR; FERRETTI, 2004, p. 53).

Pressupõe-se, então, que a educação, na condição de instância de construção e socialização do saber, da cultu-

ra e da emancipação humana, guarda uma essência que extrapola os interesses oportunistas de classe, que em qualquer espaço onde se realize, seja público ou privado, não lhe cabe negar essa essência. Mesmo sendo o privado circunscrito ao âmbito das possibilidades de ação dos indivíduos, ele age em conformidade com o poder público (legislativo, por exemplo). Assim, vale destacar que a instituição escolar, mesmo privada, submete-se aos anseios da sociedade e das práticas sociais globais.

Remetendo esses entendimentos também para as instituições de educação profissional, pode-se concebê-las, tanto as públicas quanto as privadas, como inseridas na divisão social e política e submetidas aos anseios sociais, com uma identidade institucional de escola. Ao se afirmar a identidade dessas instituições como escolas, e não como empresas, destaca-se que, como em qualquer escola, a Pedagogia e o pedagogo assumem um papel fundamental, ainda mais porque são instituições educativas marcadas pela prática de diversos profissionais que não possuem formação pedagógica.

As instituições de educação profissional, mesmo sendo escolas com particularidades bem acentuadas, não podem ser organizadas de modo caótico, sem princípios claros e precisos, sem uma política pedagógica, levando-se meramente ao sabor do movimento do mercado. Nesse sentido, faz-se imprescindível a reflexão sobre que concepção de escola se impõe na condução da educação profissional e que Pedagogia é possível se construir nesse espaço em que os valores do mercado historicamente têm interferido intensamente na sua institucionalidade.

Ao invocarmos a noção de Pedagogia ancorada numa abordagem histórico-crítica, visualizamos a possi-

bilidade de imprimir um sentido diferenciado às práticas formativas, principalmente se tais práticas incorporarem a dimensão ontológica do trabalho como diretriz orientadora. Tal prerrogativa sinaliza uma ruptura com as práticas educativas nos moldes de treinamento e reprodução dos padrões e comportamentos ditados pelo processo produtivo, tão comum nas escolas de educação profissional, e aponta para um horizonte no qual as práticas da educação profissional devem primar pelo favorecimento do domínio dos conhecimentos sócio-históricos e dos fundamentos das técnicas diversificadas utilizadas na produção, e não o mero adestramento em técnicas produtivas.

A incorporação desses pressupostos no âmbito da educação profissional só é possível se adotado um sentido ampliado de educação, portanto, quando se refere a esse conceito, está-se falando de uma noção de educação como instrumento por excelência da humanização dos homens através da apropriação de conhecimentos, habilidades e atitudes.

Diante de um conceito ampliado de educação e particularmente de educação profissional, também se entende que as práticas educativas que se exercitam no seu âmbito, na mediação da apropriação do patrimônio cultural por parte dos sujeitos, devem ser igualmente ampliadas, contribuindo, assim, para formar pessoas capazes de pensar e agir autonomamente. Portanto, está-se falando de práticas educativas que não unicamente atendam aos interesses do sistema produtivo, mas que estejam vinculadas aos interesses daqueles que vivem do trabalho.

Nesse contexto, entende-se que o potencial humanizador da Pedagogia que se materializa no interior das

escolas de educação profissional dependerá muito da organização das ações na forma de projetos sociais de formação e de humanização dos sujeitos, destacando-se o papel dos agentes educativos, principalmente do pedagogo, e da importância de sua contribuição na explicitação das intencionalidades presentes na prática educativa. Em outras palavras: ao projeto pedagógico da escola de educação profissional é imprescindível o trabalho do pedagogo.

O pedagogo na escola de educação profissional: que saberes e que Pedagogia?

Sendo a educação um fenômeno próprio das sociedades humanas, ela está presente em seu âmbito desde os seus primórdios. No entanto, o fenômeno da sua formalização é recente, conforme vimos na seção anterior. A educação intencional, que compreende a educação formal e não formal, surgiu como consequência da complexificação da vida social e cultural, da modernização das instituições e da emergência da industrialização. A Pedagogia surgiu nesse contexto como o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana.

De acordo com Libâneo (2004), a Pedagogia é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa que expressa finalidades sociopolíticas, ou seja, uma direção explícita da ação educativa e um norteamento à organização e siste-

matização da práxis educativa. A práxis educativa, na análise do autor acima citado, é concebida como prática social intencionada, em que confluem as intencionalidades e as expectativas sociais, em que se determinam os contextos da existência humana num determinado grupo social, em que se concretiza a realidade subjetivada, num processo histórico-social que se renova continuamente.

Concebe-se, nessa perspectiva de análise e em conformidade com o pensamento de Saviani (2003), que a educação é uma atividade que é determinada pelas transformações e movimentos do contexto social em que emerge, mas essa determinação é relativa, o que significa que o determinado também age sobre o determinante, consequentemente a educação também interfere na sociedade, podendo contribuir para a sua própria transformação. Portanto, entende-se ser fundamental o papel da Pedagogia como ciência que toma a educação como objeto na explicitação da intencionalidade pretendida à ação educativa social, senão corre o risco de se subsumir a uma configuração “técnico-científica” de natureza meramente instrumental, tecnicista, tecnológica, distanciando-se dos sentidos da intencionalidade da prática.

É precisamente nesse sentido que se pretende demarcar a importância da Pedagogia na escola de educação profissional. Conforme já destacado anteriormente neste trabalho, as práticas educativas nessa escola têm sido atravessadas por um enfoque economicista e reducionista que lhes imprime uma lógica do mundo da mercadoria e dos negócios. A nova Pedagogia do trabalho tem lhes suscitado encaminhamentos conformados à nova ordem do aparato produtivo, que requer habilidades muito mais complexas

e sofisticadas do que as requeridas no modelo produtivo taylorista-fordista. Em contraposição, identifica-se um importante movimento de estudos e reflexões que, com base em concepções da Pedagogia socialista, recupera princípios importantes para a Pedagogia ao articular educação num sentido amplo e trabalho como princípio educativo. Sabe-se dos limites de tal proposição nos marcos da escola que se tem atualmente, todavia acredita-se nas suas possibilidades, pois, ao vincular-se a uma visão de totalidade do mundo do trabalho e da educação, amplia o referencial de compreensão do mundo dos trabalhadores e, por conseguinte, os elementos formativos a serem considerados nas propostas de formação.

Se a Pedagogia, para falar como Libâneo (2004, p. 22), é “[...] uma diretriz orientadora da ação educativa que expressa finalidades sociopolíticas, ou seja, uma direção explícita da ação educativa”, o trabalho da Pedagogia é de suma importância para orientar os rumos da Pedagogia concretizada na escola de educação profissional. Ou seja, dependendo da Pedagogia que se exercite no interior dessa escola, tem-se um maior ou menor grau de elementos que contribuem para a alienação ou emancipação do trabalhador nas práticas educativas.

A discussão realizada na obra *Pedagogia radical: subsídios*, de Giroux (1999), chama a atenção para o fato de que é necessário vislumbrar o trabalho educacional transformador a partir de duas importantes perspectivas: a primeira alerta para a necessidade de se perceberem professores e alunos como intelectuais transformadores, partindo da premissa de que pensamento e atuação estão intrinsecamente relacionados. Para tanto, oferece à reflexão

uma contraideologia para as pedagogias instrumentais e administrativas que separam concepção de execução e ignoram a especificidade das experiências e formas subjetivas que condicionam o comportamento dos educadores e educadoras; a segunda perspectiva posta por Giroux (1999) alerta para o fato de que o conceito de intelectual transformador traz como referência os interesses políticos e normativos que subjazem às funções sociais que se estruturam e são expressas no trabalho de educadores e estudantes que devem servir “[...] como referência para que professores problematizem os interesses que estão inscritos nas formas institucionais e práticas cotidianas experimentadas e reproduzidas nas escolas” (GIROUX, 1999, p. 136).

A perspectiva de análise do autor está voltada à busca do tensionamento entre a realidade e a reflexão sobre a escola, pois, conforme aponta, concepção e atuação são dimensões indissociáveis de um mesmo processo. Partindo dessa premissa, na qual concepção abarca o “para que” da ação educativa, os interesses políticos e normativos, não cabe admitir práticas neutras em educação, lembrando aqui Freire (1979), que afirma que o educador que se diz neutro esconde o seu verdadeiro compromisso, uma vez que todo ato de educação é necessariamente um ato político, seja a favor da conservação ou da transformação social.

A análise de Giroux (1999) pressupõe um trabalho de inserção e responsabilidade do educador na realidade educativa. Pressupõe, portanto, que a dinâmica entre sujeitos e contextos, educadores e educandos possibilitará o espaço educativo para o desafio da mediação nos espaços de atuação, que residem na constatação de que é preciso analisar

o que está posto, desnaturalizando a realidade, compreendendo-a como um processo historicamente construído e passível de transformação pelos seus sujeitos.

O autor citado incita a pensar o campo das possibilidades de construção de um trabalho pedagógico diferenciado do que está posto dentro das escolas de educação profissional. Entretanto, é importante registrar que não se está creditando aos educadores, especialmente aos pedagogos, sujeitos de análise neste trabalho, a exclusividade de gerenciar o processo educativo de modo unilateral, no qual só eles decidem, planejam e “educam”, mas que também são percebidos como sujeitos que sofrem a intervenção do contexto social tanto nas suas referências de mundo como nas suas ações, consoante apontado na seção sobre os saberes e a identidade do pedagogo.

Assim, compete indagar: de que forma essa intervenção interfere nos modos de condução das práxis educativas no interior das instituições de educação profissional? Como as suas visões de mundo, os projetos de educação que assumem e os seus compromissos com determinados ideais se manifestam no fortalecimento ou negação de uma Pedagogia emancipatória? Que concepções de educação profissional e que saberes orientam a práxis dos pedagogos?

A explicitação da intencionalidade da prática educativa se efetiva na medida em que os pedagogos e os outros agentes educativos ampliam sua consciência sobre a própria prática, a da sala de aula e a da escola como um todo, sobre a prática dos sistemas de ensino e as relações sociais, como, por exemplo, a relação trabalho e educação, que interfere e influencia na sua atividade profissional. A reflexão de Giroux (1999) aponta para essa direção.

O entendimento acerca da importância da Pedagogia em qualquer espaço formativo e da contribuição do pedagogo na transformação das escolas, em termos de sua gestão, de seus currículos, de sua organização, de seus projetos educacionais e de suas formas de trabalho pedagógico, passa pela compreensão de que o trabalho pedagógico não ocorre por acaso, solto no nada. Ele está impregnado de intencionalidade, pois visa à formação humana através de conteúdos e habilidades de pensamento e ação, implicando escolhas, valores e compromissos éticos.

A reflexão ensejada a partir do pensamento do autor acima focado aponta para a importância de se pensar no tipo de movimento que vem sendo construído no lastro do novo projeto social que acompanha as transformações operadas nos últimos anos nas sociedades capitalistas. Esse movimento tem convergido para fazer prevalecer a empiria e, por conseguinte, tem marginalizado os debates teóricos sustentados numa razão crítica no campo educacional e tem se sustentado sob uma razão instrumental cuja competência se esgota no ajustamento dos fins aos meios.

Tal movimento é captado em alguns estudos que se dedicam à análise da formação em Pedagogia, com destaque para aqueles realizados por Franco (2002), que tem denunciado a predominância de uma racionalidade instrumental na Pedagogia, a qual reforça a fragmentação e o empobrecimento do trabalho do pedagogo nas práticas escolares concretas. Consequentemente a Pedagogia foi relegada a um lugar de pouca importância, e os pedagogos reduzidos a um papel insignificante no âmbito escolar, cedendo lugar “[...] aos tecnólogos da prática, que foram,

aos poucos, reduzindo a educação em mera instrução; a formação docente em treinamento de habilidades; os professores em ensinadores” (FRANCO, 2002, p. 62).

A Pedagogia, nesse sentido, passou a ser encarada dentro de uma racionalidade em que seu papel passa a ser apenas o de operacionalizar ações para qualificar a eficiência do ensino, na perspectiva instrumental. Os fins e os valores educativos passaram a ser negligenciados, fazendo a Pedagogia se distanciar de seus ideais político-transformadores, sendo subsumida à docência e, assim, como enfatiza Libâneo (2002), a formação pedagógica vai significando, cada vez mais, a preparação metodológica do professor e, cada vez menos, campo de investigação sistemática da realidade educativa.

Ao se enveredar por tais caminhos, a Pedagogia desconsidera dimensões fundamentais e se afasta da reflexão epistemológica do campo da educação. Termina por não conceber os profissionais da educação como sujeitos críticos que, instrumentados por diferentes procedimentos reflexivos, se comprometem, com maior ou menor êxito, com práticas educativas concebidas numa perspectiva política, na busca de mais humanidade aos homens. Não concebe, portanto, a Pedagogia como práxis política (FRANCO, 2016).

Vale destacar os estudos e análises de Saviani (2003), Libâneo (2004), Pimenta (2002), só para citar alguns que têm se dado conta do quanto está sendo difícil ao mundo educacional concretizar ações de transformação da prática escolar, pois faltam teorias pedagógicas consistentes que possam dar suporte às transformações pretendidas. Portanto, tentar buscar reinterpretções de conceitos basilares, ampliando o espaço científico da Pedagogia, é mais do que

uma questão acadêmica, é buscar as estratégias de enfrentamento de propostas vazias de significado ético-político que se exercitam no interior dos espaços de formação humana.

Essa situação, de acordo com Franco (2002), foi gradativamente produzindo um emaranhado epistemológico referente à construção do conhecimento pedagógico, o que foi descaracterizando seu *status* de ciência da educação, reforçando a ideia da sua não necessidade como espaço científico fundamentador da práxis educativa.

Na contramão dessa corrente, o trabalho desses estudiosos citados muito tem contribuído para o esclarecimento da perspectiva ontológica¹ da educação e do lugar e da importância que a Pedagogia ocupa nas práticas sociais de educação. A Pedagogia crítico-emancipatória, por exemplo, conforme Deluiz (2001), tem seus fundamentos teóricos no pensamento crítico-dialético e concebe o processo de educação como multidimensional, envolvendo facetas que vão do individual ao sociocultural, situacional (contextual-organizacional) e processual. Por tudo isso, concebe os conhecimentos produzidos pelos sujeitos como uma construção balizada por parâmetros socioculturais e históricos. O conhecimento está, assim, situado e referido aos contextos, espaços e tempos socioculturais.

A educação profissional embasada nas tendências crítico-emancipatórias da educação, para a autora citada, não pode ignorar o patrimônio de experiências coletivas, animada no seu interior pela consciência dos trabalhadores, e assim deve valorizar a dimensão social da construção do conhecimento, entendendo as relações entre os

¹ A educação, numa perspectiva ontológica, é um conjunto de práticas sociais que atuam e influenciam a vida dos sujeitos, de modo amplo, difuso e imprevisível (FRANCO, 2016).

homens e dos homens com o mundo como fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem. Nesse sentido, a formação do trabalhador não pode perder de vista a autonomia e a emancipação de relações de trabalho alienadas e deve buscar contribuir para a compreensão do mundo e para a sua transformação. Deve, assim, buscar desenvolver uma formação integral e ampliada, articulando sua dimensão profissional com a dimensão sociopolítica (DELUIZ, 2001).

A educação profissional, nessa perspectiva, ao contrário do que está explícito em alguns dos entendimentos acerca de sua finalidade, não poderia se pautar numa lógica que apenas responde às necessidades e demandas estritas do mercado, na óptica do capital, mas deveria levar em conta a dinâmica e as contradições do mundo do trabalho, os contextos macroeconômicos e políticos, as transformações técnicas e organizacionais, os impactos socioambientais, os saberes do trabalho, os laços coletivos e de solidariedade, os valores e as lutas dos trabalhadores.

Comparece aqui o reforço à importância do trabalho da Pedagogia e dos pedagogos frente às práticas de educação profissional, uma vez que o trabalho da Pedagogia como ciência da educação na escola de educação profissional é de alicerçar o trabalho pedagógico de profissionais que, conforme Franco (2002), além de outras atribuições, também devem ser capazes de organizar, supervisionar e avaliar processos institucionais de forma a transformar a prática educativa mecânica, alienada e técnica em práxis educativa, comprometida social e politicamente.

Considerações finais

Ao nos debruçarmos no desvendamento das questões que perpassam pela atividade do pedagogo nos diversos espaços educativos e particularmente na escola de educação profissional, primeiramente é importante destacarmos que desempenha um importante papel na mediação necessária entre o professor e as formas consideradas mais adequadas ao desenvolvimento do trabalho docente; segundo, cabe realçarmos que sua prática só poderá ser adjetivada de pedagógica se organizada verdadeiramente de modo educativo.

A mediação realizada pelo pedagogo entre o professor e as formas de condução pedagógica para a sua prática na escola de educação profissional guarda especificidades, ou seja, a educação profissional é qualitativamente diferente por ter como finalidade específica propiciar a apropriação de instrumentos culturais básicos que permitam elaboração de entendimento da realidade social e promoção do desenvolvimento individual e profissional do aluno. Assim, a atividade que o pedagogo realiza nesse âmbito é um conjunto de ações intencionais, conscientes, dirigidas para um fim específico, que guarda estreita relação com a função social da escola.

A sua atividade, nessa perspectiva, permite-nos entender que concepção e atuação são dimensões indissociáveis de um mesmo processo. Partindo dessa premissa, na qual concepção abarca o “para que” da ação educativa, a explicitação e o desvelamento dos interesses políticos e normativos que disputam a direção da ação educativa são inerentes à sua atuação. Portanto, entende-se que o peda-

gogo necessita de uma sólida formação teórica e prática para efetivar a gestão dos projetos formativos na escola de educação profissional.

Todavia, a imersão do pedagogo no cotidiano da escola de educação profissional, muitas vezes, caracteriza-se pela fragmentação e pelo burocratismo sem a devida reflexão acerca da relevância política do seu trabalho. Nesse contexto, suas escolhas, posturas e modos de ação expressam saberes construídos em suas trajetórias de vida, com destaque para aqueles construídos em seu itinerário de formação, que lhe possibilita uma leitura e um posicionamento perante os projetos que se colocam em seus espaços de atuação. A ausência de reflexão sobre o seu estar na profissão é sinônimo de alienação sobre a própria concepção de trabalho pedagógico que desenvolve, o que o afasta daquilo que é da natureza do trabalho educativo, ou seja, a formação humana.

O projeto assumido pelo pedagogo no interior da escola de educação profissional, portanto, também deve englobar a dimensão ética do seu trabalho, considerando as suas opções ideológicas e a autoconsciência a respeito dos desdobramentos e implicações das imposições advindas dos movimentos de transformação da sociedade e suas escolhas para a formação dos trabalhadores e trabalhadoras, sem desconsiderar a relevância do espaço de atuação na construção dos saberes experienciais, o qual pode, inclusive, contribuir também no esvaziamento da dimensão crítica e reflexiva necessária ao trabalho educativo.

Assim, os modos de condução/atuação no cotidiano estão perpassados por vários fatores, compreendendo os processos de socialização e a história de vida individual de

cada um, a identidade profissional e a dinâmica da instituição escolar, suas pressões e constrangimentos sobre os sujeitos e o modo como constrói suas estratégias de posicionamento diante de tal dinâmica.

Para trazer mais elementos à compreensão das visões de mundo, das fontes e dos saberes que são mobilizados no trabalho que o pedagogo realiza na escola de educação profissional, apresento, a seguir, alguns aspectos extraídos da forma como os pedagogos, sujeitos da pesquisa realizada em minha tese de doutoramento, percebem a sua própria prática e seus saberes.

Na análise dos discursos dos pedagogos acerca dos espaços reveladores de suas visões de mundo, é possível destacar que são os mais variados espaços de socialização, como a família, a escola, os grupos sociais organizados, o próprio local de trabalho e a universidade. Sobre esse último, não se pode deixar de ressaltar que chama a atenção – tendo em vista ser o lócus da formação da identidade profissional dos pedagogos, no qual constroem suas competências – o fato de os pedagogos não atribuírem a esse espaço a relevância esperada, destacando o local de trabalho como o mais importante para o desenvolvimento das atividades que desenvolvem na escola de educação profissional, expressando significativo peso e importância aos saberes experienciais. No entanto, é importante notar que esse é um importante espaço para a consolidação das competências técnicas e políticas desse profissional.

Nas histórias de vida, um dos relatos se reporta ao fato de o curso de Pedagogia ter desencadeado uma prática reflexiva na sua formação, porém muito mais por uma ação individual do pedagogo que menciona o fato do que

por uma ação intencional e sistemática presente na dinâmica do curso. Outro relato se reporta ao significado das leituras feitas no curso de Pedagogia para a sua vida, mas fica implícito na sua fala que tal significado se relaciona muito mais com a associação de tais leituras às referências que já trazia, construídas de outros espaços de socialização, do que por uma metodologia de reflexão ensejada no curso. Apenas uma das pedagogas resgata memórias, metodologias e conteúdos significativos do seu curso de formação em Pedagogia e que se constituíram em uma importante referência para a sua prática pedagógica.

A pesquisa torna evidente que os saberes e concepções que fundamentam a prática pedagógica desses profissionais advêm, em boa parte, de sua formação acadêmica e de suas interações em movimentos sociais, mas provavelmente, como o currículo dos cursos não contempla uma visão mais ampla do trabalho pedagógico nos mais variados espaços que constituem o seu campo de atuação, os participantes revelam algumas carências.

Verifica-se que há inconsistência na definição de boa parte do grupo de como a sua prática contribui para a “transformação do sujeito”, argumento largamente utilizado nos discursos, demonstrando a dificuldade de se colocar como profissional com autoridade de coordenar as ações a ele atribuídas, ligadas diretamente aos alunos, as quais, direta ou indiretamente, refletem na atuação do professor em sala de aula.

Apesar de os posicionamentos revelados em suas falas serem totalmente contrários à submissão unilateral da educação profissional ao mercado de trabalho, há omissão nos discursos sobre que Pedagogia ou que conflitos se colo-

cam entre essa proposta e a proposta que defendem, o que pode ser indicativo de um desconhecimento relacionado à fundamentação teórica necessária ao pedagogo, salvasguardadas algumas exceções.

Isso leva a pensar que, se a Pedagogia se desenvolve em diversos espaços educativos escolares e extraescolares e se o pedagogo é um profissional cuja identidade se reconhece no campo da investigação e na variedade de atividades voltadas para o educacional e o educativo, cuja função está relacionada a todas as atividades de aprendizagem e de desenvolvimento humano, seja de crianças, jovens, adultos ou idosos, trabalhadores ou outros, de acordo com o perfil da instituição em que atua, havemos de reconhecer a necessidade de se formar o profissional da educação, e não o burocrata, mero tecnólogo da prática.

Não obstante, também se deve reconhecer a impossibilidade de a formação inicial do pedagogo abarcar toda a gama de saberes especializados que ele mobiliza nos diversos espaços escolares e extraescolares em que atua, colocando-se a necessidade precípua da educação continuada. Contudo, entende-se que essa formação deve avançar para além de um foco exclusivo em determinadas tarefas pedagógicas para uma concepção mais ampla que apreenda, de forma crítica, as transformações que estão ocorrendo no mundo do trabalho, nas instituições educacionais, no país e no mundo. Isso implica uma abordagem focada nos conhecimentos multidisciplinares do campo da educação, que deverá ocorrer a partir da indissociável articulação teoria-prática, tendo a pesquisa como um princípio estruturante dos saberes a serem construídos.

É importante também notar uma questão que emerge na análise, que é a lacuna acerca da formação dos pro-

fissionais da educação profissional: formação inicial para os docentes e formação continuada para os coordenadores pedagógicos, de modo a dar conta do fenômeno da relação trabalho e educação.

Tais requisitos são essenciais à equipe de pedagogos que atua no espaço da educação profissional, uma vez que as novas exigências postas aos profissionais que atuam no âmbito da atividade pedagógica vão demandar uma pluralidade de saberes que vão dos saberes profissionais aos sócio-históricos, entendendo que as concepções, os significados e os sentidos que o pedagogo põe em prática na sua atuação para organizar práticas pedagógicas devem ser indissociáveis de uma consciência crítica sobre a educação, seu papel na sociedade (os limites e possibilidades do processo educativo em relação aos determinantes socioeconômicos e políticos que perpassam a sua prática), bem como que lhe possibilitem a agudeza teórica e prática no sentido de que ele possa desenvolver os saberes necessários sobre os seus próprios saberes, ou seja, sobre o saber de seu trabalho, de sua profissão. Entende-se que o favorecimento dessa condição deva ser uma atribuição precípua dos cursos de Pedagogia.

Referências

ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

BURNIER, S. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 343-358, 2007.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira da Educação*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 5-15, 2003.

Clavatta, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. *In*: Frigotto, G.; Clavatta, M.; Ramos, M. (Org.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-105.

Damasceno, M. N. *Artesania do saber: tecendo os fios da educação popular*. Fortaleza: UFC, 2005.

Deluiz, N. O modelo das competências profissionais no mundo do trabalho e da educação: implicações para o currículo. *Boletim Técnico do Senac*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 27-38, 2001.

Dubar, C. *A socialização: a construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Enguita, M. F. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

Franco, M. A. S. A Pedagogia para além dos confrontos. *In*: FÓRUM DE EDUCAÇÃO: PEDAGOGO, QUE PROFISSIONAL É ESSE?, 1., 2002, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UEMG, 2002.

Franco, M. A. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, DF, v. 97, n. 247, p. 534-551, 2016.

Freire, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

Giroux, H. A. *Pedagogia radical: subsídios*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1999.

Heller, A. *Cotidiano e história*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Kuenzer, A. Z. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. *Boletim Técnico do Senac*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 3-11, 2002.

Kuenzer, A. Z. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as

novas relações entre educação e trabalho. *In*: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 77-96.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. São Paulo: Cortez, 2004.

MANFREDI, S. M. *Educação profissional no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, A. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1992. p. 15-33.

PIMENTA, S. G. (Coord.). *Pedagogia, ciência da educação?*. São Paulo: Cortez, 1997.

PIMENTA, S. G. (Org.). *Pedagogia e pedagogos: dilemas e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2002.

SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez, 1980.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA JÚNIOR, J. R.; FERRETTI, C. J. *O institucional, a organização e a cultura da escola*. São Paulo: Xamã, 2004.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2003.

THERRIEN, J. A Pedagogia e o pedagogo na sociedade contemporânea: os saberes da racionalidade de uma profissão. *In*: FÓRUM NACIONAL DE PEDAGOGIA, Belo Horizonte, 2005. *Palestra de abertura...* Belo Horizonte: UFMG, 2005.

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO DESENVOLVIMENTO DAS PESSOAS NO MUNDO CORPORATIVO

ANTONIO MARCONE DE OLIVEIRA

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Kurios (FAK), especializando em Pedagogia Empresarial pela Verbo Educa e graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professor das Faculdades Integradas do Ceará (Unific), na graduação e habilitação. Supervisor pedagógico do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Ceará (Senac/CE). Coordenador pedagógico do curso de Técnico em Nutrição e Dietética do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Iguatu, pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), no período de 2012 a 2013. Analista assistencial na função de coordenador dos Programas Educação em Saúde e Trabalho Social com Idosos do Serviço Social do Comércio do Ceará (SESC/CE) de 2010 a 2013. Entre o período de 2000 e 2008, atuou no ensino público municipal na cidade de Cariús/CE nas funções de professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e ensino fundamental e de diretor escolar; entre 2003 e 2009, atuou como professor de ensino médio das disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc/CE) no município de Jucás/CE. De 2000 a 2003, ingressou na educação como alfabetizador e coordenador pedagógico do Programa de Alfabetização Solidária (PAS) no município de Cariús/CE.

E-mail: antoniooliveira@ce.senac.br.

Introdução

As profundas transformações do mundo produtivo ocorridas principalmente nas últimas três décadas têm significativas reverberações no âmbito corporativo e imprimem novos modos de atuação às empresas, as quais passam a considerar a educação e qualificação como elementos imprescindíveis à sua participação num contexto altamente competitivo.

Nesse contexto, o presente texto focaliza a atuação e contribuições do pedagogo no ambiente empresarial, especialmente nos setores responsáveis pelos processos de educação corporativa e desenvolvimento de pessoas, destacando as competências e habilidades exigidas no cotidiano de seu trabalho, o qual consiste em desenvolver pessoas no âmbito profissional através de cursos de qualificação, atualização e aperfeiçoamento, propiciando, assim, ao sujeito um desenvolvimento profissional.

O pedagogo é um profissional que, por sua formação, detém um referencial teórico-metodológico para pensar e executar processos educativos em prol do desenvolvimento das pessoas. O campo de atuação do pedagogo abrange tanto ambientes de educação formal quanto informal, nos

quais atua através do ensino e promoção de aprendizagens diversas.

Considerando que a formação passa a ser fator de diferencial competitivo das empresas, as organizações empresariais passam a demandar mais por profissionais formados em Pedagogia, reconhecendo a sua importância para auxiliar nos processos de desenvolvimento das competências requeridas no seu interior, uma vez que os administradores e o setor de gestão de pessoas percebem a importância da educação profissional para o bom desenvolvimento do trabalhador e conseqüentemente para a promoção de maior produtividade. A prática educativa realizada pelos pedagogos contribui para qualificar o quadro de funcionários no que se refere ao desenvolvimento individual e coletivo deles. Isso aponta para a importância de o pedagogo conhecer as transformações e especificidades do mundo do trabalho, que atualmente se centra em modelos de formação baseados no desenvolvimento de competências.

O modelo de competências profissionais, na verdade, começa a ser discutido no mundo empresarial a partir dos anos 1980, no contexto da crise estrutural do capitalismo, que se configurou nos países centrais no início da década de 1970. Essa crise se expressa pelo esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista; pela hipertrofia da esfera financeira na nova fase do processo de internacionalização do capital; pela acirrada competição intercapitalista, com tendência crescente à concentração de capitais devido às fusões entre as empresas monopolistas e oligopolistas; pela desregulamentação dos mercados e da força de trabalho, resultantes da crise da organização assalariada e do contrato social.

As respostas do capital à sua crise estrutural podem ser dimensionadas pelas reestruturações empreendidas no próprio processo produtivo, por meio de constituição das formas de produção flexíveis, da inovação científico-tecnológica aplicada aos processos produtivos e dos novos modos de gerenciamento da organização do trabalho e do saber do trabalhador (MACIEL, 2002).

As novas concepções gerenciais que surgem no bojo desse processo de reestruturação empresarial estão ancoradas, assim, numa lógica de recomposição da hegemonia capitalista e das relações capital-trabalho e têm como objetivos racionalizar, otimizar e adequar a força de trabalho ante as demandas do sistema produtivo. Na década de 1990, o aprofundamento da globalização das atividades capitalistas e a crescente busca de competitividade levaram ao alinhamento definitivo das políticas de recursos humanos às estratégias empresariais, incorporando à prática organizacional o conceito de competência como base do modelo para se gerenciar pessoas, apontado para novos elementos na gestão do trabalho (MACIEL, 2002).

A presença do pedagogo nas empresas resulta, portanto, dessa necessidade de adequação das competências dos colaboradores às estratégias dos negócios no interior das corporações. Por conseguinte, as empresas passam a adotar um modelo de gestão do trabalho denominado de gestão estratégica de pessoas, tornando-se cada vez mais exigente em relação ao perfil profissional de seus colaboradores. Atingir esses perfis desejados é uma atribuição do pedagogo, que, no âmbito dessas atividades, passa também a ser denominado de pedagogo empresarial, constituindo-se num articulador entre empresa e colaborador.

Por ter uma formação crítica e abrangente voltada para o desenvolvimento de sujeitos em contextos diversos e nas diferentes fases da vida, o “pedagogo da empresa” passa a fazer parte da equipe da gestão de pessoas, com atuação em treinamento, desenvolvimento pessoal, organização de cursos, gestão de pessoas, remetendo ao alcance de objetivos organizacionais, da economia, do mercado produtivo e também dos sujeitos envolvidos no processo. Essa perspectiva de atuação nos remete a alguns questionamentos: quais as atribuições do pedagogo nas empresas? Como pode contribuir para atender às exigências do mercado de trabalho que envolvem aprendizagem e desenvolvimento profissional? Este texto tem, portanto, a finalidade de trazer elementos para esse entendimento.

As mutações do mundo do trabalho e a emergência da Pedagogia Empresarial

A Revolução Industrial e a chegada da modernidade impactaram as relações de trabalho no século XVIII, provocando mudanças tanto na organização econômica quanto na social. Tais mudanças refletiram-se nas maneiras de produzir e resultaram em novas configurações no mundo do trabalho. A partir daí, outras sucessivas transformações ocorreram no modelo de produção industrial e na relação trabalho e capital. Atualmente assistimos a um novo movimento de transformações no mundo laboral em face do esgotamento do padrão de acumulação da organização da produção industrial taylorista/fordista, baseada na produção em série e no consumo de massa, e de um modelo de gestão da mão de obra baseado na extrema divisão do

trabalho e na fragmentação do saber, decorrentes do parcelamento das tarefas e da separação entre concepção e execução, que se deu no auge do aprofundamento da crise do capitalismo nos anos 1970, quando se buscou como método de administração de tal crise a adoção de um novo paradigma de produção denominado de flexível, que redimensiona a demanda de trabalho e afeta diretamente os trabalhadores, pela intensa concorrência que se efetiva por formas de racionalização na produção e na gestão.

Convém pontuarmos que os processos de transformação dos modelos produtivos decorrem das inovações tecnológicas, impulsionadas, aquecidas e despertadas pelo mercado e pela economia capitalista, que historicamente vêm mudando as relações entre homem, máquina e conhecimento. Os modelos produtivos, nessa perspectiva, expressam o processo histórico de transformações no mundo do trabalho que marcaram o século XX, como, por exemplo, fordismo¹, taylorismo², toyotismo³ e volvismo⁴.

¹ Essa modalidade de produção foi criada a partir do taylorismo, com seu mentor Henry Ford, na década de 1920. Sua ideia foi elaborada em sua própria indústria de automóvel, a Ford, baseada na especialização da função e na instalação de esteiras sem fim na linha de montagem; à medida que o produto se deslocava na esteira, o trabalhador desenvolvia sua função. Com isso, visava diminuir o tempo gasto no trabalho, aumentar a produtividade, diminuir o custo de produção e principalmente realizar a produção em massa para o consumo ocorrer no mesmo passo.

² Tinha como objetivo principal dinamizar o trabalho na indústria. O criador desse sistema produtivo foi Frederick Taylor, que acreditava na especialização de tarefas, ou seja, o trabalhador desenvolvia uma única atividade, por exemplo, alguém que colocava os faróis nos automóveis na indústria automobilística faria apenas isso o dia todo sem conhecer os procedimentos das outras etapas da produção, além de monitorar o tempo gasto para a realização de tarefas e premiação daqueles que tivessem um grande rendimento em seu trabalho.

³ Sistema de produção criado no Japão que tinha em sua base a tecnologia da informática e da robótica, o qual foi usado na fábrica da Toyota. Nessa modalidade de produção, o trabalhador não fica limitado a uma única tarefa, desenvolvendo diversas atividades na produção.

⁴ Como na maioria dos outros modelos de produção, esse foi desenvolvido na fábrica da Volvo, o qual conciliou execução manual e automação. É um sistema

O mundo profissional na contemporaneidade passa por um processo de redefinição em função da competitividade mundial por parte dos mercados consumidores, em que o conhecimento ajudado pelas tecnologias da informação, em especial pelas redes virtuais de comunicação, tem contribuído de forma significativa na construção dessa nova ordem econômica, na qual o conhecimento assume papel primordial.

O toyotismo, ou modelo de produção flexível, neste contexto, apresenta-se como a opção de organização do trabalho na indústria, atingindo também a dimensão dos serviços, visto que articula elementos valiosos, como a economicidade, a qualidade e a flexibilidade nos processos e procedimentos de trabalho (NOGUEIRA, 2007). Nesse âmbito, surge o modelo de especialização flexível, que, segundo Hirata (1996, p. 125):

[...] representaria o incremento das inovações organizacionais e tecnológicas, a descentralização e a abertura ao mercado internacional. Ela teria como figura emblemática, no plano da organização da produção, a fábrica flexível; no plano da hierarquia das qualificações, o operário prudhoniano; e, no plano da mobilidade dos trabalhadores, o trabalhador temporário, isto é, a possibilidade de variar o emprego e o tempo de trabalho em função da conjuntura.

reflexivo de produção com grande investimento no trabalhador em treinamentos e aperfeiçoamento, a fim de que esse consiga produzir por completo um veículo em todas as etapas, além de valorizar a criatividade, o trabalho coletivo e a preocupação da empresa com o bem-estar do funcionário, bem como sua saúde física e mental.

Outro modelo que surge em consonância com as inovações tecnológicas dos anos 1970 é a organização do volvismo, ou sistema reflexivo de produção. Sua principal estratégia é a internacionalização da produção e a flexibilização da vida no trabalho, concebida como o emprego combinado de produção manual com alto grau de automação, permitindo uma grande flexibilização na organização produtiva, o que pressupõe a reprofissionalização dos trabalhadores para ajustarem-se às necessidades do próprio processo produtivo (WOOD JUNIOR, 1992).

Nesse modelo, encontra-se um forte apelo para que o grupo de trabalho se torne ergonomicamente perfeito, ou seja, é necessário um bom planejamento dos recursos humanos, unindo as competências de cada integrante do grupo. Como num organismo, todos precisam estar harmonicamente relacionados e em ação contínua, além de se sentirem como partes constituintes do todo. Dessa forma, cada grupo tem autonomia para se organizar e executar suas tarefas, desde que o objetivo final, que é a produção, qualidade e rapidez na execução do produto, seja respeitado.

Em linhas gerais, tanto esse modelo de gestão da força de trabalho quanto o fordismo e o toyotismo expressam aspectos que nos possibilitam entendimento de como caminhamos até a conjuntura que temos no mercado de trabalho atualmente. É imperioso destacarmos, neste cenário atual, que o conjunto das metamorfoses ocorridas no mundo do trabalho impactaram o sistema educacional como um todo, inclusive a educação profissional, técnica ou tecnológica, frente a um consenso de que é urgente a

necessidade de dotar os trabalhadores brasileiros de novas competências que estejam de acordo com o novo paradigma científico-tecnológico da produção mundializada.

O trabalho pedagógico, diante de tal estratégia, estaria voltado para o desenvolvimento e aprimoramento dos trabalhadores na empresa. Os consultores dedicados ao desenvolvimento das pessoas nas organizações empresariais afirmam que, ante uma economia cada vez mais traçada pelo capital intelectual, as corporações se viram obrigadas a investir no seu próprio capital humano, buscando, além de aprimorá-lo tecnicamente, envolvê-lo na cultura do negócio da empresa, o que naturalmente possibilita uma mudança nos objetivos e metodologias de ensino na corporação, fazendo com que o departamento de treinamento e desenvolvimento se ampliasse, tornando-se o que hoje se chama educação corporativa.

Desse cenário emergiu o que se denomina Pedagogia Empresarial, compreendida como área do conhecimento que tem como princípio a formação, o aperfeiçoamento e o estímulo das diferentes formas produtivas, envolvendo o desenvolvimento de habilidades e competências de organização, que ocorrem no plano da educação não escolar, do treinamento profissional ou mesmo da educação corporativa (PEREZ, 2013).

O foco nessas habilidades e competências se origina das diferentes inovações e mudanças do campo organizacional da empresa e das diferentes relações de trabalho que atravessaram numerosas mudanças impulsionadas pela busca incessante do capitalismo industrial por novas formas produtivas, aptas a atender aos interesses do capital. É perceptível a demanda das empresas por funcionários

cada vez mais qualificados, com competências desenvolvidas não só da escola formal, regular, mas de novas organizações educacionais, como a própria empresa. A qualificação de mão de obra no próprio ambiente industrial, produtivo, exige um novo conjunto de conhecimentos.

A Pedagogia Empresarial, portanto, estaria apta a ajudar no mapeamento das necessidades na área da formação e implantar programas de qualificação e requalificação profissional, produzir e disseminar conhecimentos técnicos, desenvolver levantamentos das necessidades tanto da empresa quanto dos trabalhadores, adequando novas metodologias e tecnologias da informação e comunicação às práticas da organização (RIBEIRO, 2010a).

A atuação do pedagogo, nesse âmbito, seria a de contribuir na reestruturação das relações produtivas, de modo a acolher, selecionar, treinar e avaliar o trabalhador. Essas novas exigências criam novos caminhos e necessidades de conhecimento e especialização das próprias empresas para apreender tecnologias e tornarem-se organizações vivas. A empresa torna-se uma instituição de ensino e aprendizagem. E, na condução dessa prática educativa na empresa, está o pedagogo. Nesse sentido, Pascoal (2007, p. 190) esclarece algumas das funções específicas do pedagogo numa empresa:

Conceber, planejar, desenvolver e administrar atividades relacionadas à educação na empresa; Diagnosticar a realidade institucional; Elaborar e desenvolver projetos, buscando o conhecimento também em outras áreas profissionais; Coordenar a atualização em serviço dos profissionais da empresa; Planejar, controlar e avaliar

o desempenho profissional dos funcionários da empresa; Assessorar as empresas no que se refere ao entendimento dos assuntos pedagógicos atuais.

Assim como na escola, a presença e acompanhamento de um pedagogo, especialista em Pedagogia Empresarial, ganha força no ambiente empresarial, que passa a necessitar de um profissional qualificado para assessorar e coordenar todo o tipo de ação da empresa que necessita de mobilização e qualificação dos funcionários/colaboradores. Assim, qualificar e reeducar o profissional, por meio de treinamentos, capacitações, formações continuadas e projetos voltados ao âmbito empresarial, é o *métier* principal desse profissional.

A Pedagogia Empresarial existe, portanto, para dar suporte tanto em relação à estruturação das mudanças quanto em relação à ampliação e à aquisição de conhecimento no espaço organizacional. O pedagogo empresarial ‘promove a reconstrução de conceitos básicos, como criatividade, espírito de equipe e autonomia emocional e cognitiva’. (LOPES; TRINDADE; CADINHA, 2006, p. 74).

Como parte fundante num processo de modernização, o pedagogo atua como um mediador do conhecimento entre formação e prática de trabalho. Seu agir tem interlocução com as demandas do mundo corporativo e consequentemente sobre as dificuldades inerentes às mudanças nas relações produtivas. O trabalho do pedagogo empresarial, desse modo, está vinculado ao mundo corporativo, que

experimenta constantes mudanças em função das sucessivas reestruturações do capital.

O pedagogo e a sua atuação no âmbito empresarial: algumas pistas para a formação continuada

A formação no curso de Pedagogia abrange a diversidade dos campos de atuação do pedagogo. Conforme a Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno (CNE/CP) n. 2, de 1º de julho de 2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada:

Art. 3º A formação inicial e a formação continuada destinam-se, respectivamente, à preparação e ao desenvolvimento de profissionais para funções de magistério na educação básica em suas etapas – educação infantil, ensino fundamental, ensino médio – e modalidades – educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional e técnica de nível médio, educação escolar indígena, educação do campo, educação escolar quilombola e educação a distância – a partir de compreensão ampla e contextualizada de educação e educação escolar, visando assegurar a produção e difusão de conhecimentos de determinada área e a participação na elaboração e implementação do projeto político-pedagógico da instituição, na perspectiva de garantir, com qualidade, os direitos e objetivos de aprendizagem e o seu

desenvolvimento, a gestão democrática e a avaliação institucional. (BRASIL, 2015, p. 3).

O marco legal e regulatório da formação do pedagogo concebe esse profissional como aquele que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos projetos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista os objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica.

Todavia, dada a complexidade dos diversos campos de atuação do pedagogo, evidencia-se a impossibilidade de a formação inicial sozinha dar conta das diversas questões que perpassam por sua atuação nos vários contextos. Nota-se a necessidade premente da formação continuada. Por outro lado, é sabido que o campo de atuação também é um importante espaço de formação. O processo de formação desses pedagogos, ao se inserirem no âmbito empresarial, por exemplo, inicia-se desde o primeiro contato com a cultura empresarial e vai se consolidando nas experiências vividas individual e coletivamente no processo de trabalho, constituindo um conjunto de conhecimento pessoal e prático. Esse conhecimento pessoal prático é o conjunto de convicções, sejam elas conscientes ou inconscientes, que surge da experiência íntima, social e tradicional e que se acha expresso nas ações das pessoas. Esse conjunto de conhecimentos centra-se nos significados que os pedagogos constroem sobre o mundo e o modo como tais significados afetam a maneira pela qual eles estruturam a sua experiência como profissionais da educação.

Talvez a análise das trajetórias dos pedagogos que exercem a mesma atividade profissional no âmbito em-

presarial possibilite ver as especificidades de sua atuação, focar as experiências recorrentes que permitam captar aspectos sociais e culturais dos processos identitários desses pedagogos, explicitar formas particulares de experimentar a condição de ser pedagogo na empresa e apontar pistas para pensar as práticas para sua formação continuada, uma vez que é impossível dar conta de todos os campos de sua atuação na formação inicial.

De outra forma, já encontramos estudos que apontam elementos para a formação com foco nesse campo de atuação. Ribeiro (2010b), por exemplo, sugere que as atividades de um pedagogo empresarial abrangem quatro áreas: atividades pedagógicas, sociais, burocráticas e administrativas. Diante dessa abrangência de possibilidades de atuação, uma formação apropriada desse profissional se daria abordando disciplinas como: didática aplicada ao treinamento, jogos e simulações empresariais, administração do conhecimento, comportamento humano nas organizações, educação e dinâmica de grupos, relações interpessoais nas organizações, desenvolvimento organizacional e avaliação do desempenho (RIBEIRO, 2010b). Essas, inclusive, são algumas das disciplinas de matrizes curriculares de pós-graduações na área de Pedagogia Empresarial.

Nesta visão, destacamos que o trabalho pedagógico que permeia a representação da Pedagogia Empresarial é aquele que concebe a Pedagogia como garantia de que a missão empresarial se realize conforme os princípios da organização, o modo correto de fazer as coisas para atingir resultados satisfatórios ocorra e os métodos e procedimentos para “ajudar as pessoas a se integrarem aos objetivos da empresa” apliquem-se. O profissional pedagogo, nesse

sentido, pode desenvolver projetos que busquem o aprimoramento das competências dos colaboradores, objetivando que eles se tornem mais críticos, analíticos e ativos, que resolvam seus problemas e que consigam trabalhar em equipe, sendo flexíveis às necessidades e transformações da empresa.

A efetivação e/ou mudança da cultura organizacional, que se refere à visão, missão e valores das empresas, é um dos passos que o pedagogo empresarial deve ter em mente para realizar seu trabalho com eficiência e eficácia. As empresas hoje buscam, além de conquistar o compromisso e envolvimento de seus colaboradores, também que todos se unifiquem em torno de uma mesma finalidade e que cada um deve ter sua cultura organizacional bem fixada. Espera-se uma mudança de comportamento dos indivíduos, fazendo com que todos se projetem na busca dos mesmos ideais, mesmo que haja diferenças particulares, possibilitando um trabalho mais comprometido e equiparado com os objetivos da empresa.

Na visão da Pedagogia Empresarial, os cooperadores são o recurso mais importante de uma instituição, pois, quando deixam de ser simples fornecedores comuns de mão de obra e passam a fornecer conhecimentos, associados às novas competências obtidas, sentem-se valorizados, trabalham motivados e com mais qualidade de vida, proporcionando, assim, um melhor ganho para a empresa, devendo ser o pedagogo empresarial o protagonista desse processo educativo.

No setor de gestão de pessoas, o pedagogo deve usar estratégias com toda a equipe para promover o desenvolvimento pessoal e profissional, compreender os pontos

críticos, identificar as qualidades, reconhecer os talentos, mapear as necessidades e as prioridades, além de elaborar ferramentas de avaliação que servirão também como instrumental para a ascensão profissional.

Toda organização tem a sua essência, que são seus valores, crenças, atitudes, hábitos, normas e linguagens, e uma dinâmica única, que orienta o comportamento dos colaboradores. A esse grupo de características exclusivas dá-se o nome de cultura organizacional. O pedagogo precisa ter o domínio dessa filosofia, que é a essência da empresa, tendo, por conseguinte, a missão de incorporar os colaboradores na cultura organizacional, através das formações continuadas, projetos e avaliações desenvolvidas por ele, juntamente com toda a equipe da gestão de pessoas.

Segundo Cadinha (2009, p. 20), “[...] o pedagogo é um estudioso das ações educativas que ocorrem em todas as vidas sociais, culturais e intelectuais do sujeito inserido em uma sociedade na qual ele contribui para o seu desenvolvimento”. De fato, o pedagogo tem a função de mediar o processo de aprendizagem e desenvolvimento de pessoas, independentemente do espaço em que elas se encontrem. Sua área de atuação é vasta, podendo ser requerida de diversas formas, a saber: na coordenação de equipes; no desenvolvimento de projetos; na definição de políticas voltadas ao desenvolvimento humano permanente; e na prestação de consultoria interna relacionada ao treinamento e ao desenvolvimento das pessoas na organização (ALMEIDA, 2006). É papel do pedagogo propor melhorias para o desenvolvimento de cada pessoa através das mais diversas práticas educativas, ao socializar conhecimentos com vistas ao alcance das metas, ao trabalho da autoesti-

ma, ao reconhecimento das motivações e, por conseguinte, ao desenvolvimento e aprendizagem da equipe. Os resultados atingidos que se processam com as atividades de treinamento e capacitação podem modificar o mundo em que vivem, desencadeando mudanças significativas a cada dia.

Tais exigências estão alinhadas com o discurso da valorização do capital intelectual, patrimônio de conhecimento, criatividade e inteligência de uma organização. O conceito de educação corporativa, nesse âmbito, surge como um apoio indispensável à existência e sobrevivência da empresa. Logo, o foco educacional muda, assim como sua importância na organização. Ou seja, não é mais suficiente desenvolver somente no indivíduo a habilitação e o conhecimento técnico-científico, é necessário desenvolver as demais marcas formativas, que são: atitude empreendedora; visão crítica; e atitude sustentável e colaborativa. Dessa forma, a busca pela excelência profissional em todos os departamentos passa a ser relevante, assim como as metodologias aplicadas para realizar essa educação em prol dos objetivos empresariais.

A análise que emerge do conceito de Pedagogia Empresarial nos leva a apreender que a atuação do pedagogo no âmbito organizacional exige desenvolver novas competências e habilidades intelectuais e que sua finalidade é a de conformar as qualidades e atributos pessoais dos trabalhadores para a concretização da vivência e realização dos processos de trabalho na vigência do modelo de produção denominado de acumulação flexível, ou toyotismo. Isso evidencia que, em cada contexto histórico, em face da forma específica da organização da produção capitalista, as características pessoais exigidas dos trabalhadores sofrem um

redimensionamento, uma readequação, para se manterem funcionais à lógica do capital. Essas exigências de novas qualificações hoje se submetem às exigências de complexas e heterogêneas inovações tecnológicas e organizacionais.

Nessa esteira, demanda-se que o trabalhador, além das competências técnicas, apresente outras qualidades, como independência, autonomia, criatividade e capacidade de comunicação e de iniciativa. Esse profissional flexível e inventivo, ancorado em conhecimento e treinamento das competências, redefine os padrões disciplinares e socializadores vigentes, valorizando as estratégias mobilizadoras e persuasivas (COLBARI, 2007). Assim, o colaborador pode adquirir novos conhecimentos e competências, além de atitudes que promovam seu crescimento, desenvolvimento e capacidade de adaptação ao mercado de trabalho e aos objetivos corporativos, conforme Vieira (2010).

Segundo Bruzzesi (2012), ao final dos anos 1980, as corporações passaram a esbarrar com a constante necessidade de inovação para reagir a esse novo mercado, com agilidade e flexibilidade, para se sustentarem competitivas e destacadas perante seus concorrentes. Com isso, o conhecimento e a capacitação passaram a ser necessários aos profissionais, pois era importante que a empresa criasse novos meios e métodos para propagação e comprovação de seu capital intelectual, trabalhados de maneira contínua e direcionados de forma estratégica para o modelo de negócio da organização.

Esse processo de readequação do perfil do trabalhador ao novo aparato produtivo expresso na Pedagogia Empresarial enfatiza o processo de mudanças laborais, que, ao se tornar mais complexo e menos repetitivo do que o

trabalho especializado dos antigos postos profissionais fixos da forma de organização taylorista-fordista, muda para uma organização flexível do trabalho com rotatividade nas funções, passando a demandar maior participação e envolvimento do trabalhador no interior da empresa. Haveria, pois, maior interesse do profissional na realização de sua atividade com menos monotonia e repetição, ademais de uma maior capacidade de abstração e análise para lidar com os novos aparatos produtivos, com destaque para o fato de que essa nova prerrogativa torna mais sutis aspectos como manipulação e controle do empregado, deixando mais velada a sua apreensão do que no paradigma taylorista-fordista, o que tem confundido práticas e discursos nos processos educativos e formativos, conforme análise de estudiosos como Kuenzer e Grabowski (2006).

É importante destacarmos que, no contexto das novas ideias acerca do perfil necessário ao profissional veiculadas na Pedagogia Empresarial, ocorre o revigoramento da teoria do capital humano – agora uma neoteoria –, expressa através do reconhecimento de que a relação entre educação, produtividade e competitividade é inquestionável. Esse reconhecimento ganha força no âmbito das instituições empresariais, a partir do qual o fenômeno do déficit educacional é identificado como sendo o fator determinante do estrangulamento do crescimento econômico.

O movimento de inserção do pedagogo nesse campo naturalmente requer os conhecimentos pedagógicos adquiridos em sua formação no campo da Pedagogia, mesmo que seja uma atividade que se apresente de modo contraditório aos modelos formativos hoje experimentados na maior parte das instituições de ensino superior brasileiras.

Desse modo, deve ser considerado o potencial crítico dessa formação, pois se apresenta como um campo de atuação que prescinde do que subjaz como princípio das propostas formativas em Pedagogia e demanda um tecnólogo da prática que seja capaz de entender as relações de produção que geram determinadas relações sociais e educar o trabalhador para atender às formas de produção em seus regimes específicos de acumulação, captando as determinações que ocorrem a partir dessa dinâmica e conformando modelos e práticas formativas e educativas.

Faz-se mister destacarmos que, ao enfocarmos os mecanismos e a Pedagogia de que a organização empresarial se utiliza para conformar o trabalho e a subjetividade do trabalhador às suas exigências, não encontramos nenhuma novidade. Talvez a novidade seja a oportunidade de, num processo de contradição, considerando os referenciais teórico-metodológicos que o pedagogo domina, construir-se a possibilidade de propostas educativas que concebam a profissionalização também como possibilidade de mais educação para os que vivem do trabalho. Nesse sentido, a atuação do pedagogo nesses espaços será muito mais efetiva.

Considerações conclusivas

Ao apontarmos a ampliação do campo de atuação do pedagogo, destacamos a sua inserção no ambiente empresarial, que, com os reflexos das metamorfoses do mundo do trabalho ocorridas no decurso do século XX, passaram a se orientar pelo paradigma de flexibilização da produção. Nesse contexto, empresas se viram diante da necessidade

de desenvolver em seus trabalhadores novas competências, novas capacidades de autogestão e novas formas de executar tarefas. A concretização de tais atributos no perfil dos colaboradores passou a ser considerada necessária no fortalecimento do denominado capital intelectual.

Emerge, nesse contexto, a valorização dos processos de desenvolvimento de habilidades e competências estrategicamente alinhadas com o negócio da empresa; para tanto, passou-se a demandar mais a atuação do pedagogo para desenvolver a denominada Pedagogia Empresarial. O estudo bibliográfico procedido nos levou a constatar que a tarefa do pedagogo no mundo empresarial consiste em analisar as necessidades e deficiências das organizações, desenvolvendo estratégias de ação por meio de projetos que propõem um aperfeiçoamento profissional, capacitando-os no sentido de se autogerirem.

A formação dos indivíduos em uma empresa, através da chamada educação corporativa, deixou de ter um foco exclusivo no treino para a realização de tarefas específicas e passou a ter um olhar mais direcionado para o desenvolvimento de competências e habilidades do colaborador. São ações mais voltadas para a reorientação do perfil dos colaboradores, tais como: independência, autonomia, criatividade e capacidade de comunicação e de iniciativa.

Na contemporaneidade, esses fatores são considerados importantes para que os colaboradores se sintam mais motivados e apresentem melhor desempenho no trabalho, promovendo, como consequência, uma maior competitividade da empresa no mercado.

Ao nos remetermos à reflexão sobre a formação inicial e continuada do pedagogo frente às demandas da pro-

fissão nos contextos escolares e não escolares, enfatizando a sua atuação no âmbito empresarial, chamamos a atenção para o fato de que contextos diferenciados requerem saberes específicos, o que direciona o foco da análise para a formação continuada.

Nesse sentido, dadas as especificidades do trabalho que o pedagogo desenvolve na empresa, além da especialização que se faz necessária, os fundamentos da ciência pedagógica que domina podem ser um diferencial na tarefa de construir processos educativos capazes de elevar a educação dos trabalhadores em processos formativos que proporcionem mais do que a readequação do perfil do trabalhador às novas exigências do aparato produtivo, que o levem a aprender a se relacionar com o conhecimento de forma ativa, construtiva, crítica e criativa.

Referências

ALMEIDA, M. G. *Pedagogia Empresarial: saberes, práticas e referências*. Rio de Janeiro: Brasport, 2006.

ALVES, G.; ANTUNES, R. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, 2004.

BRASIL. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL. Decreto n. 3.276, de 6 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 dez. 1999.

BRASIL. Decreto-Lei n. 1.190, de 4 de abril de 1939. dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, DF, 6 abr. 1939.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 26 maio 2006.

BRASIL. Resolução CNE/CEB n. 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 2 jul. 2015.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 5, de 13 de dezembro de 2005. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, 13 dez. 2005.

BRUZZESI, V. H. Um estudo exploratório sobre as universidades corporativas. *Revista Diálogos Interdisciplinares*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 95-103, 2014.

CADINHA, M. A. Conceituando Pedagogia e contextualizando Pedagogia Empresarial. In: LOPES, I.; TRINDADE, A. B.; CADINHA, M. A. (Org.). *Pedagogia Empresarial: formas e contextos de atuação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009. p. 15-36.

CLARO, J. A. C. S.; TORRES, M. O. F. Pedagogia Empresarial: a atuação dos profissionais de educação na gestão de pessoas. *Revista Contrapontos*, Itajaí, v. 12, n. 2, p. 210-218, 2012.

COLBARI, A. L. A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 16-21, 2007.

DELORS, J. (Org.). *Educação, um tesouro a descobrir*: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

EBOLI, M.; CASTRO, C. M. Universidade corporativa: gênese e questões críticas rumo à maturidade. *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 4, p. 408-414, 2013.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GOHN, M. G. *Educação não formal e cultura política*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

HIRATA, H. Da polarização das qualificações ao modelo da competência. In: FERRETTI, C. J. *et al.* (Org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação*: um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 124-138.

HOLTZ, M. L. M. *Lições de Pedagogia Empresarial*. Sorocaba: MH, 2006/2007.

KUENZER, A. Z.; GRABOWSKI, G. Educação profissional: desafios para a construção de um projeto para os que vivem do trabalho. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, p. 297-318, 2006.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LOPES, I. *Pedagogia Empresarial*: formas e contextos de atuação. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

LOPES, I.; TRINDADE, A. B.; CADINHA, M. A. (Org.). *Pedagogia Empresarial*: uma nova visão de aprendizagem nas organizações. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006.

MACIEL, M. J. C. *O modelo das competências e o perfil profissional dos trabalhadores do terciário de Fortaleza*: entre as

representações teóricas e a realidade. 2002. 165 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2002.

NOGUEIRA, A. J. F. M. Notas sobre a perspectiva da gestão e do trabalho no cenário globalizado. *Revista Administração e Diálogo*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 19-34, 2007.

PASCOAL, M. O pedagogo na empresa. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 183-193, 2007.

PEREZ, D. Modalidades de educação e trabalho do professor: do contexto histórico da educação formal aos saberes e práticas contemporâneas da educação não formal. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 28-40, 2013.

RIBEIRO, A. E. A. *Pedagogia Empresarial*: atuação do pedagogo na empresa. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010a.

RIBEIRO, A. E. A. *Temas atuais em Pedagogia Empresarial*. Rio de Janeiro: Wak, 2010b.

SILVA, C. S. B. *Curso de Pedagogia no Brasil*: história e identidade. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

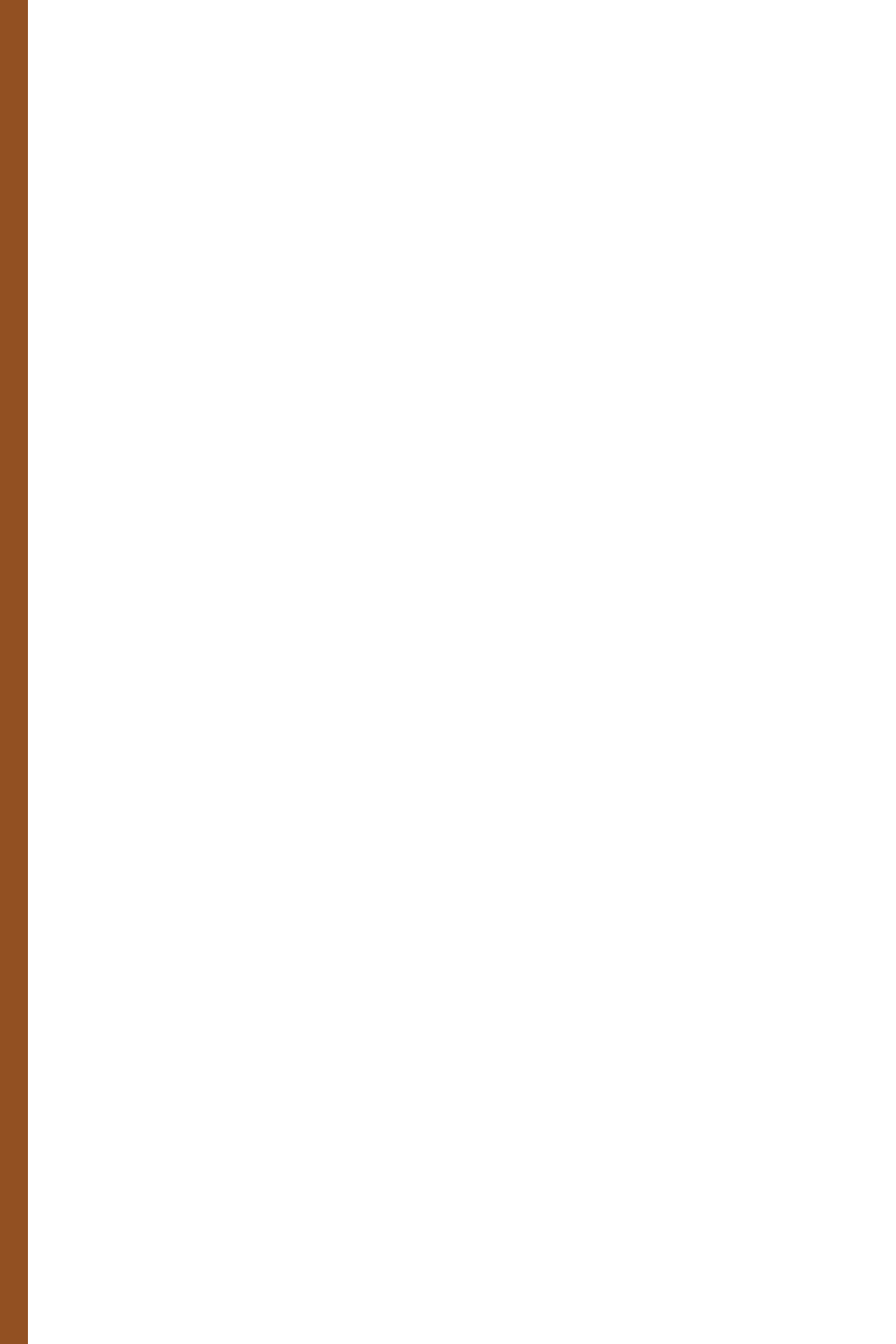
VIEIRA, J. A. *Qualidade da formação inicial de pedagogos*: indicadores na visão de egressos. 2010. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

WOOD JUNIOR, T. Fordismo, toyotismo e volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 13-18, 1992.





Segunda Parte



PEDAGOGIA EMPRESARIAL: A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO SENAC EM FORTALEZA-CE

MARIA JAKLINE DUARTE DE MACÊDO

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Durante os anos de 2012 a 2015, atuou como monitora do Programa Mais Educação, na Escola de Educação Infantil e Fundamental (EEIF) João Pinto de Macêdo.

E-mail: jaklineduarte01@gmail.com.

MARIA GERLAINE BELCHIOR AMARAL

Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), doutora e mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e licenciada em Pedagogia pela UECE. Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É membro integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (Educas). Em 2019 está realizando Formação em Psicanálise Clínica no Instituto Acadêmico de Psicanálise do Brasil (IAPB). Pesquisa a atuação do pedagogo em espaços escolares e não escolares. Esteve à frente do processo de organização dos seguintes livros: *Pedagogia hospitalar: múltiplos olhares e práticas* (2017) e *Pedagogia social: um horizonte educativo para contextos diversos* (2018).

E-mail: gerlaine.ufcg@yahoo.com.br.

Introdução

Este texto focaliza a Pedagogia como abrangente campo de conhecimento que forma profissionais para atuar em diferentes espaços. O estudo aqui registrado investigou o trabalho que o pedagogo desenvolve no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Trata-se de uma instituição de educação profissional, de caráter privado e sem fins lucrativos, mantida por empresários do comércio de bens, serviços e turismo. Está presente em todo o território brasileiro e no Ceará desde o ano de 1948.

O estudo realizou-se em Fortaleza no período de 26 a 30 de junho de 2017. A pesquisa em tela norteou-se pelo seguinte questionamento: quais as especificidades do trabalho do pedagogo no âmbito de uma instituição de educação profissional? Trata-se de uma dúvida recorrente entre os estudantes de Pedagogia. O percurso metodológico constituiu-se de três etapas, a saber: levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e análise dos dados coletados. O sujeito da pesquisa foi uma pedagoga que atuava no Senac. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação focalizada e a entrevista semiestruturada.

O Senac é uma das maiores instituições de educação profissional do Brasil. Oferece mais de 800 cursos profissio-

nalizantes em diferentes áreas. Oferece cursos de educação profissional de naturezas variadas, inclusive cursos técnicos em cerca de dez áreas do comércio, de bens, serviços e turismo, como, por exemplo, imagem pessoal, moda, hotelaria, gastronomia, saúde, comércio, gestão, entre outras. Os cursos mais ofertados pelo Senac no Ceará são: Relações Interpessoais; Comunicação Assertiva; Qualidade no Atendimento ao Cliente; Informática Básica, Excel; Vendas; Negociação em Venda; Administração de Conflito; Qualidade no Atendimento em Bares e Restaurantes; e diversos cursos técnicos. Todos os cursos técnicos são reconhecidos pelo Conselho Estadual de Educação e seguem diretrizes do Ministério da Educação (MEC). O Senac também oferece um serviço denominado *Banco de Oportunidades*, que consiste em:

[...] um serviço gratuito tanto para o aluno quanto para o empresário, voltado a atender alunos egressos e empresas, orientar e encaminhar ao mundo do trabalho egressos (ex-alunos) que concluíram com êxito os cursos da programação nos diversos segmentos de atuação do Senac. Sua missão é encaminhar para o mundo do trabalho ex-alunos qualificados pelo Senac no segmento de comércio de bens, serviços e turismo. Seu objetivo principal é verificar a qualidade percebida pelo mercado dos egressos (ex-alunos) qualificados pelo Senac. Justificando-se, assim, a oferta desta ação complementar à educação profissional. (SENAC, 2017, s.p.).

Por meio desse serviço –, que é o *Banco de Oportunidades* –, faz uso do banco de dados/cadastro dos ex-alunos

(que recebem uma orientação sobre mercado de trabalho, postura profissional e preenchimento de currículo) para promover a intermediação destes com as empresas que estão necessitando das pessoas com determinado perfil em seu quadro funcional.

O Senac tem abrangência nacional. No Ceará, tem centros de formação em diversos municípios e sua sede administrativa se localiza em Fortaleza. Em seus centros de educação profissional, atende a diferentes públicos através de uma programação aberta de cursos, bem como mantém uma equipe especializada no atendimento às organizações empresariais, a qual customiza ações de formação conforme as necessidades de organizações, tais como: escolas públicas e privadas, autopeças, bancos, barracas de praia, órgãos públicos, Tribunal de Justiça, empresas privadas, hotéis, pousadas e similares, Exército, Marinha, Aeronáutica, condomínios, delegacia (única vez), sindicatos, supermercados, clínicas, hospitais, restaurantes, organizações não governamentais, associações, etc. Busca oferecer uma formação que contemple tanto a dimensão técnica quanto a humana, tendo como lema principal a transformação das vidas daqueles que buscam uma formação de qualidade, de modo a transformar a realidade dos sujeitos que são vítimas de uma sociedade que oferece poucas oportunidades de emprego.

A interlocução entre Pedagogia, empresa e educação profissional

Na contemporaneidade, a atuação do pedagogo tem se modificado em consequência das múltiplas demandas

sociais. Para Franco, Libâneo e Pimenta (2011, p. 64), “Pedagogia é, antes de tudo, um campo científico, não um curso. O curso que lhe corresponde é que forma o investigador da educação e o profissional que realiza tarefas educativas, seja ele docente ou não diretamente docente”. Trata-se, portanto, de um profissional que irá atuar em espaços escolares, mas necessariamente sua profissionalidade será requerida em outros espaços e contextos.

O campo de atuação do pedagogo vai se expandindo a cada dia e suas práticas vão sendo requeridas em contextos diversos. Ortega e Santiago (2009, p. 29) assinalam que: “[...] ao contrário de outras profissões que perdem espaço no mercado de trabalho, o pedagogo a cada dia tem seu raio de atuação ampliado”. E, com as transformações oriundas do mundo do trabalho, expressas na globalização da economia e no acirramento da concorrência entre as empresas, um diferencial será a qualificação dos trabalhadores, emergindo, assim, uma nova área de atuação do pedagogo, a *Pedagogia Empresarial*.

A Pedagogia Empresarial é o termo que designa a Pedagogia que ocorre no âmbito das organizações empresariais. Tem a função de qualificar os diversos profissionais para atuarem em diferentes setores da economia. É atribuição da Pedagogia Empresarial implementar processos de avaliação, diagnóstico, planejamento, capacitações, treinamento, atualização e desenvolvimento humano e profissional dos funcionários. (AMARAL, 2016, p. 62).

O trabalho que o pedagogo realiza na empresa é complexo e necessita de conhecimentos gerais que possam

ser utilizados em prol do desenvolvimento humano e profissional dos trabalhadores. Necessita também de conhecimentos específicos inerentes à instituição na qual esteja trabalhando, conhecimentos estes que possam ser usados em processos de formação e qualificação dos sujeitos (novatos e veteranos) ligados à empresa. Deve dispor de saberes que, de modo geral, possam ajudar na otimização do trabalho dos funcionários da organização, isso porque a empresa tem como função precípua a obtenção de lucros a partir do trabalho realizado pelos funcionários.

Assim, o pedagogo na empresa tem a função de planejar, formar, treinar, com vistas a melhorar o desempenho dos funcionários, tornando-os cada vez mais aptos para desenvolver bem cada função que lhes for designada.

É interessante perceber que a atuação do pedagogo na empresa tem como pressuposto principal a filosofia e a política de recursos humanos adotados pela organização. Daí o cuidado para não imaginar que o treinamento tem um fim em si mesmo ou que a postura a adotar na empresa é a mesma a ser adotada em uma escola. (RIBEIRO, 2010, p. 9-10).

O trabalho do pedagogo na empresa é estreitamente ligado ao órgão de Recursos Humanos. É nesse órgão que o pedagogo irá utilizar as ferramentas pedagógicas que foram apreendidas no decurso de sua formação em Pedagogia. Uma de suas tarefas primordiais é contribuir para que se construam e mantenham boas relações interpessoais. Relações estas que interferem diretamente no desempenho individual das pessoas e conseqüentemente na produtividade delas.

Na empresa, o ato de planejar também é crucial. O planejamento no âmbito organizacional deverá conter somente o que é indispensável, levando em conta o tempo que tem para executar o que foi planejado, não podendo exceder o tempo determinado. Tudo precisa ser otimizado na empresa; cada segundo que se perde para realizar um treinamento extenso é tempo que se perde na produção e, quando se perde tempo na produção, conseqüentemente há prejuízo no setor financeiro. Convém pontuar que o planejamento é um conteúdo central no curso de Pedagogia, por isso, quando tal habilidade é requerida na empresa, o pedagogo precisa estar apto a contribuir. No mundo do trabalho, planejamento e treinamento são indispensáveis. Nessa perspectiva:

A Pedagogia Empresarial se ocupa basicamente com os conhecimentos, as competências, as habilidades e as atitudes diagnosticadas como indispensáveis/necessárias à melhoria da produtividade. Para tal, implanta programa de qualificação/requalificação profissional, produz e difunde treinamento, desenvolve programas de levantamentos de necessidade de treinamento, desenvolve e adapta metodologias da informação e da comunicação às práticas de treinamentos. (RIBEIRO, 2010, p. 11).

No âmbito das organizações empresariais, a qualificação profissional é indispensável para cada funcionário contratado, visto que a habilidade profissional satisfatória é resultado de uma boa qualidade do treinamento na fun-

ção que lhe é conferida. É nessa dimensão que se insere a relevante contribuição do pedagogo nas organizações. Seu trabalho como mediador de informações, saberes e conhecimentos para os funcionários novos e veteranos tem um papel determinante na qualidade, na produção e nos objetivos que a empresa deseja atingir.

A atuação do pedagogo no Senac em Fortaleza

O público atendido pelo Senac é diversificado, composto por homens e mulheres, na maioria, jovens. Os cursos oferecidos são variados. A qualidade dos referidos cursos confere um mérito diferenciado à instituição e aumenta a demanda do público que procura serviços no âmbito da qualificação profissional. É relevante destacar que a cada dia o mercado de trabalho torna-se mais exigente. Sendo assim, amplia-se a necessidade de profissionais qualificados para ingressar no mercado de trabalho formal; tal realidade faz com que o Senac invista cada vez mais na inovação dos cursos que oferece, sempre em consonância com as demandas contemporâneas.

Ao iniciarmos a entrevista com a pedagoga, indagamos: “Como se caracteriza a Pedagogia Empresarial no âmbito do Senac?”. Ela fez-nos, então, uma explanação ampla, conforme registro a seguir:

A Pedagogia Empresarial no âmbito do Senac é uma Pedagogia que está voltada para oferecer uma educação profissional pautada no ensino por competências. É uma Pedagogia que tem um olhar cuidadoso e

se preocupa tanto com a formação na dimensão técnica como com a humana. Em virtude disso, nossa equipe pedagógica tem toda uma preocupação com o planejamento dos cursos que são oferecidos. No caso do in company¹, que é o sistema que eu trabalho, por meio dele o Senac vai até a empresa com nossos consultores técnicos oferecer os cursos que estão no nosso portfólio, ou então a empresa vem até o Senac procurar nossos cursos. Ao entrar em contato com a empresa, a nossa primeira preocupação é querer saber do empresário quais são as competências que ele deseja que seus funcionários desenvolvam, a partir disso começa todo um processo de organização e planejamento do curso que será ministrado de acordo com a necessidade da empresa. (Pedagoga do Senac, 2017).

Observa-se que o trabalho pedagógico desenvolvido no Senac se diferencia da educação básica, porque tem a especificidade de preparar o sujeito para o mundo do trabalho pautado no ensino por competência. Para melhor compreender tal conceito, são pertinentes as contribuições de Mapurunga e Moraes (2013, p. 18), que assinalam:

O termo ‘competência’ tem recebido vários significados ao longo do tempo, mas,

¹ *In company* é uma nomenclatura usada para os cursos ou consultorias vendidas fechadas às empresas. Sistema utilizado pelo Senac, o qual é responsável por levar consultores técnicos até as empresas para oferecer os cursos da programação aberta e fechada no portfólio do Senac. Outrossim, a pedagoga acompanha os consultores técnicos no *in company* e também é a responsável por fazer a supervisão dos cursos que são oferecidos por esse sistema.

de modo geral, está associado a atributos ou características que dotam uma pessoa de recursos para realizar bem uma determinada tarefa ou resolver uma situação com criatividade na hora em que ela se apresenta.

Assim, a competência profissional está aliada à capacidade de desenvolver com qualidade as atividades solicitadas. Nesse sentido, evidencia-se que o trabalho pedagógico desenvolvido no Senac se preocupa com o que os seus alunos sabem fazer e também com a qualidade das atividades desenvolvidas. Não basta saber fazer, é preciso saber fazer benfeito. De acordo com o Projeto Político-Pedagógico (2016, p. 3), “O profissional formado pelo Senac tem foco em resultados e apresenta as seguintes marcas: domínio técnico-científico; visão crítica; atitude empreendedora; atitude sustentável e atitude colaborativa”. Para oferecer uma melhor compreensão do amplo e significativo trabalho desenvolvido pelo Senac, consideramos pertinente registrar os princípios filosóficos que o norteiam:

Homem: homem é o sujeito construído sócio-historicamente em sua complexidade. É agente de mudanças nas diversas esferas (social, cultural, política e econômica) em que se relaciona com a natureza por meio de sua atividade produtiva. Ele é capaz de desenvolver conhecimentos e tecnologias, bem como de transformar o mundo em que vive. Assim, deve ser desafiado a assumir posição reflexiva, crítica, responsável, autônoma e atuante em relação ao mundo e à sociedade. O mundo é

ao mesmo tempo um espaço globalizado (dinâmico e complexo) e regionalizado. É globalizado no que tange à exigência de novas competências que afetam as ações humanas de forma constante e significativa e é regionalizado porque gera o fortalecimento dos valores, das crenças e das culturas locais. Neste mundo, ciência e conhecimento estão a serviço das novas tecnologias que mobilizam as constantes e aceleradas transformações individuais e sociais. Há um movimento de crescente aceitação da diversidade e pressão por sustentabilidade, coexistindo com o acirramento da competitividade entre os blocos econômicos, países e indivíduos. Trabalho: no âmbito ontológico – princípio educativo e ação tipicamente humana e constitutiva do ser. Constitui-se também como prática econômica porque garante a existência, produzindo riquezas e satisfazendo necessidades. No âmbito da prática econômica – o trabalho está em constante mutação e permanente desenvolvimento, favorecendo a existência de novas formas de relação e organização do trabalho. É influenciado pelo progresso tecnológico, que causa alterações profundas nos meios e modos de produção, na distribuição da força de trabalho e na exigência de qualificação profissional (maior qualificação, maior autonomia e atualização permanente). No âmbito do trabalhador – o trabalho traz consigo uma grande mobilidade nas áreas profissionais e exige soluções

de problemas cada vez mais complexos. Educação: é um direito social e inalienável do ser humano que possui caráter intencional e político. Deve pautar-se nos quatro pilares fundamentais: aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a conviver; aprender a ser (UNESCO, 1996). A educação deve ser permanente (concebendo o conhecimento como algo não acabado), continuada (ao longo da vida) e promover a formação integral dos indivíduos sob uma perspectiva crítica, inclusiva e emancipatória. Ao mesmo tempo, deverá ser flexível e acontecer em múltiplos espaços, objetivando acompanhar as mudanças e os desafios impostos pela sociedade, bem como transpor o ambiente escolar convencional, incluindo, nesse processo, espaços e recursos virtuais. (SESC/SENAC, 2016, p. 30).

Tais princípios filosóficos norteiam todo o trabalho pedagógico que o Senac desenvolve. Pode-se dizer que essa clareza de princípios é, em parte, responsável pelos bons serviços que essa escola de educação profissional presta à sociedade.

Outrossim, a pedagoga não trabalha sozinha, tendo uma equipe pedagógica bem preparada que lhe auxilia no desenvolvimento das atividades de acompanhamento dos cursos do Senac, desde a fase inicial até a finalização dos cursos. Nesse processo, merece destaque a fase do planejamento, uma vez que o ato de planejar dá um direcionamento aos cursos a serem ministrados, atendendo, assim, às demandas das empresas e instituições atendidas.

É relevante pontuar o trabalho da pedagoga no sistema *in company*, que é responsável por ir até a empresa oferecer cursos para promover o aperfeiçoamento da formação dos profissionais a fim de que contribuam cada vez mais para corresponder aos objetivos da empresa. Observa-se aqui uma maneira efetiva de vivenciar a Pedagogia Empresarial. Ou seja, é possível depreender que a Pedagogia Empresarial é um modo de pensar o mercado de trabalho com vistas ao seu desenvolvimento e consequente integração do trabalhador. Mas não se trata de qualquer integração, antes de tudo trata-se de um processo de preparação do trabalhador para responder às demandas do mundo do trabalho na contemporaneidade, o que se traduz, na prática, em exercício de cidadania para o trabalhador.

Conforme assinala Ribeiro (2010, p. 31):

Na medida em que a tarefa de formação nas empresas assume um caráter antecipativo e contínuo em termos de qualidade, o trabalho de manutenção da qualificação profissional é acompanhado da tarefa de preparar, apoiar e dirigir processos de mudança. Este dado provoca mudança nos métodos de formação que evoluem de uma aprendizagem transmitida para uma aprendizagem orientada na ação e na experiência.

Nesse sentido, o trabalho do pedagogo na empresa consiste em preparar, apoiar e dirigir a aprendizagem dos sujeitos por meio de uma ação pautada na formação profissional que busca melhorar a aprendizagem dos funcionários para que se tornem profissionais mais qualifi-

cados. Considerando as especificidades do Senac, merece destaque o Programa de Aprendizagem Comercial Jovem Aprendiz/Menor Aprendiz, a partir do qual o Senac encaminha, orienta e avalia o processo de aprendizagem dos sujeitos em sua etapa inicial no mercado de trabalho.

Na sequência da entrevista, indagamos a pedagoga sobre as ações que desenvolve no Senac, quem nos prestou os seguintes esclarecimentos:

As ações que desenvolvo acontecem tanto no ambiente interno como no externo e estão estreitamente ligadas ao sistema in company. Assim sendo, eu faço o acompanhamento dos consultores técnicos que vão até as empresas oferecer nossos cursos e eu tenho a responsabilidade de fazer um levantamento das necessidades dos empresários; é preciso saber os cursos que eles vão querer e quais as competências que eles desejam que seus funcionários desenvolvam. Após saber isso e fechar contrato com a empresa, depois que fica tudo claro, a gente manda uma proposta para a empresa, no caso o consultor de vendas manda a proposta. Depois que a proposta é assinada, eu vou junto com o instrutor conhecer o local, conhecer as pessoas que vão ficar, que vão nos ajudar nessa logística, ver que material eles têm. Depois que a gente tem todo esse cuidado com o curso, aí eu vou planejar com o professor. Depois que eu planejo, faço a abertura do curso: na abertura, falo sobre o Senac, falo sobre a metodologia do curso, falo que competências eles irão desenvolver;

como eles serão avaliados, que indicadores o curso tem, a questão da frequência, da assiduidade, depois faço uma visita ao curso para exatamente ver a questão de como está o andamento do curso. Depois dou feedback ao professor e, por último, faço uma avaliação; essa avaliação é escrita, é uma pesquisa de satisfação; a gente tabula e manda para a empresa junto com o certificado. É assim; é esse cuidado que a gente faz e depois a gente ainda pergunta para a empresa como é que eles estão, a questão do pós-venda. (Pedagoga do Senac, 2017).

São múltiplas as ações desenvolvidas pela pedagoga do Senac, as quais estão voltadas tanto para o ambiente interno quanto externo à instituição. É pertinente destacar a relevância do levantamento das necessidades que a pedagoga faz com os empresários para melhor atender às especificidades da empresa. Isso revela a capacidade que o Senac tem, na condição de escola de educação profissional, para dialogar com as empresas.

Interessa-nos compreender e registrar que o trabalho da pedagoga permeia todas as etapas da qualificação profissional oferecida pelo Senac, a saber: percepção das necessidades da empresa, ideação dos cursos, preparação do material, planejamento de como será realizado, acompanhamento da execução do curso e, ao final, avaliação individual de cada estudante sobre a satisfação em relação ao aprendizado internalizado.

O relato aqui registrado nos permite inferir que o trabalho da pedagoga é complexo e que necessita de saberes, habilidades e competências para pensar, executar e avaliar

os cursos solicitados pelas empresas. Não é uma tarefa simples, pois precisa ir além disso. Faz-se necessário ter uma visão aguçada para enxergar/perceber além daquilo que os empresários conseguiram expressar. Precisa saber ouvir o que os clientes desejam, além de inferir o que necessitam, este é o processo denominado de *escuta qualificada*, que mostra uma das atividades mais significativas que caracterizam o perfil da pedagoga atuante no Senac.

As práticas educativas realizadas no âmbito empresarial são ações que demandam competência e conhecimento sobre processos de aprendizagens. É por meio de tais ações que o pedagogo expressa sua profissionalidade. O domínio acerca dos processos de aprendizagens é que o qualifica para pensar e conduzir processos formativos em espaços escolares e não escolares. Sobre a dinâmica formativa no âmbito das organizações, Ribeiro (2010, p. 30) assevera:

Ratifica-se que a seleção de métodos e técnicas didático-pedagógicos em uma empresa depende de alguns fatores, como tamanho da empresa, tipo de atividade que desenvolve, política de recursos humanos, concepção de treinamento/desenvolvimento de recursos humanos, nível de formação dos profissionais que nela atuam.

O êxito do trabalho do pedagogo ao responder a essa demanda de desenvolvimento de pessoas para o mundo do trabalho está ligado tanto à forma como se deu o seu processo pessoal de formação acadêmica como às demandas e elementos que constituem seu ambiente de trabalho. No que diz respeito aos saberes necessários para a atuação do pedagogo no Senac, a entrevistada assim se posicionou:

São muitos os saberes necessários. Entre eles, o principal é o saber ser, também tem a questão do saber conhecer a linha pedagógica do Senac. Conhecer a parte da organização, ter visão pedagógica, conhecer as teorias da educação e ter isso bem cristalizado, saber disseminar o seu conhecimento e conhecer a questão da Pedagogia mesmo. (Pedagoga do Senac, 2017).

Conforme exposto, ratifica-se a necessidade de que o pedagogo conheça a orientação pedagógica da instituição e procure alinhar-se de modo a ser coerente com os princípios norteadores da referida instituição. Cabe destacar que a cada dia surge um novo saber, uma nova técnica, um conhecimento que se renova mediante as necessidades de cada curso. Assim, de modo permanente, o pedagogo vai adquirindo outros saberes e renovando seus conhecimentos à medida que vai exercendo seu trabalho na educação profissional. Tardif e Lessard (2009, p. 91) advertem que os saberes têm:

[...] fronteiras porosas, permeáveis, flexíveis, mutáveis. Ora, essa ausência de especificidade e essa determinação das fronteiras significam que a divisão do trabalho escolar não se fundamenta logicamente numa divisão dos saberes, mas ao contrário, é a divisão do trabalho como fenômeno social, tendência global, que leva progressivamente grupos de indivíduos a distinguir-se no plano do saber.

Desse modo, confirma-se que não existe uma lista definida que enumere os múltiplos saberes necessários para

o pedagogo realizar de modo satisfatório seu trabalho. Ao contrário, é algo dinâmico e flexível. Seus conhecimentos vão evoluindo mediante os desafios, ações e vivências experienciadas nas suas atividades diárias vinculadas ao trabalho que desenvolve.

Em relação ao perfil do pedagogo do Senac, a entrevistada nos informou o seguinte:

A primeira coisa do perfil é você gostar daquilo que faz; é ter respeito pelo seu trabalho; é olhar para aquele empresário e ver que tem condições plenas de ajudá-lo. Então, a proatividade, o conhecimento técnico, a segurança do que você está fazendo ali, o conhecimento dos cursos do Senac, do nosso portfólio, essas são características que definem o perfil do pedagogo. O saber olhar além do que está posto aos nossos olhos, saber ler o que está nas entrelinhas do que o empresário deseja, mas não conseguiu dizer, também faz parte do perfil desse profissional. Portanto, ter sensibilidade, saber ouvir, saber falar, saber enxergar, saber como ajudar o outro através dos cursos que são oferecidos pelos serviços do in company são características primordiais que definem a caracterização do perfil do profissional desta instituição. (Pedagoga do Senac, 2017).

A partir do exposto, é possível depreender que se trata de um perfil que se constrói com sensibilidade, competência, autoformação e vivência da profissão. Para tanto, o pedagogo necessita de uma sensibilidade mais aguçada para ler as situações com as quais se depara, além de conhecimento técnico dos cursos que estão no portfólio do

Senac, de modo a transmitir segurança na interlocução com as empresas.

A competência e a autonomia nas atividades desenvolvidas são elementos que também caracterizam o perfil desse profissional. Todavia, o perfil do pedagogo se define pelas competências e habilidades do saber fazer pedagógico, algo que vai se delineando a cada dia mediante as ações que são desenvolvidas. Nessa perspectiva, o perfil do pedagogo atuante no Senac se define em sua capacidade de saber organizar, planejar, ouvir, falar, perceber, assessorar e inovar no seu ambiente de trabalho e nas atividades que estão para além do funcionamento interno do Senac.

Conforme assinalado anteriormente, o trabalho da pedagoga no Senac é ligado ao sistema *in company*. Então, as atividades desenvolvidas por ela vão além do funcionamento no interior da instituição, uma vez que faz a supervisão dos cursos que são oferecidos pelo Senac, mas que são realizados no âmbito da própria empresa. Estes buscam propiciar um ensino profissional pautado pelas competências a serem desenvolvidas pelos funcionários de acordo com as solicitações da organização empresarial, a partir de seus objetivos e metas.

O Senac é uma instituição que prima pela qualidade do seu trabalho, buscando sempre deixar suas marcas formativas nos alunos que são assistidos pelos cursos que oferece. Em decorrência desse zelo com a formação do trabalhador, o público atendido torna-se conhecido pela referência que é o Senac. A competência técnica aliada à ética profissional é o que define os relevantes serviços de educação profissional oferecidos por essa instituição. A filosofia que a orienta está de acordo com a perspectiva da

Mapurunga e Morais (2013, p. 20), que assinalam “Ser competente, porém é mais que saber e saber fazer. É preciso, também, saber ser e conviver”.

Sobre as contribuições do trabalho do pedagogo para o Senac, a entrevistada declarou:

Tanto o meu trabalho como o trabalho dos demais supervisores que compõem a equipe pedagógica do Senac contribuem para elevar cada vez mais o nome do Senac. Somos bem preparados, competentes e qualificados para poder assessorar e acompanhar os serviços que o Senac oferece com o objetivo de alcançarmos uma boa educação profissional, que seja referência para todo o mercado de trabalho. (Pedagoga do Senac, 2017).

A partir desses esclarecimentos, evidenciamos que o trabalho do pedagogo no Senac contribui significativamente para consolidar o nome do Senac. Além disso, contribui, de modo estratégico, para a oferta de uma educação profissional de referência no estado do Ceará. Oferece mais de 800 cursos profissionalizantes que qualificam o mercado por conta da excelência dos cursos que são ministrados em diferentes áreas. Entretanto, é imprescindível lembrar o significativo papel desempenhado pela supervisão pedagógica, que oferece suporte a todos os cursos e é realizada por uma equipe de pedagogos. A dimensão pedagógica não pode ser negligenciada, uma vez que é fundamental para a qualidade dos cursos. Ou seja, são os conhecimentos da Pedagogia a serviço da esfera econômica da sociedade, com vistas a atender às necessidades formativas do trabalhador e às demandas das organizações.

Faz parte da missão do Senac oferecer uma educação profissional de qualidade, assim os profissionais da equipe pedagógica são qualificados para oferecer um suporte na organização, no planejamento, no treinamento, na otimização de serviços, etc. Portanto, o pedagogo é um dos profissionais que, com sua competência e conhecimentos pedagógicos, contribuem para que o Senac tenha seu nome no mercado como uma instituição que capacita diferentes sujeitos para a inserção e permanência no mercado de trabalho.

Considerações conclusivas

O exame teórico realizado evidenciou que a Pedagogia Empresarial surgiu como uma necessidade do mundo do trabalho. Em virtude da globalização da economia, ocorreu um aumento avassalador da concorrência entre as empresas, o que fez com que as organizações investissem nos funcionários objetivando que eles produzissem mais e mantivessem ou aumentassem os patamares de lucratividade. Em função também do desemprego estrutural, os trabalhadores passaram a buscar mais qualificação profissional, tanto para se inserirem quanto para permanecerem no mercado profissional.

Esta investigação revelou que a educação profissional implementada pelo Senac é pautada na ética de uma formação que considera tanto a dimensão humana quanto a técnica, sendo uma Pedagogia que trabalha o ensino por competência. Quanto à atuação do pedagogo no Senac, os dados obtidos neste estudo mostram que compreende um trabalho de exímia competência, que requer muitos saberes, os quais são construídos diariamente por meio da in-

terlocação entre as informações adquiridas no decurso da graduação em Pedagogia e da experiência no exercício da profissão, no âmbito da educação profissional.

A atuação da pedagogia aqui entrevistada dá-se tanto no ambiente interno quanto no externo. Entre suas atribuições, estão: levantamento das necessidades do cliente; cadastramento e supervisão dos cursos que são ofertados pelo sistema *in company*; preparo do material; e formação do profissional que vai ministrar as aulas. Acompanha todo o processo, desde o levantamento das necessidades até a pesquisa de satisfação realizada após a conclusão do curso.

São características do perfil do pedagogo que atua no Senac: gostar daquilo que faz; ter sensibilidade para enxergar além do que o cliente expressa; fazer uma *escuta qualificada*; ter ética profissional; e fazer com competência o trabalho que lhe for demandado. Precisa conhecer bem a dimensão pedagógica do funcionamento organizacional do Senac e dedicar-se para oferecer o melhor de si em prol da excelência dos serviços prestados pela instituição.

A pedagoga entrevistada demonstrou utilizar vários saberes que se renovam a cada dia a partir de sua prática cotidiana, por exemplo: saber planejar; saber socializar; saber se comunicar; ser humana no trato com as pessoas; saber ouvir; e saber contribuir para a formação do outro tanto na dimensão técnica quanto na humana. São muitos os saberes necessários para que um trabalho de educação profissional seja realizado com qualidade e competência. Por fim, é possível assegurar que nessa instituição o pedagogo contribui significativamente para o desenvolvimento dos sujeitos que buscam aperfeiçoamento profissional.

Referências

AMARAL, M. G. B. O curso de Pedagogia e as demandas formativas na contemporaneidade: a atuação do pedagogo em espaços não escolares. *In*: LOPES, W. J. F.; SANTIAGO, S. M. M. (Org.). *Formação de professores e identidade docente em questão*: o que nos ensinam os 35 anos de Pedagogia no Alto do Sertão. Fortaleza: Impreco, 2016. p. 59-74.

FRANCO, M. A.; LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. As dimensões constitutivas da Pedagogia como campo de conhecimento. *Educação em Foco*, Belo Horizonte, v. 14, n. 17, p. 55-78, 2011.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2002.

MAPURUNGA, J.; MORAIS, M. L. C. *Você e sua formação profissional*: trabalho, serviços, pessoas, meio ambiente e empreendedorismo. Fortaleza: Senac, 2013.

ORTEGA, L. M. R.; SANTIAGO, N. B. A atuação do pedagogo: que profissional é esse?. *Pedagogia em Ação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 1-122, 2009.

RIBEIRO, A. E. A. *Pedagogia Empresarial*: atuação do pedagogo na empresa. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. *O Senac prepara os melhores profissionais para sua empresa*. Disponível em: www.ce.senac.br/bancodeoportunidades. Acesso em: 30 jun. 2017.

SESC/SENAC – Serviço Social do Comércio/Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial/Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Ceará/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento do Comércio – SENAC/SESC/FECOMÉRCIO/IPDC. *Projeto Político-Pedagógico*. Fortaleza: Senac, 2016.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente*: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO SETOR DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NO SINE/IDT EM FORTALEZA-CE

ROSALIANE LUSTOSA CARNEIRO TELES

Especialista em Organização Social do Trabalho Pedagógico pela Faculdade São Francisco da Paraíba (FASP) e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
E-mail: rosaliane2011@hotmail.com.

MARIA GERLAINE BELCHIOR AMARAL

Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), doutora e mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e licenciada em Pedagogia pela UECE. Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É membro integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (Educas). Em 2019 está realizando Formação em Psicanálise Clínica no Instituto Acadêmico de Psicanálise do Brasil (IAPB). Pesquisa a atuação do pedagogo em espaços escolares e não escolares. Esteve à frente do processo de organização dos seguintes livros: *Pedagogia hospitalar: múltiplos olhares e práticas* (2017) e *Pedagogia social: um horizonte educativo para contextos diversos* (2018).
E-mail: gerlaine.ufcg@yahoo.com.br.

Considerações introdutórias

A pesquisa registrada neste texto investigou a atuação do pedagogo no Sistema Nacional de Emprego/Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (Sine/IDT). Teve como objetivo conhecer as especificidades do trabalho do pedagogo no âmbito da formação profissional, bem como investigar a interlocução entre a formação acadêmica vivenciada no curso de Pedagogia e as atribuições do pedagogo quando atua na qualificação profissional.

A pesquisa foi do tipo exploratória, a partir da qual se buscou uma primeira aproximação com o objeto de estudo. A metodologia constou de duas etapas, a saber: inicialmente se realizou um levantamento bibliográfico e posteriormente se efetivou uma pesquisa de campo, que teve como *locus* o Sine/IDT em Fortaleza-CE. O Sine/IDT diz respeito a uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, qualificada pelo governo do estado do Ceará em 1998 como Organização Social (OS) para executar políticas públicas nas áreas do trabalho e empreendedorismo. O IDT executa as ações do Sine via contrato de gestão com a Secretaria Estadual do Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS). A missão do Sine/IDT é viabilizar soluções

para o desenvolvimento do trabalho e empreendedorismo visando à inclusão social.

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Para Oliveira (2008, p. 86), “[...] a entrevista é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador(a) e entrevistador(a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando”. Os sujeitos da pesquisa foram três pedagogos que, à época, trabalhavam no setor de qualificação do Sine/IDT. Quanto à estrutura, este capítulo divide-se em duas partes, a saber: na primeira, faz-se uma contextualização do trabalho do pedagogo na contemporaneidade. Na segunda, apresentam-se e analisam-se os dados coletados na pesquisa de campo.

Atuação do pedagogo na contemporaneidade

O século XXI traz novas perspectivas para a educação de modo geral e conseqüentemente para o pedagogo, que se insere num mercado de trabalho cada vez mais complexo. As mudanças ocorridas na sociedade, sejam no âmbito educacional, político, econômico ou cultural, estabelecem ligações orgânicas com a Pedagogia e, por conseguinte, com o pedagogo. É partindo dessa premissa que a Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno (CNE/CP) n. 1, de 15 de maio de 2006, em seu artigo 4º, inciso XI, preconiza que o pedagogo deve: “[...] desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas de conhecimento”, ratificando assim, uma realidade contemporânea que é a atuação do pedagogo em espaços não escolares.

Na atual configuração societária, a qual se convencionou chamar de “sociedade do conhecimento”, o pedagogo é um profissional que se destaca por trabalhar com a formação e desenvolvimento das pessoas, em contextos diversos e nas diferentes fases da vida. Na perspectiva de Holtz (2006, p. 6), “Quem pretende educar (orientar, influenciar, ensinar) só consegue com os conhecimentos de Pedagogia, que é o conjunto das experiências práticas e estudos sistematizados do fato educativo”. Assim, é imperativo reconhecer que os saberes pedagógicos são relevantes a toda prática social que requeira ação educativa, ou seja, novas aprendizagens e mudanças nos padrões de comportamento das pessoas. Para Libâneo (2010, p. 37): “É a Pedagogia que pode postular o educativo propriamente dito e ser ciência integradora dos aportes das demais áreas. Isso significa que, embora não ocupe lugar hierarquicamente superior às outras ciências da educação, tem um lugar diferenciado”.

Tal constatação dá-se em virtude de que a Pedagogia responde às demandas educativas do século XXI ao dispor dos saberes que podem contribuir no processo de desenvolvimento cognitivo, humano, social e profissional das pessoas que precisam viver, conviver e sobreviver numa sociedade globalizada e permeada por avanços científicos e tecnológicos. Nas palavras de Holtz (2006, p. 6): “[...] a Pedagogia estuda e aplica doutrinas e princípios para um programa de ação, com os meios mais eficientes de formação, aperfeiçoamento e estímulo das faculdades da personalidade humana”. Por isso, ocupa lugar estratégico no cenário atual.

A Pedagogia tem como função precípua melhorar os processos de aprendizagens dos sujeitos, por meio da re-

flexão, produção e sistematização do conhecimento. Além disso, como ciência social, está diretamente ligada com aspectos vinculados à sociedade, que está a requerer práticas educativas em contextos diversos. É de domínio público que as mudanças sociais ocorridas nos últimos anos colocam novas demandas ao curso de Pedagogia que extrapolam os muros da escola de educação básica. Assim sendo, a Pedagogia é o campo do conhecimento científico que se dedica ao estudo da educação em suas diversas modalidades, sejam elas sociais, culturais ou intelectuais; formais, informais ou não formais.

São notórias as mudanças na economia, na cultura e na sociedade em geral, conseqüentemente, a vida social tem demandado uma formação diferenciada, sendo necessário profissionais da educação com novos perfis, que sejam capazes de desenvolver práticas educativas em diferentes áreas, de modo a atender às necessidades contemporâneas. Segundo Cadinha (2011, p. 21), no contexto atual “[...] o conhecimento está constantemente mudando e com uma rapidez imensurável. Observa-se também uma intelectualidade nos processos de produção [...]. Atualmente é exigida dos profissionais cada vez mais qualificação”, uma vez que o volume de informações é atualizado de maneira vertiginosa. Assim, os pedagogos precisam ser dinâmicos para atuarem neste cenário moderno, competitivo, tecnológico e globalizado. Sobre tal realidade, Lopes (2011, p. 52) assinala:

Utilizamos a Pedagogia para organizarmos, de forma útil e dinâmica, o conhecimento construído dentro das empresas. Conhecimento este que, se valorizado,

lapidado e sempre renovado, dará suporte para novos investimentos, novas formações de atuações, novas frentes de aprendizagens.

Constata-se, então, que o pedagogo é o profissional que dispõe de saberes necessários para oferecer contribuições valiosas nesses novos cenários formativos. Cadinha (2011, p. 20) assevera que “[...] o pedagogo é um estudioso das ações educativas que ocorrem em todas as vidas sociais, culturais e intelectuais do sujeito inserido em uma sociedade na qual ele contribui para o seu desenvolvimento”. Ou seja, os saberes os quais domina são requeridos em todas as esferas, inclusive no âmbito da qualificação profissional, que é o contexto focalizado neste trabalho.

Nos tempos hodiernos, a qualificação profissional é um imperativo. Em alguns casos, é oferecida pelo poder público; noutros, são as organizações que proporcionam cursos e treinamentos para os funcionários, a fim de que desenvolvam seu potencial humano e profissional de modo que isso repercuta na produtividade da empresa. Para o trabalhador, o ato de qualificar-se favorece seu ingresso e permanência no mercado de trabalho. De acordo com Ribeiro (2010, p. 10):

As atividades de treinamento transformam-se em estratégias de socialização do conhecimento que ultrapassem os contextos organizacionais externos e possam, ao considerar o indivíduo em sua singularidade, promover mudanças em todas as áreas de sua vida. Pois melhorando a intelectualidade dos funcionários, toda instituição irá ganhar com

isso. Portanto, o pedagogo faz um trabalho diante de suas habilidades, autodisciplina e responsabilidade.

A referida autora acrescenta:

A Pedagogia busca estratégias e metodologias que garantam uma melhor aprendizagem/apropriação de informações e conhecimentos, tendo sempre como pano de fundo a realização de ideais e objetivos precisamente definidos. Tem como finalidade principal provocar mudanças no comportamento das pessoas de modo que elas melhorem tanto a qualidade do seu desempenho profissional quanto pessoal. (RIBEIRO, 2010, p. 11).

Assim, a Pedagogia se consolida como campo de saberes capaz de oferecer os conhecimentos necessários à promoção do desenvolvimento da pessoa humana nas diferentes fases da vida e em variados contextos, quer sejam escolares ou não escolares. E, nesta nova configuração social em que todos “querem” ou “precisam” aprimorar suas potencialidades, o pedagogo apresenta-se como um mediador nesse processo educativo, cujo objetivo maior é o desenvolvimento integral do sujeito.

Descrição e análise dos dados coletados na pesquisa de campo

Iniciamos a investigação com uma conversa informal com os pedagogos sobre o trabalho que desenvolviam no Sine/IDT. A seguir, demos início à entrevista semies-

truturada, de modo individual, com cada um dos pedagogos. Então, indagamos: “Na sua percepção, na atualidade, o pedagogo tem um novo campo de atuação na área de qualificação profissional? Por quê?”. Obtivemos o relato conforme descrito a seguir:

Sim, haja vista o fato de a educação profissional e tecnológica ser parte integrante da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei n. 9.394/1996. As alterações contidas na LDB têm a finalidade de converter em lei as inovações trazidas pelo Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). De tal modo, a educação profissional e tecnológica é obrigatória aos estados e municípios, tornando-se mais um elemento da política de melhoria da qualidade da educação brasileira, tendo como desígnio preparar melhor e aumentar a escolaridade dos trabalhadores. A nova composição dos artigos 37, 39, 41 e 42 da LDB estabelece que a educação profissional integre os diferentes níveis e modalidades de educação e as dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. (Pedagogo A).

Sobre o mesmo questionamento, o Pedagogo B respondeu: “*Sim, pois é o profissional que tem a capacidade e a formação apropriada para a compreensão sobre os distintos aspectos de aprendizagem, além da apropriação sobre as metodologias adequadas para tal fim*”. O Pedagogo C respondeu: “*Sim, porque é um profissional que contribui com todas as áreas do conhecimento*”. Diante do exposto, podemos depreender que os sujeitos entrevistados demonstram cla-

reza acerca da significativa e abrangente formação de que dispõe o pedagogo em função dos múltiplos conhecimentos produzidos e internalizados a partir das experiências vivenciadas na graduação.

A Resolução CNE/CP n. 1/2006, em seu artigo 3º, assegura que o estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética. Desse modo, é notório que o curso de Pedagogia propicia aos graduandos uma multiplicidade de saberes.

Na sequência, indagamos aos pedagogos: “Quais ações você desenvolve no Sine/IDT? Na medida do possível, especifique-as”. Obtivemos as seguintes respostas:

Meu trabalho tem ações eminentemente pedagógicas e administrativas. As ações pedagógicas efetivam-se em vários focos: aspectos interligados à prática de planejamento de cursos de qualificação profissional, dirigidos aos trabalhadores; oficinas pedagógicas e palestras de orientação para o trabalho; elaboração de projetos de educação profissional; elaboração de material didático de acordo com as demandas dos projetos de educação profissional; moderação de planejamento estratégico, tático e operacional; monitoramento de práticas pedagógicas; elaboração de relatórios. Quanto às ações administrativas, definem-se de acordo com

as demandas de execução dos projetos de educação profissional: organização de eventos; articulação de parcerias internas e externas; articulação de público-alvo para a formação de turmas; atendimento aos procedimentos logísticos da instituição; controle de recebimento e de entrega de material didático. (Pedagogo A).

Coordenação das ações desenvolvidas; orientação e supervisão da ação direta; criação de estratégia para atingir as metas estabelecidas para a instituição; criação de instrumentais de trabalho e de avaliação; criação de material de trabalho; acompanhamento de seleção da equipe nos municípios. (Pedagogo B).

Coordeno diversos projetos de qualificação profissional do IDT. (Pedagogo C).

As informações prestadas pelos sujeitos mostram que no Sine/IDT os pedagogos desenvolvem ações a partir de duas vertentes: as de cunho didático-pedagógico e as de cunho administrativo. Identifica-se, então, a estreita interlocução entre a natureza do curso de Pedagogia e a qualificação profissional. Cabe destacar que a estrutura curricular do referido curso é pensada de modo a oferecer uma consistente base teórica e prática, de modo que o pedagogo tenha condições de desenvolver ações pedagógicas em qualquer contexto que lhe for demandado, inclusive em instituições voltadas à qualificação dos trabalhadores.

O Pedagogo A, explicou que trabalhava com a prática de planejamento, oficinas pedagógicas, relatórios, entre outros. É pertinente destacar que todos esses domínios são

trabalhados durante a graduação. Assim, é possível identificar a correlação entre as disciplinas ministradas no curso de Pedagogia e o trabalho que os pedagogos desenvolvem no Sine/IDT. Tomando-se, por exemplo, a estrutura curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), de onde falamos, tem-se a disciplina de Planejamento e Projetos Educacionais, que fundamenta a qualificação de toda ação intencionalmente planejada; aponta ainda o planejamento como instrumento de transformação da realidade. Na disciplina de Fundamentos e Metodologias, propicia-se a vivência de oficinas pedagógicas. Neste caso, identifica-se uma relação direta entre os conhecimentos construídos na graduação e o trabalho que o pedagogo desenvolve no setor de qualificação profissional do Sine/IDT.

Os pedagogos entrevistados também relataram a elaboração de relatórios como uma de suas atribuições. Na universidade, esse aprendizado dá-se sobretudo na disciplina Estágio Supervisionado, na qual se orienta minuciosamente a elaboração de relatórios. Mais uma vez, identifica-se a aplicabilidade dos saberes – adquiridos no curso – em espaços não escolares, de modo que se reconhece “[...] a atuação do profissional pedagogo no campo de investigação e na sua atuação dentro da variedade de atividades voltadas para o educacional e para o educativo” (CADINHA, 2011, p. 17). Por outros termos, em qualquer contexto onde for requerida uma prática educativa, há espaço para o pedagogo atuar.

Outro sujeito entrevistado salientou que faz parte de suas atribuições criar estratégias para atingir as metas no Sine/IDT. Correlacionando com a formação acadêmica,

tem-se na disciplina Teorias da Gestão o aprendizado da elaboração de estratégias para alcançar os resultados almejados da instituição. Chiavenato (2012, p. 22) assinala que “[...] a gestão é o processo que visa atingir os objetivos e as metas de uma organização, de forma eficiente e eficaz, através da organização, planejamento, liderança e controle dos recursos disponíveis”. Esse saber demandado ao pedagogo é ratificado pela Resolução CNE/CP n. 1/2006, no artigo 4º, inciso II, ao determinar que o trabalho do pedagogo deve englobar: “[...] planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da educação”.

Na sequência da entrevista, buscamos identificar a interlocução dos saberes acadêmicos e a qualificação profissional a partir do olhar dos próprios entrevistados, motivo por que lhes indagamos: “Qual a relação entre a formação que você recebeu no curso de Pedagogia e o trabalho que você desenvolve no Sine/IDT? Como os conhecimentos adquiridos nas disciplinas do curso de Pedagogia lhe ajudam no trabalho que você desenvolve?”. Obtivemos as seguintes respostas:

Asseguro-lhe que o curso de Pedagogia foi condição sine qua non para o trabalho que realizo. Tanto as disciplinas teóricas quanto as metodológicas contribuíram para o desenvolvimento das dimensões técnicas, humanas e políticas necessárias ao trabalho que desenvolvo. Na dimensão técnica, por exemplo, as disciplinas sobre planejamento, conteúdos, avaliação e práticas do processo de ensino-aprendizagem (concepções metodológicas e de técnicas de condução de

grupo) deixaram subsídios que se juntam a outros conhecimentos adquiridos no mundo do trabalho. Na dimensão humana, o entendimento sobre o desenvolvimento cognitivo, afetivo e racional que precisamos manter com os pares durante o processo educativo e técnico. Na dimensão política, os princípios da pedagogia freireana, por exemplo, ao assinalar que a ‘A educação deve ter como objetivo maior desvelar as relações opressivas vividas pelos homens, transformando-os para que eles transformem o mundo’. Isso tudo é muito rico e se renova em nossa prática profissional no dia a dia. (Pedagogo A).

No meu caso específico, pude direcionar minha formação para essa área no âmbito da minha vida acadêmica por já ter clareza do caminho que queria seguir. Para isso, me apropriei de experiências vivenciais ainda na academia para a compreensão das realidades que iria encontrar, ficando, dessa forma, preparada para o cenário encontrado. Vale salientar que meu trabalho de término de curso foi dentro dessa perspectiva educacional de abordagem do pedagogo e a importância de seu trabalho em espaços adquiridos, permitindo chegar em campo mais amadurecida, o que, de fato, não impediu que, ainda assim, precisasse me apropriar de outras questões. (Pedagogo B).

Pela diversidade na formação do curso para as ações de educação profissional, sem o que seria impossível atuar de forma profissional, pois me faltariam conhecimentos. (Pedagogo C).

A fala dos sujeitos entrevistados mostra que os conhecimentos adquiridos durante o decurso da graduação lhes proporcionaram suporte teórico-metodológico para desenvolverem práticas educativas em qualquer espaço onde aconteçam processos de aprendizagens. É pertinente destacar que o pedagogo é o profissional que tem formação adequada para promover o desenvolvimento da pessoa humana em qualquer fase da vida (criança, jovem, adulto e idoso) e em qualquer contexto (hospital, presídio, escola, assentamento, empresa, tribunal, etc.). Jesus, Silva e Torres (2009, p. 1) asseveram:

[...] a Pedagogia está construindo uma nova postura na sociedade contemporânea, sua ação educativa está presente em todos os setores da sociedade, desenvolvendo espaço em diversas áreas do conhecimento, afinal há uma diversificação de Pedagogia na sociedade, existe um preconceito e desconhecimento entre intelectuais e profissionais do meio educacional, estes identificam a Pedagogia apenas na docência. Na prática social, é possível vivenciar a educação de forma formal, não formal e informal, pois neste trajeto desenvolvemos conhecimentos, habilidades, hábitos, procedimentos, atitudes e conceitos.

Cabe, então, pontuarmos que o pedagogo, em cada área, contexto ou instituição em que for atuar, irá se deparar com especificidades que precisam ser conhecidas, apreendidas e dominadas por ele. O conhecimento e o domínio de tais especificidades serão alcançados por meio da formação continuada. A fala dos sujeitos entrevistados

expressa a consciência da importância da formação continuada para o atendimento das demandas inerentes ao seu trabalho no âmbito da qualificação profissional. Um dos pedagogos apontou que o profissional que não se atualiza para no tempo, o que mostra o grau de compreensão que possui quanto à relevância da sua própria formação, a qual se apresenta nos tempos hodiernos como imperativo para o bom desempenho do trabalho que realiza. Sobre isso, Freire (2003, p. 28) pontua:

A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que a sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes.

Além da compreensão acerca da relevância da formação continuada, outro elemento apontado na entrevista foi a contribuição acadêmica na dimensão política inerente ao trabalho do pedagogo. Um dos entrevistados relatou contribuições da pedagogia freireana à sua formação e destacou a relação entre os sujeitos oprimidos e opressores. Quanto a esse aspecto, Freire (1987, p. 23) adverte:

A violência dos opressores que os faz também desumanizados não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idea-

listamente opressores, nem se tornam de fato opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos.

Seguramente é possível perceber que a educação, em algumas instâncias da sociedade, tem um caráter libertador, fato que foi percebido na fala do Pedagogo A, que ressaltou a dimensão política como um dos componentes do trabalho por ele desenvolvido. Convém destacarmos que a política de qualificação implementada pelo Sine/IDT é norteadada pelo princípio da inclusão social, então a dimensão política se constitui como uma marca fundamental no trabalho do pedagogo.

Concluindo o texto, não o assunto

No estudo procedido, ratificamos que o curso de Pedagogia propicia uma formação abrangente, que na contemporaneidade é apropriada por diversas áreas e contextos. Constatamos, na prática, que a sociedade contemporânea demanda práticas educativas em múltiplos espaços sociais, inclusive aqueles que têm uma relação direta com o mercado de trabalho, como foi o caso do Sine/IDT.

A pesquisa de campo permitiu-nos conhecer as especificidades da atuação do pedagogo no Sine/IDT. A investigação mostrou que, na referida instituição, os pedagogos desenvolvem seus trabalhos nas áreas: administrativa, técnica e pedagógica.

Na área pedagógica, realizam trabalhos como: planejamento dos cursos de qualificação profissional oferecidos aos trabalhadores; oficinas pedagógicas; palestras

de orientação para o trabalho; elaboração de material didático de acordo com as demandas dos projetos; monitoramento de práticas pedagógicas; elaboração de relatórios. No âmbito administrativo, desenvolvem as seguintes funções: organização de eventos; articulação de parcerias internas e externas; articulação do público-alvo para a formação das turmas; atendimento aos procedimentos logísticos da instituição; controle do recebimento e de entrega do material didático. As informações descritas nos permitiram inferir a dimensão e relevância do trabalho do pedagogo nessa instituição. Ficou evidente a necessidade dos conhecimentos oriundos da Pedagogia para o êxito de ações de qualificação de pessoal por meio do trabalho do pedagogo.

Também foi objetivo desta investigação refletir acerca da relação entre a formação recebida no curso de Pedagogia e o trabalho que o pedagogo desenvolve nos ambientes não escolares. A pesquisa nos permitiu ratificar a ideia de que o curso de Pedagogia proporciona inúmeros e significativos aprendizados. Durante o decurso da graduação, propicia-se uma formação diversificada por meio dos componentes curriculares teóricos e práticos. Todas as disciplinas ministradas, de algum modo, contribuem para qualificar a atuação do pedagogo, quer seja em espaços escolares ou não escolares.

As falas dos sujeitos registradas neste trabalho mostram que os conteúdos a que tiveram acesso durante a graduação serviram como suporte teórico-metodológico para que esses profissionais pudessem desenvolver suas funções com êxito no Sine/IDT. É possível inferirmos que as disciplinas cursadas os preparou para pensar, sistema-

tizar e desenvolver processos formativos na escola e fora dela.

Eia a nossa contribuição ao debate em torno da atuação do pedagogo em espaços não escolares, haja vista que muitos ainda desconhecem os múltiplos lugares e contextos nos quais poderão atuar.

Referências

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 maio 2006.

CADINHA, M. A. Conceituando Pedagogia e contextualizando Pedagogia Empresarial. In: LOPES, I. (Org.). *Pedagogia Empresarial: formas e contextos de atuação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011. p. 15-36.

CHIAVENATO, I. *Administração geral e pública*. 3. ed. Barueri: Manole, 2012.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 14. ed. São Paulo: Olho D'Água, 2003.

GONÇALVES, E. P. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

HOLTZ, M. L. M. *Lições de Pedagogia Empresarial*. Sorocaba: MH, 2006.

JESUS, C. R. C.; SILVA, L. R. L. M.; TORRES, P. R. A atuação do pedagogo em contextos diversificados. In: ENCONTRO

LATINO-AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 13., 2009, Paraíba. *Anais...* Campina Grande: Univap, 2009. p. 1-6.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LOPES, I. (Org.). *Pedagogia Empresarial: formas e contextos de atuação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

RIBEIRO, A. E. A. *Pedagogia Empresarial: atuação do pedagogo na empresa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

PEDAGOGIA EMPRESARIAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO NO SENAC E NO SENAI

GLAÉ CORRÊA MACHADO

Pós-Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Infância e Educação Infantil (Nepiei) da PUC/RS. Professora dos cursos de graduação do Centro Universitário Leonardo Da Vinci (Uniassevi), Montenegro/RS. Professora dos cursos de pós-graduação na Universidade La Salle (Unilasalle), Canoas/RS. Coordenadora pedagógica na Secretaria da Educação do município de Brochier/RS. E-mail: glaemachado@hotmail.com.

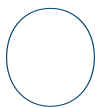
ANDRÉIA MENDES DOS SANTOS

Realizou Estágio Pós-Doutoral (PDJ/CNPq) em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e Estágio Recém-Doutor pela PUC/RS, doutora e mestra em Serviço Social pela PUC/RS e graduada em Psicologia também pela PUC/RS. Professora adjunta da PUC/RS junto à Escola de Humanidades nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) e Ciências Sociais (PPGC Sociais) e na graduação do curso de Pedagogia; bem como na Escola de Ciências da Saúde, no curso de Psicologia. Membro da comissão coordenadora do PPGEDU. Coordenadora da linha de pesquisa Pessoa e Educação (PPGEdu) do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Infância(s) e Educação Infantil (Nepiei) e do Grupo de Pesquisa sobre Questões Sociais na Escola. Editora da *Revista Educação*. Representante da PUC/RS no Comitê de Infâncias da Rede Marista. Entre 2010 e 2015, participou do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD), vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), junto ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social na mesma universidade. Desenvolve estudos nas temáticas de infâncias e educação infantil, obesidade, família, saúde, educação e *bullying*, entre outras. Possui parcerias no Departamento de Medicina Social e Instituto de Psicologia, Faculdade de Serviço Social da UFRGS; na Universidad Complutense de Madrid; e na PUC/RS junto aos cursos de Psicologia, Serviço Social, Ciências Sociais e Nutrição. E-mail: andreia.mendes@pucls.br.

TATIANA RODRIGUES DAITX

Especialista em Neuropsicopedagogia, em Psicopedagogia e em Supervisão Escolar e graduada em Pedagogia e Pedagogia Empresarial. Coordenadora pedagógica do Colégio Cenecista Nossa Senhora dos Anjos (Gensa), Gravataí, Rio Grande do Sul (RS), e psicopedagoga do Núcleo de Atendimento Educacional do Discente (NAED) da Faculdade CNEC, Gravataí/RS. E-mail: trdattx@gmail.com.

Introdução



ser humano tem a incumbência de agir sobre si mesmo e sobre seu mundo com inteligência e liberdade; organizar a própria vida e as condições em que ela se desenvolve com responsabilidade e autonomia é a tarefa que denominamos educação (OSÓRIO MARQUES, 1996). Essa educação se constrói a partir de relações sociais mediadas pela Pedagogia, que é a ciência da educação, desempenhada pelo pedagogo nos mais diversos espaços formais, informais e não formais, a partir de seus saberes, que, na perspectiva de Pimenta (1999), podem ser saberes da experiência, saberes do conhecimento e saberes pedagógicos. Essa *pedagogização* da sociedade demonstra a necessidade do pedagogo e sua atuação para além da educação básica.

Os processos educacionais perpassam pela sociedade de diferentes formas e podem ser oferecidos nos mais variados espaços, direcionando a atuação do pedagogo numa perspectiva humanizadora e transformadora, o que corrobora a perspectiva de Franco (2005, p. 177-178): “[...] a sociedade se tornou tão complexa, há que se expandir a intencionalidade educativa para diversos contextos, abrangendo diferentes tipos de formações necessárias ao exercício pleno da cidadania”, ampliando o campo de trabalho do

pedagogo para empresas, organizações não governamentais, hospitais, enfim, todos os espaços que possuam ações e intenções educativas.

É necessário, portanto, ampliar conhecimentos sobre a atuação do pedagogo nas organizações, uma vez que esse profissional ganha cada vez mais destaque no contexto social, diante das exigências de um mundo globalizado e uma sociedade em desenvolvimento. Ainda há falta de conhecimento das pessoas e das organizações sobre a sua atuação em áreas que não sejam o ambiente escolar e acadêmico. O pedagogo é um profissional versátil capaz de atuar em diferentes contextos, uma vez que sua formação é bem abrangente.

Embora tenham surgido novos cenários para a atuação do pedagogo, convivemos ainda muito pouco com a visão de uma Pedagogia inserida fora do ambiente escolar, pois a referência é a sala de aula, ou seja, a educação formal. Essa visão tem sido ampliada no sentido de pensarmos em um profissional capacitado para atuar além de espaços escolares, todavia a educação formal não deixa de ser um foco importante para o pedagogo, mas deixa de ser único (OLIVEIRA, 2004), o que nos motiva a apresentar um cenário com novas perspectivas, como a educação profissional e as possibilidades trazidas para a atuação do pedagogo junto ao Sistema “S”.

Aspectos históricos e políticos da educação profissional e a origem do Sistema “S”

A crise econômica originada nos Estados Unidos a partir da década de 1930 atingiu grande parte do mundo,

estando o Brasil entre as nações afetadas, diminuindo as suas exportações e sofrendo um contingenciamento das suas importações. Essa situação internacional impôs limites às possibilidades de desenvolvimento via exportação agrícola e favoreceu o advento de políticas de industrialização para o abastecimento do mercado interno, “[...] por substituição das importações” (TAVARES, 1977 apud RODRIGUES, 2007, p. 165).

O governo Vargas, em janeiro de 1937, promulgou a Lei n. 378, que transformou as Escolas de Aprendizes e Artífices e a Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz, a única escola incumbida de formar professores para o ensino profissional no país, em Liceus Profissionais, “[...] com o objetivo de irradiar no país o ensino profissional em todos os ramos e graus” (AZEVEDO; SHIROMA; COAN, 2012, p. 28). O avanço das políticas de desenvolvimento nacional via industrialização inscreve na Constituição de 1937 os contornos legais de uma política estatal para a educação profissional, estabelecendo no artigo 129:

O ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais. É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cum-

primário desse dever e os poderes que caberão ao Estado sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo poder público.

Na década seguinte, a Ditadura Vargas avançou na modernização capitalista, estabelecendo novas condições para a qualificação de uma força de trabalho para a indústria. Entre os anos de 1942 e 1946, durante o governo Dutra, mas sob a influência da Era Vargas, criou-se o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e implementou-se um conjunto de reformas, sob a iniciativa de Gustavo Capanema, então ministro da educação, que ficaram conhecidas como as “Leis Orgânicas do Ensino” (RODRIGUES, 2007).

Essa vasta legislação tinha como principais pontos: o ensino profissional passou a ser considerado de nível médio; o ingresso nas escolas industriais passou a depender de exames de admissão; os cursos foram divididos em dois níveis, correspondentes aos dois ciclos do novo ensino médio: o primeiro compreendia os cursos básico industrial, artesanal, de aprendizagem e de mestria; o segundo correspondia ao curso técnico industrial, com três anos de duração e mais um de estágio supervisionado na indústria, compreendendo várias especialidades.

A fundação desse sistema de escolas de aprendizagem e pré-aprendizagem industrial foi objeto de interesse direto da burguesia industrial, pois, no primeiro decreto, em 1938, previa-se a administração delas pelos sindicatos dos trabalhadores em conjunto com os Ministérios da Educação e do Trabalho, mas, quando da sua efetiva implanta-

ção mediante o Decreto-Lei n. 4.048, em janeiro de 1942, a responsabilidade da parte do Estado pelo Senai foi deslocada para o Ministério do Trabalho e a direção do sistema foi entregue à Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A criação do Senai teve como objetivo “[...] organizar e administrar, em todo o país, escolas de aprendizagem para industriários [e também o] [...] ensino de continuação e de aperfeiçoamento e especialização para trabalhadores industriários não sujeitos à aprendizagem” (RODRIGUES, 2007, p. 165). Com esse sistema, “[...] foi instaurado no Brasil o ensino industrial em larga escala” (HERMES; NUNES, 1994, p. 37 apud RODRIGUES, 2007, p. 166). Em décadas de funcionamento no país, o Senai foi disseminado e ampliou o conteúdo de sua ação pedagógica até a formação de cursos técnicos, tecnológicos, graduações e pós-graduações.

As políticas de Estado seguiram sendo ampliadas através de ações pedagógicas na direção do setor industrial e, em junho de 1946, o presidente Dutra, através do Decreto-Lei n. 9.403, criou o Serviço Social da Indústria (SESI) e também o entregou à coordenação da CNI. Sua atuação abrange as áreas de educação, saúde, lazer e serviço social, o que o situa como uma extensão da ação do Senai.

A montagem do aparelho Senai/SESI busca abarcar praticamente todas as facetas da formação humana da classe trabalhadora empregada na indústria: da formação profissional à formação moral e cívica, da higiene à cultura, da ‘defesa do salário real’ ao lazer, da educação pré-escolar à solução dos problemas domésticos. (RODRIGUES, 2007, p. 168).

Em 1946, foram criados o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e o Serviço Social do Comércio (SESC), sendo criados, em 1990, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), o Serviço Nacional do Transporte (Senat), o Serviço Nacional de Apoio ao Cooperativismo (Sescoop) e o Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (Sebrae). O conjunto dessas organizações compõe o que se convencionou chamar de Sistema “S”¹.

As ações no campo da educação profissional do governo Vargas ao governo João Goulart se deram no sentido de estruturar o capitalismo nacional, qualificando uma força de trabalho sob a orientação das necessidades da industrialização, pela “[...] elevação global da produção e da produtividade do trabalho” (RODRIGUES, 2007, p. 172). Para tal, buscou-se controlar as organizações dos trabalhadores com repressão e/ou convencimento via difusão da ideologia da “conciliação de classes” pela grandeza do Brasil.

No final do governo Sarney, de 1985 a 1990, o documento sobre realizações do Ministério da Educação comprovava a estratégia de formar técnicos “[...] para se incorporarem aos processos produtivos e a prestação de serviços à população e para atuarem como força auxiliar às equipes de pesquisa e desenvolvimento tecnológico” (BRASIL, 1990, p. 27 apud AZEVEDO; SHIROMA; COAN, 2012, p. 29), mantendo o caráter instrumental dessa modalidade de ensino para os atendimentos das necessidades da industrialização.

¹ O chamado “Sistema ‘S’” reúne entidades empresariais voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica – serviços considerados de interesse público. Embora sejam privadas e administradas por federações e confederações patronais, essas entidades são mantidas por contribuições estipuladas em lei e administram recursos públicos. Atualmente nove entidades compõem o sistema. Todas têm seu nome iniciado com a letra “S”.

Após várias décadas da sua implantação no Brasil, o ensino para o trabalhador assalariado mantém um caráter dicotômico, que separa o ensino profissional do ensino acadêmico, preservando a especificidade daquele em atendimento às necessidades de produção de cada momento histórico (AZEVEDO; SHIROMA; COAN, 2012).

Possibilidades de atuação do pedagogo junto ao Senac e ao Senai

A criação do Senac e do Senai, bem como suas formas de financiamento, remonta a meados da década de 1940, contudo foi apenas com a promulgação da Constituição Federal de 1988 que esses organismos passaram a integrar o cotidiano da nação brasileira. Sua principal fonte de receita advém principalmente das contribuições incidentes sobre a folha de pagamento das empresas pertencentes à categoria correspondente (setor produtivo da indústria e do comércio de bens e serviços), sendo descontadas regularmente e repassadas às entidades de modo a financiar atividades que visem ao aperfeiçoamento profissional (educação) e à melhoria do bem-estar social dos trabalhadores (saúde e lazer) (SESC/SENAC, 2005). Eles possuem instituições em todo o Brasil para oferta de educação profissional através da formação inicial e continuada para trabalhadores na educação técnica de nível médio e educação tecnológica de nível superior nas suas respectivas áreas de atuação.

As ações administrativas e pedagógicas tanto do Senac quanto do Senai contam com um pedagogo para operacionalizar as questões relativas à oferta da educação profissional e do funcionamento da instituição como um

todo, apresentando orientações sobre documentos, formas de ingresso da instituição no sistema federal de ensino, oferta de cursos e programas, formação de docentes, técnicos e demais colaboradores, organização de recursos e infraestrutura, registro da produção e articulação com o mercado de trabalho. Nesse cenário, o pedagogo tem a responsabilidade de contratar e acompanhar o trabalho docente, o planejamento, a prática pedagógica e os processos avaliativos desenvolvidos na instituição; esse acompanhamento precisa ser constante, assim como a oferta de formação continuada.

Quanto às rotinas do pedagogo nas instituições do Senac/Senai, podemos separá-las em atividades rotineiras: coordenação pedagógica da unidade; coordenação dos cursos oferecidos nas unidades; acompanhamento, suporte e avaliação dos processos pedagógicos, em parceria com os coordenadores de outras unidades; acompanhamento pedagógico dos alunos quanto aos aspectos motivacionais, relacionais, de ensino-aprendizagem, frequência, avaliativos e também pertinentes a preenchimentos de dados referentes ao banco de dados tanto de alunos quanto de professores; participação na elaboração de novos cursos, assim como das propostas pedagógicas para esses cursos; acompanhamento pedagógico dos professores e das aulas que ministram semestralmente quanto aos aspectos motivacionais, metodológicos, didáticos e avaliativos; planejamento e organização do calendário pedagógico e da programação semestral da unidade; organização e revisão coletiva dos documentos pedagógicos, dos diários de classe, da proposta pedagógica, do regimento escolar, dos projetos de curso, do regimento interno, etc.

Há outras atividades pedagógicas que são feitas conforme necessidade ou sob demanda, tais como: planejamento e organização de reuniões pedagógicas com alunos, pais e professores; aplicação de medidas pedagógicas e/ou socioeducativas, quando necessárias; levantamento de dados estatísticos, com o objetivo de identificar o perfil dos grupos e níveis de satisfação e até mesmo de avaliar a instituição; elaboração e aplicação de processos seletivos para ingresso de alunos novos e também professores; elaboração de materiais didáticos; organização e acompanhamento de cursos *in company*²; negociação com clientes e empresas; contato com entidades para ações sociais; desenvolvimento de programas de formação de professores e colaboradores da unidade; implantação e acompanhamento do Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade (PGQP)³.

Cabe ao pedagogo elaborar vários documentos, entre os principais: o projeto político-pedagógico, o regimento escolar e o planejamento da estrutura curricular dos cursos oferecidos pela instituição. Esses documentos são ferramentas úteis ao bom funcionamento da instituição, uma vez que constituem referências para as ações administrativas e principalmente pedagógicas (SENAC, 2014). O projeto político-pedagógico versa sobre os princípios políticos, filosóficos e pedagógicos que orientam as ações da instituição. Elaborado de forma participativa, o documento

² Cursos organizados conforme necessidade e perfil de cada empresa e/ou instituição.

³ O PGQP foi criado em 1992 com a missão de promover a competitividade no Rio Grande do Sul para a melhoria da qualidade de vida das pessoas nos setores público, privado e terceiro setor através da busca pela excelência em gestão com foco em sustentabilidade, sendo liderado pelos empresários gaúchos Jorge Gerdau Johannpeter e Ricardo Felizzola. É considerado um dos maiores patrimônios gaúchos da disseminação da qualidade e melhoria da gestão das organizações.

contempla o contexto institucional, os fundamentos e os objetivos da proposta pedagógica, bem como o currículo, as metas e as formas de acompanhamento e de avaliação dos professores, dos alunos e da proposta pedagógica. O regimento escolar deve conter as normas gerais que regulam as práticas do departamento regional referentes à organização administrativa, didática, pedagógica e disciplinar de suas unidades educacionais. Deve ainda estar em conformidade com os princípios do projeto político-pedagógico, da legislação nacional e da respectiva unidade da federação (SENAC, 2014).

O pedagogo que atua na educação profissional junto ao Senac/Senai parte da prerrogativa de que a educação é transformadora e contribui para o desenvolvimento dos seres humanos, não apenas no aspecto profissional, mas também pessoal, oferecendo condições de cidadania e subsistência e melhores condições de vida para si e para a sociedade no seu entorno.

O pedagogo e os desafios de uma profissão em movimento

É importante ressaltar que o curso de Pedagogia no Brasil passou, antes de chegar ao que é hoje, por três regulamentações: em 1939, em 1962 e em 1969, momentos esses em que foi apresentado um currículo mínimo como referência nacional. O currículo mínimo deixou de existir somente em 1996, dando lugar às diretrizes curriculares para as diferentes licenciaturas, como salienta Saviani (2012).

Mais tarde, com a aprovação da Resolução CNE/CP n. 1/2006, foi instituído o documento que estabelece as Di-

retrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia. O documento preconiza que “A formação do licenciado em Pedagogia fundamenta-se no trabalho pedagógico realizado em âmbitos escolares e não escolares” (BRASIL, 2006, p. 2).

Após essas mudanças e com a necessidade de se acompanhar o mundo globalizado e fortemente competitivo, o lucro das empresas não é mais determinado exclusivamente pelos recursos materiais, mas principalmente pelas pessoas. É nesse contexto que emerge a possibilidade de se ter um pedagogo atuando no ambiente empresarial, tendo as competências, as habilidades e as atitudes consideradas como indispensáveis e necessárias à melhoria da produtividade (RIBEIRO, 2010).

O ambiente organizacional influencia diretamente no aprender de todas as pessoas, sejam os colaboradores diretamente ligados ou ainda aqueles que exercem algum tipo de contato com a empresa. Dessa forma, a educação ocorre no ambiente interno e externo das organizações, oferecendo situações de aprendizagem, promovendo mudanças de comportamento e implicando no perfil das organizações ou dos trabalhadores, sendo tão necessário que essas mudanças ocorram, isso porque vivemos em um mundo em movimento e competitivo.

Com a globalização dos negócios, o desenvolvimento tecnológico e o intenso movimento pela qualidade e produtividade, surge a constatação de que, na maioria das organizações, a principal vantagem competitiva das empresas decorre das pessoas que nelas trabalham. Nessa perspectiva, Chiavenato (2010) evidencia que as pessoas são vistas como a esfera básica da organização, sendo um diferencial

no mundo globalizado. É nesse contexto que emerge a possibilidade de se ter um pedagogo atuando no ambiente empresarial, pois surge a necessidade de os trabalhadores incorporarem saberes teóricos, práticos e sobretudo procedimentais e atitudinais que possam ser usados em benefício da empresa.

Nessa esteira, Libâneo (1999, p. 116) assevera:

É quase unânime entre os estudiosos, hoje, o entendimento de que as práticas educativas estendem-se às mais variadas instâncias da vida social, não se restringindo, portanto, à escola e muito menos à docência, embora estas devam ser a referência da formação do pedagogo escolar. Sendo assim, o campo de atuação do profissional formado em Pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade. Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma pedagogia.

Diante desse cenário, percebemos a importância da formação em Pedagogia; o conhecimento adquirido é imprescindível para lidar com as questões que surgem no dia a dia no ambiente da gestão de processos educacionais. O pedagogo inserido nos espaços escolares ou não escolares é um articulador – um profissional visionário em busca de soluções para as problemáticas que surgem – e deve estar alinhado à missão e visão institucional, bem como ao que tal instituição espera de sua atuação. Libâneo (2001, p. 116) define duas esferas de ação educativa na prática do pedagogo, a escolar e a não escolar:

O pedagogo (escolar ou não) seria considerado um profissional especializado em estudos e ações relacionados com a ciência pedagógica, pesquisa pedagógica e problemática educativa, abordando o fenômeno educativo em sua multidimensionalidade. Nesse sentido, o curso de Pedagogia ofereceria formação teórica, científica e técnica para sua atuação em diferentes setores de atividades: nos níveis centrais e intermediários do sistema de ensino, como, por exemplo, na escola, nas atividades fora do setor escolar e dentro das empresas em atividades ligadas a formação e capacitação de pessoas.

Nesse contexto, percebe-se uma amplitude de suas dimensões, possibilitando ao pedagogo atuar em diversos tipos de instituições escolares ou não, por sua amplitude em competências, de uma forma geral, podendo ser um grande colaborador em questões que envolvam aprendizagem, relacionamento e desenvolvimento de competências, bem como em muitas outras funções, por ser um profissional extremamente multifuncional.

O pedagogo exerce seu papel com maestria, medianando as interfaces desse cenário; seu foco é a educação e o desenvolvimento humano, mas sempre alinhado ao movimento do mundo globalizado e dinâmico, no qual tudo muda e se transforma constantemente, sendo sua ação fundamental para dar vida e sobrevida à instituição em que está inserido.

As empresas tendem a enxugar seu quadro de colaboradores e otimizar recursos. Diante disso, o pedagogo

deve ser muito criativo e entusiasta para liderar sua equipe e trazer resultados positivos à organização, tornando-se o alicerce e referência, uma vez que detém saberes necessários para uma atuação eficaz. A sociedade exige que o pedagogo seja um profissional multifuncional, um líder articulador, conectado às tecnologias, um empreendedor que traga soluções para a empresa e resultados satisfatórios, nunca desviando seu olhar da educação e do desenvolvimento humano.

Considerações finais

A Pedagogia tem foco no desenvolvimento humano. Restringir seu papel somente ao âmbito escolar é simplificar sua potencialidade, visto que a educação se dá em todas as etapas de vida do ser humano, com ênfase em relacionamentos interpessoais e intrapessoais e também em suas atividades profissionais.

A atuação do pedagogo tanto no Senac quanto no Senai possibilita a esse profissional exercer variadas competências, pois no Sistema “S” o ensino e a aprendizagem são centrais no trabalho que a empresa desenvolve com colaboradores e alunos; os processos de avaliação são permanentes junto aos serviços disponibilizados interna e externamente; a capacitação dos profissionais que atuam no sistema é continuada, fazendo com que os planejamentos e as ações sejam constantemente repensados e avaliados; e todas essas ações acontecem nos níveis organizacionais e pedagógicos, pois são processos educativos com caráter de intencionalidade, configurando uma Pedagogia – nesse caso, uma Pedagogia Empresarial.

Enfim, a construção do conhecimento, seja no âmbito da escola ou da empresa, necessita da Pedagogia e do pedagogo, assim como dos conhecimentos, habilidades e competências que ele desenvolve ao longo de sua formação profissional. Essa construção do conhecimento se apoia também nas experiências observadas junto às empresas que têm propiciado a prática e o trabalho do pedagogo empresarial, embora ainda em pequeno número, mas com resultados consideráveis e à espera de relato, como neste exemplo.

Referências

AZEVEDO, A. L.; SHIROMA, E. O.; COAN, M. As políticas públicas para a educação profissional e tecnológica: sucessivas reformas para atender a quem?. *Boletim Técnico Senac*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 27-40, 2012.

BRASIL. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL. Constituição dos Estados Unidos do Brasil. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, DF, 10 nov. 1937a.

BRASIL. Decreto n. 4.048, de 22 de janeiro de 1942. Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (Senai). *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Rio de Janeiro, DF, 23 jan. 1942.

BRASIL. Lei n. 378, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, DF, 15 jan. 1937b.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. *Diário Oficial [da]*

República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 maio 2006.

CHIAVENATO, I. *Gestão de pessoas*. 3. ed. São Paulo: Elsevier, 2010.

FRANCO, M. A. S. *Pedagogia como ciência da educação*. Campinas: Papyrus, 2005.

GONÇALVES, M. H. B. *et al.* *Senac: referenciais para a educação profissional do Senac*. Rio de Janeiro: Senac/DFP/DI, 2004.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos: inquietação e buscas*. Texto de conferência escrito para o 2º Encontro Cearense de Educadores, promovido pelo OfinArtes – Centro de Acessória Pedagógica, Fortaleza, 1999.

OLIVEIRA, M. E. S. O pedagogo em espaços não escolares. *Revista Acadêmica Alfa*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2004.

OSÓRIO MARQUES, M. *Pedagogia: a ciência do educador*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 1996.

PIMENTA, S. G. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

RIBEIRO, A. E. A. *Pedagogia Empresarial: atuação do pedagogo na empresa*. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

RODRIGUES, J. “Formar homens que o Brasil necessita, eis a tarefa da educação”: o pensamento pedagógico empresarial na Era Vargas. *Revista Histedbr*, Campinas, n. 26, p. 160-182, 2007.

SAVIANI, D. *A pedagogia no Brasil: história e teoria*. Campinas: Autores Associados, 2012.

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. *Diretrizes da Educação Profissional do Senac*. Rio de Janeiro: Senac, 2014.

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. *Diretrizes Nacionais dos Programas de Aprendizagem Profissional Comercial do Senac*. Versão preliminar para apresentação ao Conselho Nacional. Rio de Janeiro: Senac, 2015.

SESC/SENAC – Serviço Social do Comércio/Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. *Natureza jurídica e a natureza jurídica das contribuições*. Confederação Nacional do Comércio. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio, 2005.

PEDAGOGIA EMPRESARIAL: A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO TRANSPORTE (SENAT) EM FORTALEZA-CE

EDUARDA MARIA DE ANDRADE

Especialista em Atendimento Educacional Especializado (AEE) pela Faculdade de Tecnologia (Fatec) e licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professora da Prefeitura Municipal de Tenente Ananias, no Rio Grande do Norte (RN).

E-mail: eduardaema@gmail.com.

MARIA GERLAINE BELCHIOR AMARAL

Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), doutora e mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e licenciada em Pedagogia pela UECE. Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É membro integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (Educus). Em 2019 está realizando Formação em Psicanálise Clínica no Instituto Acadêmico de Psicanálise do Brasil (IAPB). Pesquisa a atuação do pedagogo em espaços escolares e não escolares. Esteve à frente do processo de organização dos seguintes livros: *Pedagogia hospitalar: múltiplos olhares e práticas* (2017) e *Pedagogia social: um horizonte educativo para contextos diversos* (2018).

E-mail: gerlaine.ufcg@yahoo.com.br.

Introdução

Este texto é decorrente do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Novas áreas de atuação do pedagogo: Pedagogia Empresarial*, elaborado pela graduanda Eduarda Maria de Andrade sob orientação da professora doutora Maria Gerlaine Belchior Amaral. Foi apresentado no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Cajazeiras, no segundo semestre letivo do ano de 2015.

A importância de conhecer a Pedagogia Empresarial justifica-se em função do novo olhar que se lança sobre o curso de Pedagogia, que precisa promover esses esclarecimentos aos estudantes da graduação, os quais devem conhecer outras áreas de atuação do pedagogo. A reorganização produtiva inerente ao mundo do trabalho vem abrindo novos horizontes, que estão a requerer práticas educativas, possibilitando, assim, a inserção do pedagogo também no espaço das organizações empresariais.

Foi realizada uma pesquisa de campo tendo como *locus* de investigação o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (Senat) em Fortaleza, Ceará (CE). A missão da referida instituição é qualificar os profissionais para o mercado

de trabalho. Os serviços prestados concentravam-se no âmbito da educação profissional. O público-alvo atendido pela instituição eram jovens aprendizes e adultos que trabalhavam ou pretendiam trabalhar nas empresas de transporte.

Os cursos oferecidos na sede do Senat em Fortaleza eram: transporte coletivo, transportes escolares, transportes e operacionalização de materiais perigosos, cargas indivisíveis, máquinas pesadas, transportes de emergência. Esses cursos eram oferecidos para qualificar os profissionais que trabalhavam na área e que precisavam de atualização e aperfeiçoamento a cada cinco anos. Os cursos oferecidos aos jovens aprendizes do transporte eram: cobrador e despachante, assistente administrativo, auxiliar de almoxarifado, mecânica e logística.

O objeto de estudo da pesquisa foi a Pedagogia Empresarial. O estudo teve por objetivo geral investigar o trabalho que o pedagogo desenvolve no setor de transportes no Senat em Fortaleza. Os sujeitos da pesquisa foram três pedagogas que trabalhavam na instituição e os instrumentos de coleta de dados foram a observação direta e a entrevista semiestruturada. Neste texto foi registrada apenas a análise da entrevista com uma dessas pedagogas. A pesquisa foi norteada pelo seguinte questionamento: de que forma o pedagogo pode contribuir para as ações de Educação Profissional que são desenvolvidas no Senat?

Quanto à estrutura, o texto divide-se em duas partes, a saber: na primeira parte, aborda-se a dimensão conceitual da Pedagogia Empresarial; na segunda parte, contemplam-se os registros da atuação do pedagogo no Senat em Fortaleza.

Pedagogia Empresarial

O termo “Pedagogia Empresarial” no Brasil foi utilizado pela primeira vez na década de 1980 pela professora Maria Luiza Marins Holtz, para designar as atividades de estímulo ao desenvolvimento profissional e pessoal realizadas nas empresas (OLIVEIRA, 2012). A partir desse período, a qualificação profissional e a Educação Profissional têm se fortalecido ano após ano, sobretudo a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n. 9.394/1996. Desse modo, pode-se dizer que a Pedagogia Empresarial é uma área bem atual na qual o pedagogo pode atuar. É oportuno destacar que o foco principal da Pedagogia Empresarial é a formação do pedagogo para atuar no interior das organizações, visando aprimorar os processos de planejamento, capacitação, treinamento e desenvolvimento dos colaboradores, buscando por diferentes modos desenvolver a parte intelectual e social daqueles que estão de alguma forma ligados à empresa.

Na contemporaneidade, o mundo do trabalho vai exigir um novo perfil dos profissionais; nesse cenário, para contribuir com a formação do novo profissional ora demandado, o pedagogo empresarial vai ser requisitado. Com a crescente competitividade do mercado, as empresas veem-se obrigadas a preocuparem-se com o desenvolvimento de seus colaboradores, os quais são entendidos como fator principal do êxito empresarial. A qualificação dos colaboradores passa a ser um diferencial entre as empresas. Acerca desse assunto, Cadinha (2011, p. 30) aponta:

A Pedagogia Empresarial, enquanto ciência ligada ao desenvolvimento de uma

aprendizagem significativa, vem contribuir para que as empresas desenvolvam esses seus grandes ‘diamantes’ – o ser humano, em todos os seus aspectos, intelectual (conhecimentos e habilidades), social e afetivo (atitudes).

Pode-se depreender, então, que a Pedagogia Empresarial propicia novos conhecimentos para os funcionários, ampliando, desse modo, saberes e competências que atendam às exigências atuais de qualificação. Portanto, trata-se de aquisição de habilidades e apreensão de atitudes que são indispensáveis e necessárias para propiciar um melhor desempenho do funcionário, que, de certo modo, redundam em produtividade nas organizações.

Entretanto, é preciso reconhecer que ainda existem alguns administradores ou gerentes que veem o funcionário apenas como um número, sem o mínimo de consideração com o lado humano. Essa visão paulatinamente vai sendo superada, porque o administrador, se não entender que as pessoas precisam de incentivos diversos (formação, salário, benefícios, carreira profissional) para manter a boa qualidade de seu trabalho, faz com que o funcionário minimize seu desempenho, baixando a produtividade e consequentemente comprometendo o lucro. Ao assimilar esse entendimento, o setor administrativo, por conseguinte, passa também a reconhecer a relevância do trabalho do pedagogo na empresa ou para a empresa.

É pertinente esclarecer que existem práticas educativas que se realizam no interior da empresa e existem outras que são pensadas para atender a demandas dos trabalhadores e das empresas, exemplos disso são as es-

colas de educação profissional. A relevância da educação profissional e das variadas práticas de qualificação do trabalhador se justifica por existir uma correlação entre o sucesso de uma empresa e o sucesso pessoal de seus funcionários. Diante disso, cabe ao administrador contratar profissionais capacitados e qualificados na equipe de Recursos Humanos (RH), sendo o pedagogo empresarial um desses profissionais, pois vai atuar como mediador entre o desenvolvimento das pessoas e as metas e estratégias organizacionais.

A Pedagogia também é muito útil para organizar de forma clara, objetiva e dinâmica o conhecimento necessário ao bom desenvolvimento da empresa. Esse modo é muito importante, uma vez que é por intermédio da Pedagogia que se terá um apoio para os novos investimentos, novas formatações de atuação e novas frentes de aprendizado. Sobre esse aspecto, Ribeiro (2010, p. 11) assinala:

[...] a Pedagogia Empresarial existe, portanto, para dar suporte tanto em relação à estruturação das mudanças quanto em relação à ampliação e à aquisição de conhecimento no espaço organizacional. Ressalte-se que as habilidades, competências e atitudes devem estar voltadas para a filosofia, missão e estratégias da organização, não esquecendo que a essência de uma empresa está também relacionada à diversidade cultural existente nela.

Nas organizações, a Pedagogia Empresarial estimula as relações sociais, o trabalho em equipe, a capacitação e a formação continuada. Com isso, a Pedagogia Empresarial proporciona a melhoria do aperfeiçoamento pessoal

e profissional dos funcionários. Holtz (2006, p. 5) defende a seguinte ideia: “Sempre acreditei que a Pedagogia e a empresa fazem um casamento perfeito. Ambas têm o mesmo objetivo em relação às pessoas, especialmente nos tempos atuais”. Assim, essa área da Pedagogia tem relevante contribuição para as organizações, pois oferece suporte na reestruturação, ampliação e aquisição de conhecimentos do espaço organizacional. Sobre esse assunto, Almeida (2006, p. 6) assevera: “Qualificar pedagogos e administradores para atuarem no âmbito empresarial, visando aos processos de planejamento, capacitação, treinamento, atualização e desenvolvimento do corpo funcional da empresa, é o foco da Pedagogia Empresarial”.

Atualmente a empresa começa a abrir espaço para que esse profissional possa, de maneira competente, proporcionar um ambiente que solucione problemas, elaborando projetos, visando à melhoria dos processos instituídos na empresa e ainda garantindo a qualidade dos serviços que oferece.

Análise dos dados obtidos na entrevista com a pedagoga no Senat

Foi realizada uma entrevista semiestruturada com a pedagoga que atuava como coordenadora de cursos no Departamento de Desenvolvimento Profissional do Senat. No primeiro momento da entrevista, indagou-se: “De acordo com sua vivência, o que é Pedagogia Empresarial?”. A entrevistada respondeu da seguinte forma: *“Para mim, a Pedagogia Empresarial está relacionada à atividade do pedagogo em diversas áreas do mercado: Recursos Humanos, Projetos,*

Gestão da Qualidade, Eventos, etc. É a oportunidade de trabalhar processos de forma educativa”.

Na sua fala, pode-se perceber que a pedagoga tem uma visão ampla do que é Pedagogia Empresarial, pois aponta diferentes segmentos como passíveis de práticas educativas voltadas para o aprimoramento do funcionamento corporativo. Ela explicou que sua percepção tem como referência as diversas atividades que ela própria desempenha no Senat. No decurso da conversa, informou que sua atuação acontece em diversos setores da empresa.

A Pedagogia Empresarial nas organizações busca um aprimoramento das relações interpessoais, fomenta o trabalho em equipe, a capacitação e a formação continuada do quadro de pessoal, além de ocupar-se com os processos de aprendizagens relacionados à dimensão técnica. Para Ribeiro (2010, p. 10):

A Pedagogia Empresarial se ocupa basicamente com os conhecimentos, as competências, as habilidades e as atitudes diagnosticando como indispensáveis à melhoria da produtividade. Para qual implanta programa de qualificação/requalificação profissional, produz e difunde o conhecimento, estrutura o setor de treinamento, desenvolve programas de levantamento de necessidades de treinamento, desenvolve e adapta metodologias da informação e da comunicação às práticas de treinamento.

Desse modo, os pedagogos que atuam nas empresas implementam processos formativos que objetivam desenvolver competências, por meio de atividades, tais como:

curtos, projetos, formações, programas de treinamento e de desenvolvimento, entre outros. Conforme esclarecido pela pedagoga, no Senat a ocupação é sobretudo com a qualificação e a requalificação profissional por meio de treinamentos, cursos e palestras.

Na sequência da entrevista, foi feita a seguinte pergunta à pedagoga: “Como você percebe a Pedagogia Empresarial como uma nova área de atuação para o pedagogo?”, ao que ela respondeu:

Com as novas perspectivas de mercado, cada vez mais as empresas têm investido em educação corporativa. Além das novas tecnologias, a própria forma de fazer negócios e de se relacionar com os consumidores requer que as empresas preparem seus profissionais para a inovação, para lidar com a competitividade e a expansão do mercado. Por isso, entendo que o pedagogo tem amplo campo de atuação não só como funcionário, mas também em projetos especiais para desenvolver novas competências nos ambientes das empresas.

A fala da pedagoga mostra sua percepção acerca do mundo globalizado e de como isso resulta em intensas mudanças nas organizações. Seus argumentos justificam que os administradores tenham em sua equipe um pedagogo, visto que atuam com o desenvolvimento pessoal dos trabalhadores e da organização, auxiliando, portanto, na otimização da produtividade. É nesse contexto que as empresas estão reconhecendo no pedagogo um dos profissionais aptos a planejar e executar projetos que cola-

boram com o desenvolvimento econômico da empresa. É relevante discorrer sobre a educação corporativa como uma nova prática por meio da qual as empresas estão buscando aprimorar processos a fim de alcançar os resultados que pretendem atingir. Na educação corporativa, procura-se investigar se os funcionários estão alinhados à filosofia da empresa, ou seja, se têm as competências necessárias para gerar os resultados que as organizações empresariais almejam alcançar.

Sobre essa dinâmica atual no mundo do trabalho, Cadinha (2011, p. 29) pontua:

[...] o investimento no capital intelectual dos colaboradores da empresa também é fundamental, pois, 'quanto mais se lapida uma pedra de diamante, mais valiosa ela se torna'. O mesmo se diz em relação ao trabalhador: 'quanto mais se investe no aperfeiçoamento do conhecimento já adquirido do funcionário da empresa, mais ele se torna valioso e essencial para a mesma'.

Podemos depreender que no cenário atual, com a globalização da economia e o acirramento da competitividade entre as empresas, é essencial que estas procurem qualificar seus colaboradores para diferenciar-se das demais. Essa é uma atitude que precisa ser tomada pelos administradores. Tal medida é relevante para que a empresa obtenha maiores índices de produtividade e lucro, uma vez que a reestruturação do setor de Recursos Humanos nos dias atuais tem se mostrado como fator principal do êxito empresarial.

Na sequência da entrevista, foi indagado: “Qual trabalho você desenvolve no Senat? Na medida do possível, especifique as diferentes ações que desenvolve”. A pedagoga elencou várias atribuições realizadas por ela, a saber:

Gestão dos resultados e metas institucionais; definição de estratégias e acompanhamento dos indicadores de desempenho; alinhamento da equipe de técnicos e instrutores para os objetivos institucionais; planejamento e realização de jornadas pedagógicas; relacionamento institucional com parceiros; divulgação de cursos; gestão do portfólio de cursos; criação e implantação de cursos novos; recrutamento e seleção de profissionais para compor o quadro de funcionários; coordenação de projetos educacionais.

Além dessas ações aqui elencadas, a pedagoga entrevistada relatou que trabalha mantendo um diálogo permanente com o setor de Recursos Humanos das empresas de transportes. Também advertiu que esse diálogo com as empresas requer da profissionalidade do pedagogo competência e sensibilidade.

Essa descrição das atividades que executa revela que o trabalho desenvolvido no Senat é amplo e diversificado. Desse modo, fica evidente que a formação acadêmica na graduação deve proporcionar um arcabouço de informações que subsidie a atuação pedagógica. Efetivamente o curso de Pedagogia tem preparado profissionais aptos para promover o desenvolvimento da pessoa humana em diferentes contextos. Considerando as especificidades do Senat e sua correlação com a formação da pedagoga, verificam-se

as habilidades de coordenação, supervisão e gestão como diretamente aplicáveis ao seu trabalho voltado para o âmbito da qualificação do trabalhador.

Ao se tomar conhecimento da prática educativa no Senat, constata-se que, com as novas exigências do mercado de trabalho, o pedagogo tem se deparado com novas áreas de atuação. Para Libâneo (1999, p. 28): “[...] verifica-se, pois, uma ação pedagógica múltipla na sociedade. O pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não formal”. O pedagogo tem um campo de atuação vasto, as ações pedagógicas estão sendo desenvolvidas para além da escola de educação básica. Nessa perspectiva, onde houver prática educativa haverá Pedagogia.

As mudanças ocorridas no mundo da produção fazem com que a cada dia as empresas exijam atualizações de seus colaboradores, desse modo a Pedagogia, diretamente na empresa ou na escola de educação profissional, passa a ser uma aliada para desenvolver potencialidades, habilidades e competências necessárias no desenvolvimento humano e profissional dos funcionários.

Estes foram outros questionamentos feitos à pedagoga: “Qual a relação entre a formação que você recebeu no curso de Pedagogia e o trabalho que desenvolve no Senat?”; “Como os conhecimentos adquiridos nas disciplinas do curso de Pedagogia te ajudam no trabalho que você desenvolve”, tendo ela assim se posicionado:

Para mim, a formação em Pedagogia me ajudou a entender que tudo ocorre em função de um objetivo, de um resultado. Desse modo, visualizo a atividade-fim da instituição e

quais os processos estão envolvidos para a geração dos resultados esperados. Meu trabalho é justamente ordenar pessoas e recursos para alcançar os objetivos pretendidos.

O ato de planejar é algo basilar no curso de Pedagogia, sendo essa a dimensão ressaltada pela pedagoga acerca do trabalho por ela desenvolvido no Senat. Tendo em vista alcançar os objetivos definidos, a empresa, através da Pedagogia, age no sentido de provocar as mudanças necessárias no comportamento das pessoas. Esse processo de mudança chama-se aprendizagem, que é a especialidade do pedagogo (CADINHA, 2011). Essa aprendizagem é indispensável para preparar as mentes e os corpos dos colaboradores aos novos ambientes e realidades demandadas pelo mercado de trabalho.

A seguir, foi-lhe indagado: “Você necessita de formação continuada para realizar seu trabalho no Senat? Em caso afirmativo, como se dá essa formação?”, ao que ela respondeu: *“Constantemente, principalmente no que se refere a habilidades de gestão e comportamentais. Tanto faço investimento próprio, custeando cursos do meu interesse, como também participo de todas as oportunidades fornecidas pela própria empresa”*.

A resposta da entrevistada vem confirmar algo que é de domínio público: a necessidade de formação permanente para o pedagogo, independentemente de onde esteja trabalhando, se na educação básica, na educação profissional ou em contextos não escolares. No âmbito da Pedagogia Empresarial, essa exigência da formação continuada decorre da necessidade dos conhecimentos específicos relacionados a essa área de atuação.

No caso investigado, a pedagoga destacou as áreas da *Gestão* e *Comportamentais*, nas quais essa necessidade justifica-se pelo fato de o pedagogo que atua nos espaços empresariais ter como objetivo provocar mudanças no comportamento dos funcionários, de modo a melhorar a qualidade tanto do seu desempenho em âmbito profissional quanto em âmbito pessoal. Ribeiro (2010, p.27) apresenta alguns aspectos que devem estar presentes na atuação do pedagogo que trabalha em espaços empresariais: “[...] espírito de liderança, orientação para cliente, orientação para resultados, comunicação clara e objetiva, flexibilidade e adaptabilidade, criatividade e aprendizagem contínua”. Tais aspectos são imprescindíveis para alcançar os objetivos determinados, segundo as necessidades da empresa e do próprio funcionário.

Para finalizar a entrevista, foi perguntado: “Há algo mais que gostaria de acrescentar no tocante à contribuição da Pedagogia como ciência da educação e sua interlocução com o mundo do trabalho?”, tendo a pedagoga assim se pronunciado:

Para mim, Pedagogia é uma formação que amplia o leque de atuação dos profissionais dessa área. O pedagogo pode atuar em diversos setores da economia, pois desenvolve uma visão de processos educativos. Desse modo, pode trabalhar de forma casada com qualquer especialista para planejar e executar projetos em diversos setores. Para mim, também falta à formação do pedagogo uma melhor visão de gestão, não necessariamente empresarial, mas da gestão de processos e da própria sala de aula [...].

A pedagoga expressou uma visão que indica que a Pedagogia permite formar um profissional apto a atuar em várias instâncias educativas formais e não formais, isso porque a base de informações internalizadas durante a graduação permite construir uma compreensão dos processos educativos, de modo que são capazes de pensar, orientar, avaliar, redimensionar, corrigir e propor processos educativos para pessoas em diferentes fases da vida e em diferentes contextos. Assim, a Pedagogia apresenta-se como importante e necessária à produtividade de uma empresa por dominar práticas pedagógicas, metodologias e recursos necessários ao aperfeiçoamento e formação das pessoas. Nesse sentido, Holtz (2006, p. 5) reitera:

[...] uma empresa sempre é a associação de pessoas para explorar uma atividade com objetivo definido, liderada pelo empresário, pessoa empreendedora, que dirige e lidera a atividade com o fim de atingir ideais e objetivos também definidos. A Pedagogia é a ciência que estuda e aplica doutrinas e princípios visando um programa de ação em relação à formação, aperfeiçoamento e estímulo de todas as faculdades da personalidade das pessoas, de acordo com ideais e objetivos definidos. A Pedagogia também faz o estudo dos ideais e dos meios mais eficazes para realizá-los, de acordo com uma determinada concepção de vida.

Assim, infere-se que ambas agem em busca de ideais e objetivos preestabelecidos a fim de chegar a um resultado claramente definido, ou seja, promover mudanças ne-

cessárias no comportamento das pessoas, tendo como propósito responder às demandas do tempo presente, tanto as que são inerentes aos trabalhadores quanto as inerentes ao mundo corporativo.

Considerações finais

O estudo teórico realizado permitiu compreender que atualmente o ambiente organizacional vem se modificando devido ao fenômeno da globalização, das inovações tecnológicas e da reestruturação produtiva. Frente a tal realidade, as empresas estão investindo em seus funcionários com vistas a mantê-los atualizados e, assim, responder às novas exigências do mercado. Tal fato explicita e justifica a atualidade e relevância do tema abordado. A pesquisa mostrou que o pedagogo pode atuar nas diversas áreas que estão a requerer práticas educativas, ou seja, confirma que a atuação do pedagogo está para além da escola de educação básica.

Desse modo, o estudo propiciou o entendimento de que a Pedagogia Empresarial é uma realidade na sociedade hodierna, isso porque o mercado de trabalho requer atualmente profissionais cada vez mais capacitados, cenário no qual o pedagogo empresarial atua nos processos de desenvolvimento humano e atualização dos funcionários. A necessidade de qualificação permanente do trabalhador obriga-o a internalizar novas e múltiplas aprendizagens, assim o pedagogo ganha relevância e *status* social, visto que é um dos profissionais indispensáveis para a promoção de aprendizagens que auxiliam o trabalhador a se desenvolver profissionalmente.

A Pedagogia Empresarial é um caminho para a formação contínua do trabalhador, que conseqüentemente contribui para a produtividade das organizações. Através desta pesquisa, foi possível perceber que as atividades realizadas pelo pedagogo no Senat de Fortaleza referem-se a trabalhos burocráticos, administrativos, treinamento e qualificação de pessoal. São atividades de planejamento, gestão, controle e avaliação de aprendizagem. No Senat, o trabalho do pedagogo é individualizado, sendo cada um responsável por determinadas funções. Entretanto, tudo converge para um mesmo objetivo, que é melhorar o desempenho da qualidade dos diferentes processos que ocorrem na empresa. No Senat, as pedagogas atuam com o propósito de que os trabalhadores do transporte adquiram novas habilidades profissionais, aperfeiçoamento e qualificação profissional para ingressarem e manterem-se inseridos no mercado de trabalho.

A investigação revelou ainda que esse outro campo de atuação do pedagogo – a empresa – traz mudanças na forma de trabalhar; tudo muda: o tipo de ambiente, a postura de liderança do pedagogo, a forma como conduz a gestão. Esse outro campo de trabalho do pedagogo difere da atuação na escola de educação básica, inclusive na apresentação pessoal e também na questão salarial.

A investigação mostrou que o pedagogo precisa de uma formação continuada para a área específica na qual está atuando, visto que o curso de Pedagogia lhe fornece uma base de conhecimentos gerais, mas esse profissional, ao atuar em outras realidades, tem necessidade de estudos que contemplem as demandas específicas do seu espaço

de trabalho. Por fim, a pesquisa mostrou ainda que há pouco material teórico sobre essa temática, sendo, portanto, este estudo um contributo acerca da ampliação do conhecimento inerente à Pedagogia Empresarial.

Referências

ALMEIDA, M. G. *Pedagogia Empresarial: saberes, práticas e referências*. Rio de Janeiro: Brasport, 2006.

ANDRADE, E. M. *Novas áreas de atuação do pedagogo: Pedagogia Empresarial*. 2015. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Programa de Graduação em Pedagogia, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

CADINHA, M. A. Conceituando Pedagogia e contextualizando Pedagogia Empresarial. *In*: LOPES, I. (Org.). *Pedagogia Empresarial: formas e contextos de atuação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011. p. 15-36.

HOLTZ, M. L. M. *Lições de Pedagogia Empresarial*. Sorocaba: MH, 2006.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

OLIVEIRA, L. B. Pedagogia Empresarial: atuação do pedagogo nas organizações. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”. 6., 2012, São Cristóvão. *Anais...* São Cristóvão: UFU, 2012. p. 1-12.

RIBEIRO, A. E. A. *Pedagogia Empresarial: atuação do pedagogo na empresa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

A INTERFACE DA PEDAGOGIA COM A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: O TRABALHO DO PEDAGOGO NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

STELLA MARTINS ESTRELA BATISTA

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UECE). No ano de 2017, atuou na Educação de Jovens Adultos (EJA) na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental (EMEIF) João Pedro Júnior.

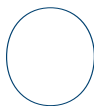
E-mail: stella-estrela07@hotmail.com.

MARIA GERLAINE BELCHIOR AMARAL

Pós-Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), doutora e mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e licenciada em Pedagogia pela UECE. Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UECE). É membro integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade (Educas). Em 2019 está realizando Formação em Psicanálise Clínica no Instituto Acadêmico de Psicanálise do Brasil (IAPB). Pesquisa a atuação do pedagogo em espaços escolares e não escolares. Esteve à frente do processo de organização dos seguintes livros: *Pedagogia hospitalar: múltiplos olhares e práticas* (2017) e *Pedagogia social: um horizonte educativo para contextos diversos* (2018).

E-mail: gerlaine.ufcg@yahoo.com.br.

Primeiras palavras...



objeto de estudo evidenciado neste capítulo é a interlocução da Pedagogia com a educação profissional. O texto aqui sistematizado originou-se de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* de Cajazeiras, Paraíba, no ano de 2017.

As informações aqui sistematizadas partem do pressuposto de que as transformações ocorridas na sociedade contemporânea forçam os profissionais das diferentes áreas a desenvolverem diversas posturas, saberes e competências, obrigando-os a vivenciarem um processo de aprendizagens que se intensifica a cada dia. Nestas primeiras décadas do século XXI, a área tecnológica se sobressai, e a Pedagogia, como ciência da educação, responde, em parte, às demandas de aprendizagens exigidas na sociedade de modo geral e no mundo do trabalho de modo particular. Desse modo, o pedagogo deixa de ser um profissional que trabalha apenas na educação básica e passa a atuar também em escolas de educação profissional e ainda em múltiplos espaços não escolares em que são requeridas práticas educativas.

Ante o exposto, o presente trabalho buscou conhecer a atuação do pedagogo no âmbito da educação profissional a partir do entendimento do modo como os institutos federais tecnológicos incorporam a profissionalidade do pedagogo na educação profissional. Esta investigação foi norteadada pelo seguinte questionamento: qual o trabalho que o pedagogo desenvolve nos institutos federais tecnológicos?

Quanto ao percurso metodológico, este constou de duas etapas; inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico, sendo, em seguida, realizada uma pesquisa de campo, que teve como *locus* dois institutos federais de educação, ciência e tecnologia, a saber: o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e o Instituto Federal do Ceará (IFCE). Os sujeitos que participaram desta investigação foram duas pedagogas (uma do IFPB e uma do IFCE). O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada.

Este estudo teve o propósito de contribuir com os estudantes de Pedagogia, proporcionando-lhes reflexões e conhecimentos acerca da atuação do pedagogo na educação profissional; no desenvolvimento de pessoas e processos educativos que respondam às necessidades formativas contemporâneas. O texto que segue está dividido em duas partes, a primeira traz elementos teóricos acerca da educação profissional; a segunda registra e analisa informações oriundas da pesquisa de campo nos institutos federais.

Pedagogia no século XXI: o trabalho do pedagogo na educação profissional

A interlocução entre educação e trabalho é uma relação orgânica, visto que as transformações na sociedade se

dão por fatores culturais, científicos, políticos, econômicos, sociais, entre outros. Nas primeiras décadas do século XXI, a Pedagogia é entendida como um campo de conhecimentos que se vincula à formação das pessoas em diferentes fases da vida e em contextos diversos. Uma das áreas de atuação do pedagogo é a educação profissional. A intervenção educativa nessa área dá-se de modo a preparar as novas gerações para inserir-se ao manter-se integrada ao mercado de trabalho, bem como para oferecer subsídios aos trabalhadores de modo a não apenas aceitarem a exploração inerente ao capitalismo, mas a desenvolverem posturas autônomas e propositivas frente ao seu processo educativo e ao processo de trabalho.

A Pedagogia tem a incumbência de pensar a educação, por isso cria e recria meios de ensinar e aprender que respondam adequadamente às demandas sociais, inclusive as que são exigidas na educação profissional. Na *sociedade do conhecimento* é preciso entender a Pedagogia para além da prática docente na escola de educação básica; antes pode ser compreendida como a ciência capaz de contribuir no desenvolvimento cognitivo, emocional, intelectual, artístico, humano e profissional das pessoas.

Ratificando tal premissa, Pimenta (2002, p. 61) assevera: “[...] o curso de Pedagogia pode, pois, desdobrar-se em múltiplas especializações profissionais, uma delas a docência, mas seu objetivo específico não é somente a docência. Portanto, o curso de Pedagogia não se reduz à formação de professores”. Um exemplo disso é o pedagogo que atua na educação profissional, que tem como finalidade mediar a interlocução entre a educação e o mundo do trabalho. Nesse contexto, a educação profissional responde

às necessidades de qualificar o sujeito para sua inserção e permanência no mercado de trabalho. Ao passo que a sociedade evolui, a educação e a Pedagogia também acompanham essa evolução.

É de domínio público que no cenário atual a Pedagogia está sendo demandada em diversas áreas (Hospitalar, Jurídica, Social, Ambiental, Empresarial, entre outras), por isso o pedagogo deve estar apto para atuar em diversos âmbitos, levando os conhecimentos de tal ciência para o gerenciamento de ações formativas em múltiplos setores da sociedade. É de competência desse profissional conduzir processos de aprendizagem que promovam mudanças comportamentais nas pessoas em qualquer contexto no qual o objetivo seja a formação do sujeito. Corroborando essa perspectiva, Libâneo (2001, p. 14) pontua: “Proponho que os profissionais da educação formados pelo curso de Pedagogia venham a atuar em vários campos sociais da educação, decorrentes de novas necessidades e demandas sociais a serem regulados profissionalmente”. Nesta segunda década do século XXI, atuar em vários campos sociais não se configura mais como uma proposição, e sim como uma realidade.

As transformações sociais originadas nas dimensões políticas, econômicas, culturais, tecnológicas e científicas impactaram a educação, de modo que práticas educativas passaram a efetivar-se em contextos diversos. Esse novo cenário se materializa na legislação. Assim, a Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno (CNE/CP) n. 1, de 15 de maio de 2006, em seu artigo 5º, inciso IV, preconiza que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: “Trabalhar, em espaços escolares e não escolares, na

promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo”. Uma dessas modalidades de ensino é a educação profissional, a qual tem articulação direta com o desenvolvimento social do país, pois o mundo do trabalho, com a globalização da economia e os avanços científicos e tecnológicos, passou a demandar um novo perfil profissional do trabalhador.

Para entendermos o papel da Pedagogia e sua interlocução com a educação profissional no contexto atual, precisamos, num primeiro momento, reconhecer que o capitalismo é o sistema econômico hegemônico na sociedade e se funda na exploração do sujeito como trabalhador. A mola propulsora deste sistema é a produção e venda de mercadorias com fins de obtenção de lucro, a qual é realizada pelas organizações. Então, para entender o lugar da educação profissional na contemporaneidade, faz-se necessário conhecer as demandas dos trabalhadores e das empresas.

No âmbito do capital, o desafio é melhorar os patamares de lucratividade; aperfeiçoamento e incremento da produção e, claro, desenvolver capacidades e motivar os trabalhadores a fim de que, ao melhorarem seu desempenho, alcancem, por conseguinte, o aumento da produtividade, o que redundará em ganhos cada vez mais expressivos. Concretamente, nas organizações o foco está sempre voltado para a obtenção de resultados cada vez melhores. Almejam obter o maior lucro possível com o menor custo. É nesse contexto que a qualificação dos trabalhadores passa a ser considerada parâmetro de lucratividade.

Numa economia globalizada, uma marca preponderante é a concorrência entre as organizações. Assim, a com-

petitividade força o investimento por parte da empresa no que diz respeito ao aprimoramento do conhecimento dos operários, de modo que venham a suprir as necessidades e exigências que o mercado globalizado impõe. A empresa, por sua vez, almeja manter-se numa posição privilegiada em relação à concorrência, então uma das medidas possíveis a ser adotada é a melhoria dos produtos e serviços, necessitando, para isso, de pessoal qualificado.

Nas disputas comerciais, o capital humano configura-se como um diferencial. É nesse cenário que a educação profissional ganha relevo. De fato, a qualificação passa a ser uma necessidade tanto da empresa quanto do trabalhador. Assim, surgem muitas escolas de educação profissional e instituições privadas que irão empreender esforços em prol da qualificação dos trabalhadores. É pertinente pontuar que, para viver com dignidade, o trabalhador precisa prover seu sustento a partir de sua inserção e permanência no mercado de trabalho.

Constitui-se direito do trabalhador dominar as exigências atuais, dado que “[...] o ambiente organizacional contemporâneo requer um funcionário pensante, criativo, proativo, analítico, com habilidade para resolução de problemas e tomada de decisões, capacidade de trabalho em equipe [...]” (GRECO, 2005, p. 10). Por outro lado, o trabalhador precisa desenvolver-se de tal modo que seu ingresso no mercado de trabalho não se faça apenas no plano da subserviência aos ditames do capital, mas que, na medida do possível, desenvolva sua autonomia como sujeito da história, e não apenas objeto, conforme defendera Freire (1996).

No que se refere à qualificação profissional, o Brasil é um país que, nas duas primeiras décadas do século XXI, ca-

nalizou recursos nessa área; no ano de 2017, registravam-se aproximadamente 560¹ institutos federais distribuídos no território nacional. É relevante pontuar que muitos cursos profissionalizantes ofertados pelos institutos federais têm por característica fundamental a competência técnica para o mercado de trabalho.

A Paraíba dispõe de dez institutos federais de educação, ciência e tecnologia². Os institutos federais oferecem cursos superiores, educação profissional técnica e de nível médio. O IFPB, um dos *locus* desta pesquisa, foi fundado a partir da integração de outras duas instituições: o Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (Cefet-PB) e a Escola Agrotécnica Federal de Sousa (EAF Sousa). Desde o início, os cursos eram voltados para atender às demandas de formação de mão de obra para o mercado de trabalho. O outro instituto que também foi *locus* de pesquisa foi o IFCE:

Criado oficialmente no dia 29 de dezembro de 2008, pela Lei n. 11.892, sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Instituto Federal do Ceará congrega os extintos Centros Federais de Educação Tecnológica do Ceará (Cefets/CE) e as Escolas Agrotécnicas Federais dos municípios de Crato e de Iguatu. (IFCE, 2015, p. 1).

No que concerne à educação profissional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n. 9.394/1996, confere a essa modalidade de ensino uma

¹ Dos quais mais de 250 institutos federais foram criados entre os anos de 2005 e 2017.

² Dados referentes ao ano de 2017.

dupla função, tanto a preparação para o prosseguimento dos estudos em nível de graduação quanto a qualificação para o exercício profissional.

Art. 36-D. Os diplomas de cursos de educação profissional técnica de nível médio, quando registrados, terão validade nacional e habilitarão ao prosseguimento de estudos na educação superior. Parágrafo Único – Os cursos de educação profissional técnica de nível médio, nas formas articulada concomitante e subsequente, quando estruturados e organizados em etapas com terminalidade, possibilitarão a obtenção de certificados de qualificação para o trabalho após a conclusão, com aproveitamento, de cada etapa que caracterize uma qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2010).

Cabe às escolas de educação profissional conduzir processos de aprendizagens de sorte que possibilitem aos trabalhadores o exercício do pensar e ser proativos, além de desenvolver habilidades para resolver problemas oriundos desse novo ordenamento do mundo do trabalho. Na contemporaneidade, os processos de trabalho estão a requerer otimização do tempo e dos recursos, consolidando, assim, uma interlocução entre a Pedagogia e o mundo do trabalho.

Nas práticas educativas voltadas para a formação dos trabalhadores, é função do pedagogo selecionar e organizar conteúdos condizentes com as necessidades dos trabalhadores e das empresas, tendo por objetivo promover processos de aprendizagem crítica, reflexiva e criativa, no

intuito de preparar o indivíduo para pensar com autonomia e criatividade, sendo capaz de contribuir para o aprimoramento da produção, além de agir com consciência crítica frente à exploração própria do sistema capitalista.

No mundo laboral, um desafio crucial dos trabalhadores é a luta contra o desemprego. Nesse contexto, a qualificação profissional passa a ser requisito fundamental para o ingresso e a permanência no mercado profissional. Os sujeitos precisam conhecer a dinâmica e a flexibilização que regem os processos de trabalho nesse momento histórico, e isso exige a qualificação permanente do sujeito; por outros termos, sem o conhecimento do que é exigido pelo mercado, o trabalhador é excluído do processo produtivo, assim a formação permanente passa a integrar a vida dos trabalhadores. Desse modo, a educação profissional – que vai efetivar-se nas empresas, em instituições de ensino privadas e em escolas de educação profissional – se apresenta como uma vasta área de atuação para o pedagogo.

Apresentação e análise de dados coletados na pesquisa de campo

Neste item, registramos e analisamos os dados coletados por meio da entrevista semiestruturada realizada com duas pedagogas, sendo uma que trabalhava no IFPB, no *campus* de Sousa, Paraíba, e outra que trabalhava no IFCE, em Fortaleza, Ceará, as quais identificaremos por “Profissional A” e “Profissional B”.

Iniciamos a entrevista indagando sobre a percepção delas acerca da relação entre a Pedagogia e o mundo do trabalho. Obtivemos as respostas conforme descrito a seguir:

É um campo muito bom, pois podemos atuar em áreas e empresas/instituições bem distintas, não faltando trabalho para o bom pedagogo. (Profissional A, 2017).

A Pedagogia tem um papel fundamental com o mundo do trabalho, porque o pedagogo consegue perpassar todos os espaços e se inserir principalmente nessa questão de organização dos processos. Seja na indústria, no hospital, na escola, no âmbito administrativo, ele tem um papel fundamental de organizar, orientar, formar e gerenciar. (Profissional B, 2017).

As entrevistadas demonstram estar cientes de que na contemporaneidade a Pedagogia dialoga também com múltiplos espaços e contextos, vindo, então, a favorecer que o pedagogo possa preparar-se para atuar numa área que melhor se adéque ao seu perfil. Um desses campos de trabalho é a educação profissional, a qual mantém estreita relação com o mundo laboral.

A partir das novas demandas oriundas do contexto social, o pedagogo passa a ser requisitado nos mais variados ambientes em que se efetivam práticas educativas com vistas a promover o desenvolvimento humano, social e profissional das pessoas. Sobre tal realidade, Libâneo (2001, p. 5) adverte: “Verificamos, assim, uma ação pedagógica múltipla na sociedade, em que o pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não formal [...]”.

As pedagogas demonstraram conhecer que o pedagogo pode atuar em qualquer instituição que necessite de

organização, direção, ações motivadoras, liderança, ou seja, ações técnicas, pedagógicas e administrativas. No âmbito legal, a Resolução CNE/CP n. 1/2006, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, no artigo 6º, inciso I, alínea C, estabelece como competência do pedagogo: “[...] observação, análise, planejamento, implementação e avaliação de processos educativos e de experiências educativas, em ambientes escolares e não escolares”. Assim, as demandas sociais são consolidadas por meio da legislação.

No que concerne à relação entre Pedagogia e mundo do trabalho, muitas são as possibilidades de atuação do pedagogo, pois “[...] as transformações ocorridas no sistema produtivo alteraram, de maneira significativa, a organização das empresas que mudaram seus modelos organizacionais para adaptarem-se às condições de imprevisibilidade colocadas pela transformação econômica e tecnológica” (DEL PINO, 1997, p. 24). Nesse cenário, a educação profissional do trabalhador constitui-se num imperativo neste início do século XXI.

Na sequência da entrevista, solicitamos às pedagogas que descrevessem o trabalho que realizavam nos institutos federais e obtivemos as seguintes respostas:

Pedagogo técnico, acompanhamento junto à coordenação da parte documental dos cursos, acompanhamento dos departamentos e coordenações aos alunos com dificuldades e problemas. Também realizamos encaminhamento aos setores de Psicologia e Assistência Social quando necessários. (Profissional A, 2017).

Dentro da instituição, o trabalho do pedagogo é organizar todo o processo educacional, desde o acompanhamento da construção dos planos de curso até a execução final destes nas salas de aula. No setor em que me encontro hoje, trabalho na construção do horário escolar, da organização do tempo, do espaço dentro da unidade, no suporte à direção de ensino para resolver questões administrativas, no atendimento ao próprio aluno; a gente, na verdade, perpassa todos os espaços da instituição. Geralmente em toda comissão que é formada, seja no âmbito administrativo ou pedagógico, o pedagogo se faz presente; sempre somos convidados para emitir pareceres sobre as questões da instituição, acompanhamento do desempenho do professor. De maneira geral, é isso. (Profissional B, 2017).

Os relatos das pedagogas nos permitem conhecer a diversidade e as especificidades das ações que desenvolvem nos institutos federais. Possibilitam-nos ampliar nosso olhar para a atuação do pedagogo ao identificarmos que, de acordo com as demandas institucionais, este profissional desenvolve atividades técnicas, pedagógicas, burocráticas e de apoio à administração.

Ao analisarmos o relato da Profissional B, podemos facilmente identificar o quanto os conhecimentos da Pedagogia, como ciência da educação, são necessários ao funcionamento dos institutos federais. Fazemos destaque para a parte de sua fala que se refere ao “[...] *acompanhamento do desempenho do professor*”; nesse caso, vale ressaltarmos que os institutos federais oferecem variados cursos na área tecnológica e muitos professores que ministram aulas nes-

ses cursos têm formação específica, mas não têm formação didático-pedagógica, daí justifica-se a necessidade de um pedagogo que faça esse acompanhamento. Tal ação é normatizada pela Resolução CNE/CP n. 1/2006, que, em seu artigo 4º, inciso II, estabelece as funções que o pedagogo pode exercer na instituição, a saber: “[...] planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não escolares”. Por outros termos, tem por finalidade pensar e conduzir processos educativos com vistas ao aprimoramento do padrão de qualidade em todos os níveis e modalidades de ensino, inclusive na educação profissional.

A respeito de como as entrevistadas percebiam esse novo campo de atuação para o pedagogo, obtivemos as seguintes respostas:

É um mercado amplo, mas também muito competitivo. Sabemos que a universidade não dá a formação completa e compreendemos que, na maioria das vezes, o pedagogo vai ‘se formando’ no exercício de sua profissão, no espaço em que desenvolve seu trabalho, ou seja, a partir do tipo de instituição em que trabalha. (Profissional A, 2017).

Eu entendo como um ganho, porque, quando você vai estudar a História da Pedagogia e do pedagogo, ela começa muito desvalorizada, limitada, equivocada. Com a evolução, vimos que o pedagogo pode contribuir bem mais. A partir dessa compreensão do que é o pedagogo e a Pedagogia, vimos que os espaços vão se abrindo e hoje conseguimos uma

visibilidade, um respeito que há até pouco tempo não conseguíamos. Você chega em uma instituição do porte do que é o instituto federal hoje e existe uma direção a nível de reitoria específica para a questão do pedagogo, para dar as diretrizes, acompanhar o trabalho do pedagogo. Todos os campi hoje têm o aporte do pedagogo; não se faz sequer um plano de curso sem que tenha o parecer final do pedagogo. (Profissional B, 2017).

Ambas apontaram a Pedagogia como um curso que evoluiu com o passar do tempo, a qual, apesar da desvalorização a ela aferida em décadas passadas, atualmente, na chamada *sociedade do conhecimento*, é necessária para o êxito dos serviços oferecidos por várias instituições. Suas contribuições aplicam-se tanto para dirigir e administrar quanto para promover ações técnicas e didático-pedagógicas.

A Profissional B fez destaque para a visibilidade e o respeito hoje atribuídos ao pedagogo e à Pedagogia. A nosso ver, essa valorização é decorrente das transformações sociais que exigem das pessoas um desenvolvimento humano e profissional diferenciado. Na dimensão humana, é preciso dar um salto qualitativo referente à autonomia e ao reconhecimento pessoal da necessidade de transformar-se, tendo em consideração o fato de que o mundo mudou. Na dimensão profissional, o desemprego estrutural, a concorrência entre os trabalhadores pelos minguados postos no mercado de trabalho formal, a competitividade entre as empresas e a inserção de incrementos tecnológicos ao processo produtivo, tudo isso fez mudar o perfil dos profissionais, e é nesse cenário que a educação profissional ga-

na relevância. No tocante às especificidades da instituição pesquisada, em seu funcionamento interno tem destaque a atuação do pedagogo, por ser o profissional apto a contribuir com o planejamento, acompanhamento e avaliação do processo pedagógico.

Convém pontuarmos que essas novas possibilidades de atuação do pedagogo devem fazer parte do debate acadêmico, a fim de que os graduandos possam se preparar da melhor forma possível para lidar com essas realidades oriundas do mundo do trabalho. Sobre tais demandas e seus impactos na formação de professores, Libâneo (1996) nos lembra que, ante as novas realidades econômicas e sociais decorrentes dos avanços tecnológicos na comunicação e informação, novos sistemas produtivos e novos paradigmas do conhecimento, impõem-se inevitavelmente novas exigências no debate sobre a formação de educadores.

Considerações conclusivas

Esta investigação se propôs a refletir acerca da interlocação entre a Pedagogia e a educação profissional, tomando por referência a atuação do pedagogo nos institutos federais tecnológicos (IFPB e IFCE). Tomando por base as concepções dos autores estudados e também as informações obtidas por meio da entrevista realizada com duas pedagogas, concluímos que a Pedagogia tem muito a contribuir em qualquer área em que se desenvolvam práticas educativas. De modo particular, considerando a temática aqui focalizada, o estudo permitiu constatar que existe uma relação orgânica entre a Pedagogia e a educação profissional.

A pesquisa mostrou que no cenário atual o trabalho humano passa por um processo de reconceptualização. As mutações do mundo do trabalho estão a exigir múltiplas aprendizagens daqueles que querem ocupar postos no mercado formal, e nesse contexto o pedagogo tem a função de contribuir no desenvolvimento das pessoas. Convém destacar que, no *locus* pesquisado, a educação profissional é feita por profissionais que têm o domínio dos conhecimentos específicos para cada área, entretanto cabe ao pedagogo pensar, organizar, sistematizar e acompanhar a implementação de todo o processo didático-pedagógico.

Quanto às especificidades da instituição pesquisada, foi possível identificar que os pedagogos realizam trabalho de ordem pedagógica e burocrática. Conforme relatado, fazem acompanhamento técnico junto à coordenação de cursos da parte documental. Além desse trabalho, também realizam acompanhamento pedagógico dos alunos que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem e, quando necessário, encaminham os referidos estudantes aos setores de Psicologia e Assistência Social.

Os relatos das entrevistadas esclareceram que os pedagogos organizam todo o processo didático-pedagógico – dos docentes que trabalham com conhecimentos específicos nas diferentes áreas – desde a elaboração dos planos de curso até a execução final destes, na sala de aula. Fazem a distribuição da carga horária e organizam o tempo e o espaço no âmbito do instituto. Identificamos que, além de trabalhos burocráticos e pedagógicos, os pedagogos oferecem suporte à direção de ensino para resolver questões administrativas. Conforme dito textualmente por uma pedagoga, seu trabalho “[...] *perpassa todos os espaços da insti-*

tuição”. Em seu relato, informou que em toda comissão, seja no âmbito administrativo ou pedagógico, o pedagogo tem participação efetiva. Ainda faz parte das atribuições do pedagogo no instituto federal a emissão de pareceres sobre as questões da instituição, bem como, por fim, acompanhar o desempenho dos professores.

As práticas aqui descritas permitem conhecer as atribuições do pedagogo na instituição focalizada e compreender a relevância do seu trabalho no âmbito da educação profissional. Podemos, então, depreender que nos institutos federais a função precípua do pedagogo é propiciar um diálogo entre a Pedagogia e o mundo do trabalho.

A pesquisa aponta ainda que é necessário o pedagogo se atualizar constantemente na perspectiva de aperfeiçoar sua prática no instituto. Ou seja, deve estar preparado para as novas demandas impostas pela sociedade contemporânea e também para atender às especificidades exigidas pelos diversos contextos educativos. Desse modo, ratificamos a necessidade da formação continuada tanto para os que atuam na educação básica quanto para os que atuam na educação profissional e em espaços não escolares.

Este estudo vem ratificar que o graduado em Pedagogia tem um vasto campo de atuação, podendo atuar em diversas áreas nas quais sejam necessárias práticas educativas. Assim, ao concluir esta investigação, constatamos que existem aspectos teóricos e práticos os quais precisam ser aprimorados na estrutura curricular do curso de Pedagogia. A nosso ver, as diversas áreas de atuação do pedagogo têm sido um tanto quanto esquecidas e/ou omitidas, deixando, assim, uma lacuna na formação do pedagogo, visto que, na sociedade contemporânea, esse profissional

pode atuar em hospitais, presídios, casas de acolhimento, editoras, centros urbanos de arte e cultura, Polícia Federal, Petrobras, Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), Tribunal de Justiça, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (Senat), institutos federais e em tantos outros espaços.

Por fim, esperamos com este trabalho fomentar o debate acadêmico em torno da atuação do pedagogo, a qual se realiza em contextos formais, informais e não formais. A certeza que fica é a de que estamos aprendendo a todo momento, pois, como adverte Freire (1996), somos seres inacabados e a busca pelo conhecimento é algo inerente ao desenvolvimento de todos nós.

Referências

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. 5. ed. Brasília, DF: MEC, 2010.

BRASIL. Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 maio 2006.

DEL PINO, M. A. B. *Educação, trabalho e novas tecnologias: as transformações nos processos de trabalho e de valorização do capital*. Pelotas: UFPEL, 1997.

FRANCO, M. A. *Pedagogia como ciência da educação*. Campinas: Papyrus, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRECO, M. G. O pedagogo empresarial. *Pedagogia em Foco*, Rio de Janeiro, 2005.

IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Histórico. In: IFCE. *Site oficial do IFCE*. Fortaleza: IFCE, 2015.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. *Pedagogia, ciência da educação?*. São Paulo: Cortez, 1996.

PIMENTA, S. G. *Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, A. P. *O pedagogo em espaços não formais de ensino: a pedagogia na empresa*. 2009. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Programa de Graduação em Pedagogia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado¹, foi procedida a correção gramatical e estilística do livro intitulado **Pedagogia do Trabalho: a Atuação do Pedagogo na Educação Profissional**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 16 de novembro de 2019.

Felipe Aragão de Freitas Carneiro

Felipe Aragão de Freitas Carneiro



DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização técnica do livro intitulado **Pedagogia do Trabalho: a Atuação do Pedagogo na Educação Profissional**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 16 de novembro de 2019.

Felipe Aragão de Freitas Carneiro

Felipe Aragão de Freitas Carneiro

¹ Número do registro: 89.931.

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil*: breve contextualização histórica. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964*: novos e velhos atores na luta pela anistia. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (Org.). *Educação e saúde*: um olhar interdisciplinar. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (Org.). *Golpe de 1964*: história, geopolítica e educação. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (Org.). *Capoeira no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (Org.). *Tudo que não inventamos é falso*: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (Org.). *Ensino de História na educação básica*: reflexões, fontes e linguagens. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (Org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (Org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (Org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (Org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.
12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (Org.). *Entre o derreter e o enferrujar*: os desafios da educação e da formação profissional. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (Org.). *Cultura, sociedade e educação brasileira*: teceduras e interfaces possíveis. Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.
14. PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia*: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores –

- contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (Org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.
 16. LEITE, Raimundo Hélio (Org.). *Avaliação: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
 17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Dennys Leite (Org.). *Lições do projeto um computador por aluno: estudos e pesquisas no contexto da escola pública*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
 18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
 19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (Org.). *Juventudes e políticas públicas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
 20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (Org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
 21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (Org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
 22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias (Org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
 23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (Org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade*. EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
 24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (Org.). *Contratualismo, política e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
 25. XAVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (Org.). *Administração pública: desafios contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.
 26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (Org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.
 27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (Org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.
 28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (Org.). *Ensino & linguagens da História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.
 29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VAS-

- CONCELOS, Larissa Meira de (Org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (Org.). *Economia, políticas sociais e educação: tecendo diálogos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.
32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (Org.). *Polifonia em juventudes*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Júlio Wilson (Org.). *Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (Org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (Org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
36. MALOMALO, Bas'Illele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (Org.). *Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infra-tor" no Brasil: breve contextualização histórica*. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (Org.). *Formação de professores: pesquisas, experiências e reflexões*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (Org.). *A democratização da gestão educacional: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.
40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (Org.). *Estudos em educação: formação, gestão e prática docente*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.
41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (Org.). *História, políticas públicas e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.
42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (Org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979)*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.
43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.
44. PORTO, José Hécio Alves. *Escritos: do hoje & sempre poesias para todos momentos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.
45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRANDENBURG, Cristine (Org.). *Educação, memórias e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.
46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (Org.). *Juventudes em debate*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.

47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAINAC, Mônica Duarte (Org.). *Educação em debate*: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil. Fortaleza: EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.
48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (Org.). *As voltas da avaliação educacional em múltiplos caminhos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.
49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (Org.). *Ensino médio*: políticas educacionais, diversidades, contextos locais. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.
50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charliton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (Org.). *Eu conto, você conta*: leituras e pesquisas (auto)biográficas. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.
51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.
52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva (Org.). *História, memória e narrativas biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.
53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (Org.). *Memórias escolares: quebrando o silêncio...* Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.
54. CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.
55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (Org.). *Docência e formação: percursos e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN: 978-85-7826-551-9.
56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço da (Org.). *Avaliação educacional*: estudos e práticas institucionais de políticas de eficácia. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda (Org.). *Avaliação da aprendizagem*: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-85-7826-553-3.
58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (Org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinaridades*: aproximações com o contexto escolar. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-560-01.
59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.
60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (Org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-562-5.
62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.
63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (Org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação*: afetos e (trans)formações. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.

64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (Org.). *Costurando histórias: conceitos, cartas e contos*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocysana Cavalcante da; SILVA, Jáderson Cavalcante da (Org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (Org.). *Pesquisa em Rede: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.
68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Seguro-Desemprego: estudo de caso*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camila Saraiva de (Orgs.). *Pesquisas educacionais: abordagens teórico-metodológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.
70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (Orgs.). *Entrelugares: Tecidos Sociopoéticos em Revista*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. ISBN: 978-85-7826-628-8.
71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (Orgs.). *Jovens bailarinas de Vazantinha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (Orgs.). *Jovens bailarinas de Vazantinha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (E-BOOK).
73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (E-BOOK).
75. SILVA, Kricia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.
76. SILVA, Kricia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (E-BOOK).
77. VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. *Entre acordes das relações de gênero: a Orquestra Jovem da Escola "Padre Luis de Castro Brasileiro" em União-Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 247 p. ISBN: 978-85-7826-647-9.
78. XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Autores). *História, memória e educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p. ISBN: 978-85-7826-648-6.
79. MACHADO, Charliton José dos Santos (Org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-

- 7826-654-7.
80. MACHADO, Charliton José dos Santos (Org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-653-0 (E-book).
 81. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-651-6.
 82. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-652-3 (E-book).
 83. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-650-9.
 84. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-649-3 (E-book).
 85. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-664-6.
 86. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-662-2 (E-book).
 87. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTA-ANA, Ajanayr Michelly Sobral (Org.). *Gênero e cultura: questões políticas, históricas e educacionais*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 281 p. ISBN: 978-85-7826-673-8.
 88. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (Org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
 89. DAMASCENO, MARIA NOBRE. *Lições da Pedagogia de Jesus: amor, ensino e justiça*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 119 p. ISBN: 978-85-7826-689-9.
 90. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-690-5.
 91. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-691-2 (E-book).
 92. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Autores). *Tudo azul com dona Neuza: Poder e Disputa Local em 1968*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 141 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
 93. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (Org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-671-4 (E-book).
 94. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-702-5.
 95. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-703-2 (E-book).
 96. LEITINHO, Meirecele Caliope; DIAS, Ana Maria Iorio (Org.). *Discutindo o pensamento curricular: processos formativos*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 203 p. ISBN: 978-85-7826-701-8.

97. BEZERRA, Milena de Holanda Oliveira; GADELHA, Raimunda Rosilene Magalhães; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos; FERREIRA, Paulo Jorge de Oliveira (Org.). *Educação e saúde: vivendo e trocando experiências no Programa de Educação pelo Trabalho (PET)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 233 p. ISBN: 978-85-7826-713-1 (E-book).
98. SUCUPIRA, Tânia Gorayeb; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO; Lia Machado Fiuza. *Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 151 p. ISBN: 978-85-7826-687-5.
99. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (Org.). *Debates em História da Educação e Formação de Professores: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 300 p. ISBN: 978-85-7826-724-7 (E-book).
100. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Joccyana Cavalcante da (Org.). *Práticas de ensino: semeando produções científicas parceiras*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 179 p. ISBN: 978-85-7826-725-4.
101. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (Org.). *Exercício da escrita (auto)biográfica*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 398 p. ISBN: 978-85-7826-723-0 (E-book).
102. SILVA; Adryel Vieira Caetano da; NASCIMENTO; Jordana Marjorie Barbosa do; VIEIRA, Livia Moreira Lima; LOPES, Thaynara Ferreira; CARVALHO, Rhanna Emanuela Fontenele Lima de (Org.). *25 Anos de PET Enfermagem: uma trajetória de pesquisa, conhecimento e promoção de saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 215 p. ISBN: 978-85-7826-745-2 (E-book).
103. SILVA, Maria do Socorro Borges da. *De “mulher-maravilha” a “cidadão persi”*: professoras capulana do educar em direitos humanos. Fortaleza: EdUECE, 2019. 109 p. ISBN: 978-85-7826-753-7.
104. COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (Org.). *Círculo de cultura sociopoético: diálogos com Paulo Freire sempre!*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 190 p. IISBN: 978-85-7826-741-4 (E-book).
105. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (Org.). *Letramentos e suas Múltiplas Faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p.
106. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (Org.). *Pedagogia do Trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. Isbn: 978-85-7826-774-2.
107. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (Org.). *Pedagogia do Trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. Isbn: 978-85-7826-775-9 (E-book).